

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM HISTÓRIA
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

ERINTON AVER MORAES

**URBANOS SIM, MODERNOS TALVEZ: NOTAS SOBRE A
CULTURA DE MORAR EM CAXIAS DO SUL**

CAXIAS DO SUL

2019

**URBANOS SIM, MODERNOS TALVEZ: NOTAS SOBRE A
CULTURA DE MORAR EM CAXIAS DO SUL**

Erinton Aver Moraes

Trabalho de Conclusão de Mestrado submetido à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em História, Área de Concentração: Ensino de História: Fontes e Linguagens. Linha de Pesquisa: Fontes e Acervos na Pesquisa e Docência em História.

Caxias do Sul, 9 de dezembro de 2019.

Banca Examinadora:

Dr. Roberto Radünz
Universidade de Caxias do Sul

Dra. Cristine Fortes Lia
Universidade de Caxias do Sul

Dra. Daniela Mendes Cidade
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

M827u Moraes, Erinton Aver

Urbanos sim, modernos talvez : notas sobre a cultura de morar em
Caxias do Sul / Erinton Aver Moraes. – 2019.

143 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa
de Pós-Graduação em História, 2019.

Orientação: Roberto Radünz.

1. Cultura - Caxias do Sul. 2. Habitações - Caxias do Sul. 3.
Arquitetura de habitação. 4. Italianos. I. Radünz, Roberto, orient. II.
Título.

CDU 2. ed.: 316.7(816.5CAXIAS DO SUL)

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)
Carolina Machado Quadros - CRB 10/2236

AGRADECIMENTOS

À Mara De Carli dos Santos, pelo generoso auxílio nas reconstituições dos ambientes das casas, pelas memórias íntimas compartilhadas e, especialmente, pela emoção e entusiasmo no decorrer de todo o processo.

Ao Roberto Radünz, meu orientador, pelo apoio às decisões tomadas, pela afável condução do trabalho, pelas conversas e partilhas.

Ao Guilherme Neres Cerbaro, acadêmico de Arquitetura, pela execução das modelagens em 3D e vídeos.

À Jéssica De Carli dos Santos e sua equipe de estagiárias, em especial Daniela Bortolotto, pelo envolvimento na reconstituição da casa antiga.

À Cristine Fortes Lia, por me apresentar Certeau, pelas contribuições na etapa de qualificação e pelo incentivo ao uso da linguagem adotada no texto.

Aos professores e professoras do Mestrado em História e aos novos colegas, por me possibilitarem a entrada em um mundo acadêmico mais humano e afetuoso.

À Ana Elísia, pela inspiração e companheirismo na vida.

Ao Fábio, pelo apoio amoroso e pela compreensão inesgotável.

RESUMO

A história dos imigrantes italianos e seus descendentes, em Caxias do Sul e região, tem sido contada de inúmeras formas e a partir de diferentes matizes epistemológicos. Essa pesquisa procura abordá-la do ponto de vista da arquitetura de suas casas e, mais especificamente, da cultura de morar. A opção por esse objeto de investigação, a casa, ocorre porque essa é um lugar privilegiado para o estudo da intimidade, capaz de expor hábitos e costumes dos seus moradores, revelando aspectos da cultura local. A escolha da casa como objeto de estudo permite, portanto, dupla abordagem; uma diz respeito à história de seus habitantes e seus hábitos, mote dessa investigação; a outra, não menos importante, se refere ao exame localizado e periférico da arquitetura brasileira, contribuindo, dessa forma, para a apreensão e compreensão da totalidade dessa produção. Em relação a esse último aspecto, esse texto aponta na direção oposta àquela que reforça um olhar unitário, apagando diferenças, exaltando as formas dominantes e dominadoras e dissimulando a diversidade.

Palavras-chave: Cultura de morar. Arquitetura residencial. Imigração italiana.

ABSTRACT

The history of Italian immigrants and their descendants, in Caxias do Sul and region, has been told in countless ways and from different epistemological shades. This research seeks to approach it from the point of view of the architecture of their houses and, more specifically, the culture of living. The option for this object of investigation, the house, occurs because this is a privileged place for the study of intimacy, able to expose habits and customs of its residents, revealing aspects of the local culture. The choice of the house as object of study therefore allows a double approach; one concerns the history of its inhabitants and their habits, the motto of this investigation; the other, no less important, refers to the localized and peripheral examination of Brazilian architecture, thus contributing to the apprehension and comprehension of the totality of this production. In relation to this last aspect, this text points in the opposite direction to that which reinforces a unitary view, erasing differences, exalting dominant and dominating forms and dissimulating diversity.

Keywords: Living culture. Residential architecture. Italian immigration.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: As 17 léguas	23
Figura 2: Caxias do Sul, em torno de 1876	24
Figura 3: Mapa do primeiro núcleo urbano	25
Figura 4: Alterações no traçado original	26
Figura 5: Rua Grande, atual Av. Júlio de Castilhos	28
Figura 6: Primeira ampliação do perímetro urbano, em 1897, em azul	29
Figura 7: Praça Dante em obras, em 1899	30
Figura 8: Cabana de pau a pique	32
Figura 9: Fogão	33
Figura 10: Interior multifuncional, dominado pelo pai	34
Figura 11: sótão e porão semienterrado (telhado substituído)	36
Figura 12: Porão e vinho	37
Figura 13: Inauguração da estrada de ferro	43
Figura 14: Segunda ampliação urbana, em 1910 (linha tracejada preta)	44
Figura 15: Praça Dante em 1905	45
Figura 16: Praça Dante em 1915	45
Figura 17: Planta baixa térreo casa antiga	51
Figura 18: Planta baixa casa moderna	51
Figura 19: Acesso principal	52
Figura 20: Varanda lateral	53
Figura 21: Sala de visitas/jantar	54
Figura 22: Sala de estar	56
Figura 23: Um espaço, muitas portas	57
Figura 24: Acesso social	58
Figura 25: Varanda frontal	59
Figura 26: Sala de visitas	60
Figura 27: Sala de TV	61
Figura 28: Lareira e TV	62
Figura 29: Painéis de madeira pivotantes	63
Figura 30: Sala de jantar	64
Figura 31: Quartos expostos a partir da entrada	68

Figura 32: Quarto de Nona Angelina	68
Figura 33: Roupeiro e cômoda	69
Figura 34: Quarto do casal/filho	71
Figura 35: Cama e roupeiro	71
Figura 36: Quarto do sótão	72
Figura 37: Quarto das filhas	73
Figura 38: Estante, cômoda e roupeiro	74
Figura 39: Planta baixa sótão	75
Figura 40: Quarto de brinquedos	75
Figura 41: Banheiro	77
Figura 42: Corredor com vista do quarto do casal	80
Figura 43: Mobiliário do quarto do casal	81
Figura 44: Roupeiro embutido do casal	82
Figura 45: Banheiro suíte casal	83
Figura 46: Banheiro social	85
Figura 47: Dormitório Nona Angelina, com roupeiro divisório	86
Figura 48: Quarto do filho, com roupeiro divisório	87
Figura 49: Quarto da filha	88
Figura 50: Armário e cômoda/penteadeira	89
Figura 51: Planta baixa porão	91
Figura 52: Acesso ao porão	92
Figura 53: Lavanderia	93
Figura 54: Cozinha	94
Figura 55: Fogão a lenha	95
Figura 56: Copa	96
Figura 57: Copa, TV e geladeira	97
Figura 58: Garagem	98
Figura 59: Garagem/festas	99
Figura 60: Banheiro serviço/lavabo	100
Figura 61: Dormitório empregada	101
Figura 62: Lavanderia/aquecedor de água	103
Figura 63: Geladeira/armários/refeições rápidas	104
Figura 64: Pia/fogão a gás/fogão a lenha	105

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	DE COLÔNIA A CIDADE: A CONSTITUIÇÃO DO MORAR	20
2.1	A SEDE DE UMA COLÔNIA	22
2.2	MORAR NA COLÔNIA	30
2.2.1	As construções provisórias	30
2.2.2	A morada definitiva	35
2.3	UMA CIDADE, ENFIM	43
3	TRÊS VISITAS EM DOIS ESPAÇOS-TEMPOS	47
3.1	CONVÍVIO FAMILIAR E SOCIAL	50
3.1.1	Discreta formalidade	52
3.1.2	Naturalidade planejada	58
3.2	PRIVACIDADE E INTIMIDADE	65
3.2.1	Privacidade compartilhada	67
3.2.2	Intimidade preservada	79
3.3	TRABALHO DOMÉSTICO	90
3.3.1	Precária organização	91
3.3.2	Eficiência racional	97
4	CONCLUSÃO	107
	REFERÊNCIAS	117
	ANEXOS	122

1 INTRODUÇÃO

Existem tantas casas: as da gente e as dos outros; as grandes e as pequenas; as que se tem, as que se pode ter e as que nunca se terá; as de madeira, de tijolos e as de vidro; as da infância, da juventude e as derradeiras da velhice; as de passagem e as que permanecem durante uma vida. Existem as reais e as da imaginação e há, por fim, as que habitam a memória e os afetos. Independente de seu tamanho ou do material de que são feitas, essas são o lugar de constituição primeira do sujeito, sedes dos fundamentos da vida e referência a partir da qual o porvir continuamente se constrói.

Casa também é abrigo, é proteção, “é nosso canto do mundo. Ela é, como se diz frequentemente, nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo.” (BACHELARD, 1993, p. 24). Casa é, então, pele, é camada que separa o sujeito do mundo, mas, ao mesmo tempo, atravessada de outros mundos. Dentro da casa, o universo existe, reinterpretado por aquele que a habita.

Habitar é, portanto, refazer o mundo, e “todo espaço verdadeiramente habitado traz a essência da noção de casa.” (BACHELARD, 1993, p. 25). E casas são habitadas de diferentes formas, por diferentes grupos, criando e recriando universos particulares, que se refletem no mundo além de suas paredes e são por ele afetados, em um movimento circular contínuo. A essas formas de habitar se dará o nome de cultura de morar.

Artefato produzido pelo homem, “cenário da vida privada e das aprendizagens mais pessoais, tópico das recordações de infância, a casa é o sítio de uma memória fundamental que nosso imaginário habita para sempre.” (PERROT, 1991, p. 299). Animado pela memória transposta em imagens, o visitante das casas que serão aqui apresentadas percorrerá os espaços de casas afetivas, porque recriadas pela lembrança de seus residentes, mas que representam e ilustram, sem prejuízo da realidade, os hábitos e costumes dos moradores da região, que um dia partiram da Itália, como imigrantes, e aqui construíram seus novos cosmos. A casa, assim:

Remete a dois aspectos inerentes à arquitetura: a) aquele concernente à lógica estruturadora da forma e dos seus vazios [...] e b) aquele relativo à maneira como a ocupamos, seja para o desenvolvimento de atividades, seja para circular, aqui denominados de eventos. No que se refere ao primeiro, interessa descrever e analisar o arranjo dos elementos constituintes da forma arquitetônica, entendida como o arranjo de barreiras e permeabilidades, ou seja, os componentes materiais que ordenam os nossos movimentos e o nosso olhar – por onde ir e como apreender o ambiente que nos rodeia. Quanto ao segundo, interessa observar como pessoas ocupam e interagem no interior da arquitetura. (AMORIM, 2007, p. 87).

A imigração tem causa, tempo e lugar, e inicia no final do século XIX, quando a política imigratória brasileira, em parte decorrente da proibição do tráfico de escravos, tinha como um dos seus objetivos povoar as imensas zonas desertas do interior do país com mão de obra europeia; como resultado, chegaram milhares de italianos ao Rio Grande do Sul entre 1885 e 1906 (GIRON; BERGAMASCHI, 2004). Nesse contexto surgiu a Colônia aos Fundos de Nova Palmira, em 1875, na encosta nordeste do RS, ocupada por parte desses imigrantes. Em dois anos, o povoado recebeu o nome de Colônia Caxias; desde então, a Vila, alçada à categoria de cidade em 1910 (MACHADO, 2001), experimentou acelerado crescimento e desenvolvimento, aproximando-se da marca de meio milhão de habitantes nos dias atuais.

Nesse percurso de quase um século e meio, Caxias do Sul sofreu as mesmas transformações verificadas em muitas cidades brasileiras: urbanização, industrialização, crescimento acelerado e precarização dos espaços. No entanto, sua colonização, por imigrantes italianos, e sua localização, em ambiente inicialmente hostil, parecem ter forjado características cujas especificidades residem nesse marco fundamental. Ou seja, a trajetória de Caxias do Sul está fortemente vinculada à cultura desses imigrantes e às dificuldades iniciais que enfrentaram na ocupação do território. Apesar da miscigenação ocorrida ao longo dos anos, a influência dos imigrantes italianos que ocuparam a Serra Gaúcha se verifica em diversos aspectos da vida e da cultura dessa região.

Inúmeras são as referências e alusões ao passado, muitas vezes retratado como heroico, daqueles que aportaram em terra inóspita e a domesticaram. A história dos colonos italianos e seus descendentes, em Caxias do Sul e região, tem sido contada de inúmeras formas e a partir de diferentes matizes epistemológicos. Esse trabalho procura abordá-la do ponto de vista da arquitetura de suas casas e, mais especificamente, da cultura de morar. A opção por esse objeto de investigação, a casa, ocorre porque essa é um lugar privilegiado para o estudo “dos valores de intimidade do espaço interior.” (BACHELARD, 1993, p. 23), capaz de expor hábitos e costumes dos seus moradores, revelando, a partir da intimidade, aspectos da cultura local. Ao mesmo tempo em que é “o domínio privado por excelência” (PERROT, 1997, p. 307), a casa é também “fundamento material da família e pilar da ordem social.” (PERROT, 1997, p. 307).

A escolha da casa como objeto de estudo permite, portanto, dupla abordagem. A primeira diz respeito à história de seus habitantes e seus hábitos, mote dessa investigação, situando sempre a relação entre o sujeito que habita e objeto que é habitado. Nesse sentido, a casa, “muito mais que projeto e construção material, é receptáculo de mitos, de práticas e de acontecimentos que, cotidianos, ganham às vezes outra dimensão no campo afetivo.” (BRANDÃO, 2002, p. XIII). Assim, “a casa vai além de lugar, abrindo-se para ideais, individuais ou coletivos, equivalentes da cultura, fragmentos das histórias.” (CARVALHO, in LEITÃO; AMORIM, p. 139.). A segunda abordagem se refere a um exame localizado da arquitetura brasileira, contribuindo, dessa forma, para a apreensão e compreensão da totalidade dessa produção.

Ao focar a pesquisa em objetos tão específicos, tanto pelas suas características quanto pela sua localização geográfica, considerada periférica em relação aos grandes centros hegemônicos do País, esse texto aponta na direção oposta àquela que reforça “uma visão totalizadora que apaga as diferenças, exalta as formas dominadoras e dissimula a diversidade.” (SEGAWA, 1997, p. 13). A investigação também se justifica porque “a história da arte contemporânea no Brasil somente poderá ser escrita de forma abrangente quando todas as regiões do país tiverem sido cobertas por levantamentos que se constituirão em subsídios para ela.” (LOURENÇO, 1995, p. 97).

Assim, analisar a arquitetura caxiense através das transformações do espaço de morar e, principalmente, da cultura de morar de seus habitantes, significa examinar a própria história da arquitetura e de seus usuários, não pela produção autoral centralizada, normalmente caracterizada como de exceção, mas através daquela produzida onde a vida cotidiana se desenrola. Dessa forma, essa pesquisa se afasta daquela abordagem que “fazia do homem público o herói e o ator da única história que merece ser contada” (PERROT, 1991, p. 9), assumindo a instância do privado como “o local de nossas delícias e servidões, de nossos conflitos e sonhos; o centro, talvez provisório, de nossa vida, enfim reconhecido, visitado e legitimado.” (PERROT, 1991, p. 9).

Heidegger (2012), em texto singular que proferiu em uma conferência pronunciada por ocasião da Segunda Reunião de Darmstadt, em 1951, diz que o pensar está diretamente vinculado ao habitar que, por sua vez, diz respeito ao construir. Assim, como se pensa ou, de outra forma, o que se é, pode também ser definido a partir de como se habita naquilo que se constrói. Assim sendo, descrever e analisar a casa, além de informar sobre ela mesma, expõe aspectos da vida privada daquele que a habita e, por efeito, do grupo que ele representa, revelando facetas da sua cultura. Ao fazê-lo considerando um determinado intervalo de tempo, é possível verificar as mudanças socioculturais ocorridas naquele espaço-tempo específico, o que também pode revelar nuances de um fenômeno universal.

Se a casa demonstra especificidades culturais de quem a constrói e habita, ela é, antes, consequência dessa mesma cultura; o homem e suas tradições antecedem sua morada. Portanto, pode-se inferir que os hábitos, costumes e conhecimentos trazidos ou aqui adquiridos pelos imigrantes italianos, relativos à organização funcional da casa, somados às peculiaridades físicas e climáticas do lugar, teceram uma arquitetura singular, essencialmente popular, uma vez que brota espontaneamente do povo, a partir da sua tradição, sem a presença de profissional especializado. (POSENATO, 1983).

No entanto, ao longo do tempo, surge uma arquitetura que pode ser entendida como erudita, erigida com a presença de profissional especializado, oficializada nas e/ou a partir das academias, cuja presença, em Caxias do Sul, se observa a partir de meados do século XX: a Arquitetura Moderna. Essa arquitetura,

no Brasil e no mundo, “é interpretada como consequência e projeto da modernidade.” (BUZZAR, 2003, p. 2).

Essa discussão, contudo, não diz respeito à Arquitetura do ponto de vista de seus atributos compositivos ou tecnológicos. Tomando-se a casa “como núcleo de projeção de concepções de vida, [...] sob a óptica da formação da nação e do indivíduo” (BUZZAR, 2003, p. 2), interessa estabelecer relações entre as configurações do espaço de morar e os hábitos e costumes que precedem e/ou definem esses arranjos espaciais, tornando “as análises não apenas registros da história, mas construtos culturais de uma ligação entre o passado e o presente.” (BUZZAR, 2003, p. 3). Pretende-se, com isso, verificar as transformações que o espaço moderno caxiense impôs sobre os hábitos de seus moradores, a fim de estabelecer em que grau os parâmetros de modernidade se confirmam ou, em oposição, cedem espaço aos valores observados nos costumes de seus antepassados.

Opta-se, aqui, pela utilização do termo “costume” e não “tradição” por considerar-se que o primeiro parece mais pertinente à presente análise, pois, se a “tradição” tem como principal característica a invariabilidade, o “costume”:

Não impede as inovações e pode mudar até certo ponto, embora evidentemente seja tolhido pela exigência de que deve parecer compatível ou idêntico ao precedente. Sua função é dar a qualquer mudança desejada (ou resistência à inovação) a sanção do precedente, continuidade histórica e direitos naturais conforme o expresso na história. (HOBBSAWM; RANGER, 2015, p. 8).

A investigação também pretende contribuir para a preservação da memória local. O resguardo, por meio da documentação dessa arquitetura, pode significar a permanência, mesmo que somente na memória coletiva, de alguns objetos que fizeram parte da história de Caxias do Sul e, por extensão, do Estado e do País, fornecendo subsídios para a construção de uma consciência acerca do valor patrimonial desses exemplares.

Em relação aos objetos de estudo, os professores Ana Elisia da Costa (coord.), Daniela Cidade e Erinton Aver Moraes, do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UCS, realizaram uma pesquisa, entre 2004 e 2006, intitulada Inventário da Arquitetura Modernista na Serra Gaúcha, que resultou em um extenso registro de edifícios modernos, de todos os programas, nas cidades da região, incluindo Caxias do Sul. Essa pesquisa teve desdobramentos por mais quatro anos, com outras abordagens, sendo uma delas, entre 2006 e 2008, a partir da pesquisa Modernidade e Cultura de Morar na Serra Gaúcha, o início de uma discussão acerca da cultura de morar na Serra, cujos objetos de estudo foram as residências levantadas na pesquisa anterior (ANEXO A), das décadas de 1950, 1960 e 1970.

Ao longo da pesquisa, percebeu-se que, para estabelecer essa discussão, seria necessário analisar comparativamente o acervo moderno, já levantado, com os edifícios que antecederam essa arquitetura. Realizou-se, assim, o levantamento das casas urbanas do período que compreende as primeiras décadas do século XX em Caxias do Sul (ANEXO B), compreendendo as décadas de 1920, 1930 e 1940.

Em um primeiro momento, pensou-se em utilizar esse acervo como objeto dos estudos propostos para o trabalho, demonstrando-os graficamente, através de suas plantas baixas. No entanto, em uma revisão desses objetos, percebeu-se que as variações tipológicas, relativas à organização espacial e funcional, existem, mas não são significativas do ponto de vista da cultura de morar; quando se observam as plantas a partir das categorias de análise, apresentadas adiante, nota-se que é possível selecionar uma residência de cada período para ilustrar a discussão.

Assim, optou-se, para representar o acervo, pela casa de Sady De Carli, situada na esquina das ruas Visconde de Pelotas e Hércules Galló, localizada dentro do perímetro do primeiro traçado urbano de Caxias do Sul. É um projeto do início da década de 1970, que apresenta muitos elementos modernos e a autoria é de Paulo Bertussi e João Marchioro. A família proprietária da casa, uma das poucas remanescentes do período moderno, contribuiu de forma generosa, fornecendo todos os documentos relativos ao projeto, além de informações importantes para o entendimento dos hábitos que a nova casa impôs aos seus moradores.

Ao longo das conversas com a família¹ da casa moderna, soube-se que a mesma havia morado, anteriormente, no mesmo lote, em uma casa de madeira construída na década de 1930, construída por Dante Guidalli, filho de imigrante e sogro de Sady De Carli. Surgiu então a possibilidade de utilizar essa como objeto para ilustrar as discussões relativas aos costumes dos descendentes de italianos antes da modernidade. No entanto, não havia registro gráfico da casa, o que foi constatado mediante busca no Arquivo Histórico Municipal e na Prefeitura Municipal de Caxias do Sul. Como, então, proceder?

O fato de ilustrar as discussões com dois objetos que caracterizam e sintetizam os elementos relacionados às duas épocas, pertencentes à mesma família, pareceu ser oportuno, visto que a possibilidade de dialogar com a família poderia preencher as lacunas da falta de informações pontuais a respeito dos hábitos domésticos do núcleo familiar. A hipótese de reconstituir virtualmente a casa surgiu como possibilidade de viabilizar o trabalho.

Com a generosidade e disponibilidade que marcaram todo o processo, uma das proprietárias atuais, Mara De Carli Santos, filha de Sady De Carli, desenhou, a próprio punho, e em diferentes escalas, o interior e as fachadas da antiga moradia (ANEXO C), a partir da memória e de algumas fotografias de seu acervo particular. Esse foi o começo do processo de reconstituição da casa.

O conceito de memória é amplo, mas aqui, diz respeito à aptidão de retenção de uma informação e à capacidade de evocá-la quando necessário. Nesse aspecto:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (LE GOFF, 1990, p. 366).

Na relação entre História e Memória, essa questão filosófica parece ocupar lugar de especial importância, pois remete ao seguinte questionamento: a memória é

¹ As conversas foram inúmeras e sempre informais, regadas a café, e muitas mensagens e e-mails também foram trocados por um período de quase um ano, iniciando efetivamente em Janeiro de 2019.

uma forma direta de relação com o passado ou é uma representação presente desse passado? Em outras palavras, ao referirmo-nos a eventos passados, recentes ou longínquos, objeto da História, estimulados pela lembrança, estamos nos reportando ao fato em si ou ao que ele representa ou significa a quem os evoca?

Parece que uma alternativa não exclui a outra pois, para Changeux, "o processo da memória no homem faz intervir não só a ordenação de vestígios, mas também a releitura desses vestígios" (in LE GOFF, 1990, p. 366), sugerindo que parte da narrativa sobre um fato situado no passado passa pela capacidade de interpretação do narrador sobre esse fato e das associações que consegue estabelecer com outros. De qualquer forma, "a história se faz a partir do e para o presente." (MUNIZ, in ALMEIDA GONÇALVES *et al*, 2012, p. 30).

O segundo passo consistiu em descobrir as proporções do desenho, o que foi possível graças a uma imagem aérea do ano de 1955 (ANEXO D), localizada no site da Prefeitura Municipal de Caxias do Sul, na qual se podia observar claramente, a despeito da qualidade da mesma, a implantação da casa no lote. Com isso, as medidas do perímetro da casa foram definidas para, então, ajustar as dimensões e as proporções dos espaços interiores desenhados. Por fim, procedeu-se a digitalização do objeto.

Os objetos que ilustram as discussões se situam, portanto, em dois períodos da história da arquitetura em Caxias do Sul, sendo que o primeiro contempla as casas do período de apogeu da Arquitetura da Imigração, sugerido por Posenato (1983), que estabelece as décadas de 1890 a 1930, aproximadamente. Esse período se aproxima do proposto por Segawa (1997) em relação à arquitetura brasileira, que vai de 1880 a 1926, definido pelo autor como o de *busca de alguma modernidade*.

Para a definição do segundo período, Segawa fixa os anos de 1945 a 1970 como sendo o de *afirmação de uma hegemonia*, o que sugere a disseminação da Arquitetura Moderna também nas regiões periféricas, além dos centros produtivos. Nesse período, a arquitetura brasileira ganha novo *status*, pois:

A repercussão internacional da moderna arquitetura brasileira representou, no plano doméstico, uma legitimação e um reconhecimento social inéditos para uma categoria e para uma prática profissional, até então visível como uma derivação da engenharia ou apenas uma atividade artística associada à construção. (SEGAWA, 1997, p. 129).

Na esfera local, a produção encontrada nesse mesmo espaço de tempo parece conter, em número e atributos, uma arquitetura que, em certa medida, pretende conferir certo grau de prosperidade e modernidade à cidade. As primeiras casas a apresentar elementos modernos começam a surgir em Caxias do Sul nos anos de 1940, década que marca o início de um processo mais dinâmico de industrialização na cidade, o qual acabou por impulsionar de forma definitiva seu desenvolvimento, ao mesmo tempo em que alterou suas características fundadoras de região agrícola colonizada para polo industrial. Segundo Herédia:

Na década de quarenta ocorreu uma série de relevantes transformações na composição industrial de Caxias do Sul. Junto às indústrias de perfil tradicional, começam a aparecer as indústrias mais dinâmicas, que se fortaleceram a partir dos anos 60-70. (HERÉDIA, 1997, p. 73).

O trabalho se estrutura em introdução, dois capítulos e conclusão. O primeiro capítulo expõe as condições sociais, econômicas e políticas sob as quais surge a primeira povoação do território, hoje a cidade de Caxias do Sul, contextualizando-as, brevemente, com os eventos que ocorrem simultaneamente no Brasil e na Europa, especialmente na Itália, de onde partiram os colonizadores da região. Essa discussão não pretende introduzir nenhuma novidade ao extenso estudo sobre o tema já realizado por diversos autores, nos quais a abordagem se apoia, mas se faz necessária para a compreensão do panorama geral sob o qual se deu o início e os primeiros anos de desenvolvimento da cidade, uma vez que essas condições prévias definem e constituem o habitante do lugar.

O capítulo também discorre sobre o início da ocupação do território, sob a forma de estrutura colonial, até a criação da cidade, buscando sempre localizar o

objeto de estudo no decorrer da expansão do perímetro urbano. Não há a intenção de fazer um estudo aprofundado sobre o desenvolvimento urbano de Caxias do Sul, nem avançar em relação aos estudos já realizados. No entanto, a abordagem parece importante, uma vez que situa, no tempo e no espaço, o objeto de análise ao projeto de cidade pretendido em cada momento histórico.

O segundo capítulo trata da demonstração e confrontação dos objetos estudados e aqui definidos como síntese de seus grupos, cujo propósito se refere ao principal objetivo dessa pesquisa: verificar o grau de permanência, nas casas modernistas analisadas, da cultura de morar observada nas casas dos imigrantes italianos e, em que medida, a modernidade se instaurou nas residências de seus descendentes. Como “as maneiras de comer, de se lavar, de amar – e, portanto, de morar” (PERROT, 1997, p. 10) se modificaram? Essa pergunta pretende ser respondida na conclusão do trabalho.

As narrativas são acompanhadas por imagens, modeladas no programa Sketchup e renderizadas no programa Lumion, que ilustram os ambientes narrados e contribuem para a apreensão do espaço e dos elementos, como mobiliário e decoração, importantes para a compreensão dos temas discutidos.

Uma vez definidos os objetos e a forma de representá-los, cabe determinar a forma de abordá-los. Faz-se necessário, portanto, definir uma matriz de análise capaz de dar conta das respostas buscadas por essa pesquisa. Para tanto, as leituras indicam que é possível identificar aspectos do morar moderno que enfatizam os pressupostos sugeridos pela modernidade, tanto nos hábitos e costumes quanto na arquitetura residencial e, assim, poder confrontá-los com os do período anterior.

Assim, a discussão se estrutura em três temas:

- **convívio familiar e social:** contempla o setor social das residências, analisado a partir dos ambientes de conviver e receber, do mobiliário existente nesses espaços, e sua relação com os outros setores da casa;
- **privacidade e intimidade:** considera o setor íntimo das casas, examinado através da configuração dos dormitórios, banheiros, acessos e

circulações, da existência ou não de setorização dos ambientes íntimos e da relação desses com os demais;

- **trabalho doméstico:** contempla o setor de serviços das casas – cozinha, copa, lavanderia, despensa e dependência de empregada – e suas relações com os demais setores.

A observação desses aspectos nos espaços demonstrados deve permitir inferir sobre os modos de morar nas casas estudadas, pois:

O olhar atento reconhece imediatamente a confusão dos fragmentos do “romance familiar”, o traço de uma encenação destinada a dar uma certa imagem de si, mas também a confissão involuntária de uma maneira mais íntima de viver e de sonhar. Neste lugar próprio flutua como que um perfume secreto, que fala do tempo perdido, do tempo que jamais voltará, que fala também de um outro tempo que ainda virá, um dia, quem sabe. (CERTEAU; GIARD, 1996, p. 204).

Busca-se, dessa forma, construir uma narrativa cujo valor reside nas especificidades e idiosincrasias de uma arquitetura que se construiu entre os costumes locais e a assimilação de um conceito ‘estrangeiro’, absorvida e aplicada com maior ou menor propriedade e/ou consciência de seus fundamentos; uma história que, a princípio, ainda não foi contada sob essa perspectiva.

O resultado dessa pesquisa, além do texto, terá como produto dois vídeos, os quais demonstram os percursos no interior dos objetos analisados, e a simulação de todos os ambientes das casas em terceira dimensão, o que permite, através do uso de dispositivo adequado, perceber sensorialmente os espaços como se, de fato, estivesse dentro deles.

Por fim, espera-se que os resultados possam ser difundidos em distintos meios, especialmente como projetos de extensão intercurricular para os cursos de Arquitetura e Urbanismo e de História, a fim de promover o debate sobre a constituição dos indivíduos que povoam os cenários demonstrados.

2 DE COLÔNIA A CIDADE: A CONSTITUIÇÃO DO MORAR

A origem de Caxias do Sul e, conseqüentemente, a dos personagens que povoarão as narrativas dessa história, tem estreita relação com realidades distintas, verificadas em lugares distantes entre si, que convergem para alterar o panorama social brasileiro às portas do século XX: de um lado, a gradativa mudança da política escravagista que se observa ao longo da última metade dos anos de 1800, no Brasil e, de outro, a grave situação econômica que a Europa, e especialmente a Itália, experimenta no mesmo período. Esse capítulo pretende discorrer brevemente sobre essa origem, sem a intenção de avançar em relação aos extensos estudos já realizados sobre o tema, e relacioná-la aos hábitos e costumes ligados ao morar dos imigrantes.

Com a pressão da Inglaterra, à frente do movimento pelo fim do comércio de escravos, “entre 1839 e 1842 multiplicaram-se as apreensões de navios negreiros, até que em 1850 a situação se tornou insuportável.” (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 274). A partir de então, embora a escravidão tenha sido abolida somente em 1888, a interrupção do comércio de pessoas negras africanas começa a mudar as condições de trabalho no País e, conseqüentemente, os cenários produtivos em várias de suas regiões. Interrompido o tráfico de além-mar, inicia-se um processo de troca de escravos entre as províncias; entre 1874 e 1884, o número de escravos no Rio Grande do Sul decresce 39%, em grande parte devido ao deslocamento dessa população para a zona cafeeira do oeste Paulista. (FAUSTO, 2011).

Sendo eminente o fim da escravidão, o governo provincial paulista toma a iniciativa de trazer imigrantes Europeus para o País. Além de substituírem a mão de obra escrava, esses imigrantes iriam colaborar, segundo Fausto (2011), para “salvar” o Brasil da crescente miscigenação, resultado das associações inter-raciais; a intenção revela o preconceito da elite rural paulista contra os negros. Para o autor, esse preconceito também se direcionava aos nordestinos; caso contrário, esses poderiam ter substituído os escravos nas lavouras de café, fato que ocorreu mais tarde, com os chamados retirantes.

No Rio Grande do Sul, a atração de imigrantes ocorre antes e com objetivos diferentes dos verificados em São Paulo. Na região Sul, por razões socioeconômicas

e militares, José Bonifácio e Dom Pedro fazem a primeira tentativa de atrair imigrantes alemães, ainda antes da Independência. José Bonifácio acreditava nos benefícios resultantes da formação de uma classe média rural, necessária devido ao “aumento da produção agrícola do país” (GIRON, 1977, p. 20), e Dom Pedro estava preocupado com a defesa do sul do território nacional.

Assim, enquanto a imigração para São Paulo tem como objetivo a substituição de mão de obra, a ocorrida em solo Gaúcho busca a formação de uma classe média camponesa, baseada na pequena propriedade, embora também se afirme que a chegada dos imigrantes italianos ao Estado se deve à “crise gerada pela falta de mão de obra que a venda dos escravos para a região cafeeira acarretou” (GIRON, 1977, p. 9), aproximando as realidades de São Paulo e Rio Grande do Sul. De qualquer forma, por razões estratégicas, surge, em 1824, a colônia alemã de São Leopoldo, cujo objetivo primordial era criar áreas de produção de alimentos para centros maiores e ocupar terras consideradas devolutas.

Contudo, por várias razões, mas principalmente devido ao “descaso quase generalizado com os emigrantes estabelecidos no Brasil” (RADUNZ *in* GIRON; RADUNZ, 2007, p. 121), em 1871 a Alemanha suspende o apoio à imigração, o que faz com que o governo brasileiro passe a incentivar a imigração de italianos para o Rio Grande do Sul. Esses, formados em sua maioria por pequenos cultivadores, fundam várias colônias no Estado, “das quais a de Caxias foi a mais importante.” (FAUSTO, 2011, p. 138).

Do outro lado do oceano, nesse período, “a Europa vivia o fim de um ciclo de dominação total do liberalismo e o início de um período de crise econômica.” (NASCIMENTO, 2009, p. 18). A respeito da situação de trabalho na Europa, “se um fator dominava a vida dos trabalhadores do século XIX, esse fator era a insegurança” (HOBBSAWM, 2016, p. 334), pois a massa operária europeia não tinha garantia de permanência no emprego e, caso o perdesse, não havia expectativa de encontrar outro ou, se encontrasse, não sabia quais seriam as condições com as quais se depararia (RADUNZ, 2002). Hobsbawm afirma ainda que:

Não havia certeza no trabalho mesmo para os mais especializados: durante o colapso de 1857-1858; o

número de trabalhadores na indústria de engenharia em Berlim caiu em quase uma terça parte. Não existia nada que correspondesse à moderna segurança social, exceto caridade e auxílio a indigentes, mas algumas vezes nem isso. (HOBSBAWM, 2016, p. 334).

A Itália, após inúmeras batalhas e conquistas, finalmente unificada em 1870, não se diferencia desse quadro geral europeu e experimenta um processo gradativo de perda da sua importância no contexto do continente. Entre outros fatores, constata-se, por exemplo, que “Veneza e as regiões venetas, sob o poder da Áustria, lutaram guerras de independência, o que contribuiu em muito para a deterioração econômica da região” (NASCIMENTO, 2009, p. 49), resultando no incentivo, em forma de “pagamento do transporte e possibilidade de alojamento” (FAUSTO, 2011, p. 115) por parte das autoridades italianas, à imigração da população pobre para o Brasil.

Portanto, a crise econômica na Europa, especialmente na Itália recém-unificada, a abolição da escravatura e a conseqüente necessidade de substituição de mão de obra, bem como o imperativo de povoar as terras consideradas devolutas do sul do Brasil, estão na origem do povoamento da região de Caxias do Sul.

2.1 A SEDE DE UMA COLÔNIA

Entre o Rio das Antas e o Rio Caí, na Encosta Superior do Nordeste, onde o solo, pouco profundo, se mostra pedregoso e muito ácido (GIRON, 1977), surge a Colônia situada aos fundos de Nova Palmira, em 1875, contribuindo para a ocupação da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, então com 37 vilas², “saídas dos quatro primeiros municípios.” (NASCIMENTO, 2009, p. 109).

Apesar do ano de 1875 ser considerado oficialmente o ano do início da ocupação do território onde hoje se encontra Caxias do Sul, “em 1872 a região já

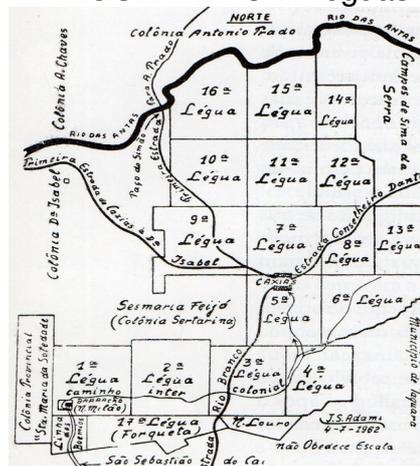
² Camaquã, Montenegro, Porto Alegre, São Jerônimo, São Leopoldo, São Sebastião do Caí, Taquari, Triunfo, Arroio Grande, Bagé, Canguçu, Dom Pedrito, Jaguarão, Pelotas, Piratini, Rio Grande, Santa Vitória do Palmar, São José do Norte, Alegrete, Caçapava, Cachoeira, Cruz Alta, Encruzilhada, Itaqui, Palmeira, Passo Fundo, Quaraí, Rio Pardo, Santa Maria, Santana do Livramento, Santo Ângelo, São Borja, São Gabriel, Soledade, Uruguaiana, Conceição do Arroio e Santo Antônio da Patrulha.

possuía 22 habitantes, provenientes todos eles da Boêmia.” (GIRON, 1977, p. 31). Por razões ainda desconhecidas, segundo a autora, esses alemães, que primeiramente se instalaram em Nova Petrópolis, abandonaram ou venderam suas colônias e “vêm se localizar exatamente na região que servirá para a entrada dos imigrantes italianos.” (GIRON, 1977, p. 31). Para Manfroi, “o primeiro contingente de imigrantes chegados ao Rio Grande do Sul estabeleceu-se na primeira légua dos Fundos de Nova Palmira” (1975, p. 62) em maio de 1875.

A ocupação ocorre de forma acelerada e, “em novembro de 1879, a população da colônia Caxias era calculada em 6.398 habitantes, dos quais 5.238 eram italianos.” (MANFROI, 1975, p. 63). Os primeiros imigrantes chegam de Milão e seus arredores e tem seu povoado implantado em um local que viria a ser chamado, por razões óbvias, de Nova Milano. Segundo Giron (1977), à época, a natureza era abundante, com suas araucárias ainda intocadas, mas também hostil, devido à densidade da mata virgem e ao relevo acidentado, mas o clima, no entanto, se assemelha ao da terra deixada. Apesar das dificuldades impostas pelo ambiente, a distância da capital e a conseqüente precariedade na comunicação eram os principais obstáculos a serem enfrentados.

Assim, o novo aglomerado, que contava com um barracão - daí vem, provavelmente o primeiro nome da localidade: Barracão - para acomodar os imigrantes, além dos edifícios administrativos, se instala na 1ª das 17 léguas (Fig. 1) nas quais fora dividida a colônia, no seu limite sul, mais próximo da Capital, facilitando a chegada e a distribuição dos novos habitantes para suas novas terras. (MACHADO, 2001).

FIGURA 1: As 17 léguas



Fonte: ADAMI, 1961.

No entanto, na medida em que a colonização se direciona a norte, o incipiente povoado se torna distante das novas ocupações, fazendo com que, ainda ao final de 1875, a sede seja transferida para a 5ª légua, que ocupa posição centralizada no mapa, passando então a se chamar Sede Dante, e facilitando, pela relação topológica com o território, a administração da colônia. (MACHADO, 2001).

Há discordância entre autores em relação à transferência da sede colonial da 1ª para a 5ª légua. Diferentemente de Machado, Manfroi (2001, p. 62) afirma que “em julho de 1876, a colonização chegava ao lugar denominado: Campo dos Bugres que, pela sua posição central, foi escolhido como sede da colônia sob o nome de: Sede Dante.” (Fig. 2). Também para Nascimento a transferência da Sede ocorre no ano de 1876 e se dá em “uma clareira na mata, aberta pelos índios que habitavam a região” (2009, p. 111), o que sugere a denominação informalmente recebida, de Campo dos Bugres, em alusão à designação dada aos primeiros moradores do local. No ano seguinte, em 1877, a Sede Dante passa a se chamar Colônia Caxias. (MACHADO, 2001) e, em 1879, “a população da colônia Caxias era calculada em 6.398 habitantes, dos quais 5.238 eram italianos.” (MANFROI, 2001, p. 63).

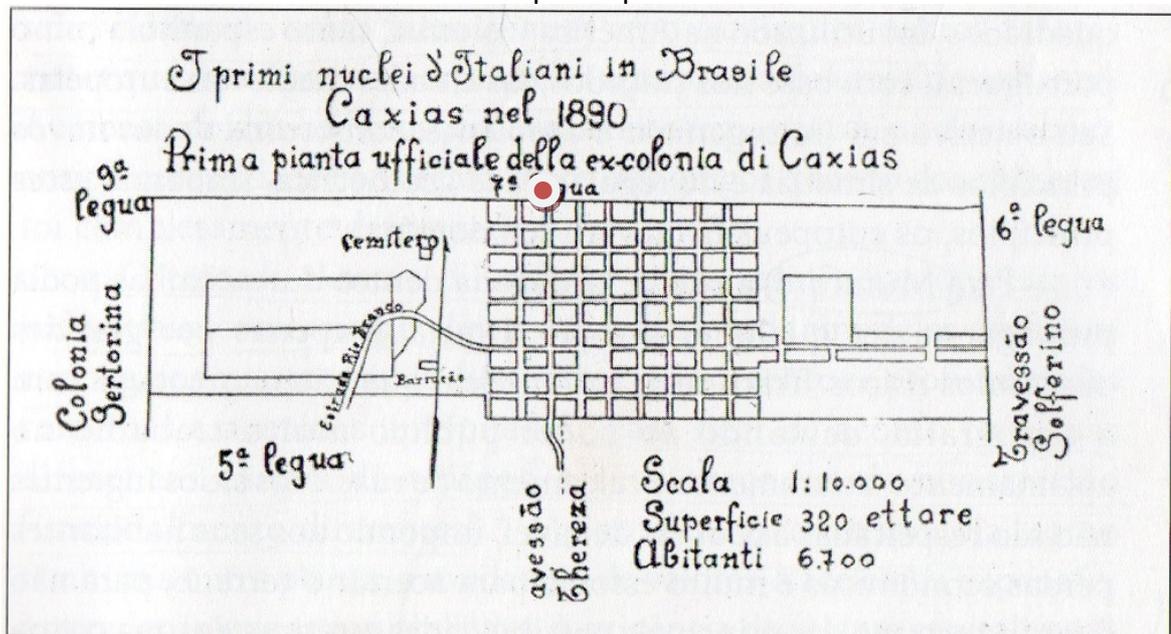
FIGURA 2: Caxias do Sul, em torno de 1876



Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami

Não obstante à data de transferência da sede, os autores concordam que o projeto do primeiro plano de ocupação espacial da Sede Dante (Fig. 3) é elaborado pelos engenheiros do governo da Província, em 1879, seguindo o padrão reticulado vigente na época, à moda das *Ordenanzas* espanholas (BENÉVOLO, 1999) e ocupa “uma área de 1.298 metros no sentido leste-oeste e 682 metros no sentido norte-sul.” (MACHADO, 2001, p. 46). No mapa se percebe, em destaque, a localização do lote onde se situa o objeto desse estudo, assim como nos mapas seguintes, evidenciando o caráter urbano das casas-síntese discutidas no terceiro capítulo.

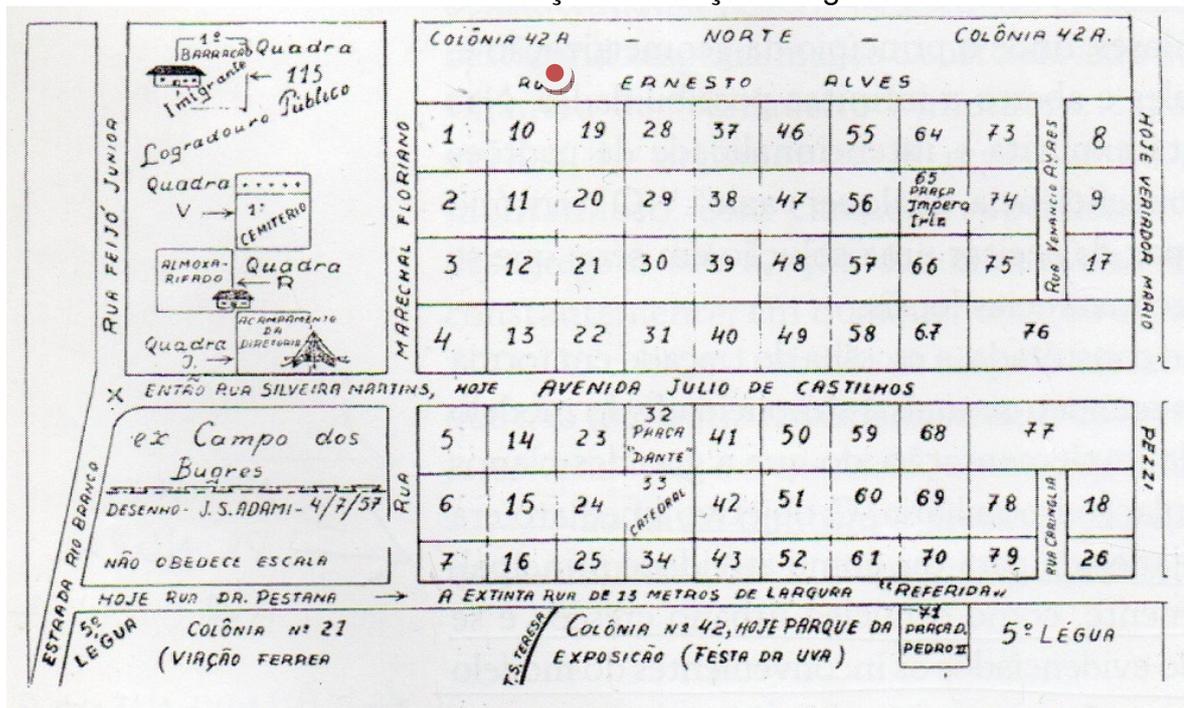
FIGURA 3: Mapa do primeiro núcleo urbano



Fonte: Adaptado de MACHADO, 2001. ● Localização do objeto de estudo

O projeto, tido como oficial, não foi executado na íntegra e nem preservou o traçado proposto. No mapa de João Spadari Adami (Fig. 4) percebem-se as alterações ocorridas; “o arruamento inicial não foi feito conforme o traçado original, e não obedeceu aos limites previstos para o sítio urbano.” (MACHADO, 2001, p. 71). Aqui, o lote em destaque se localiza à borda dos limites do perímetro urbano consolidado mas, provavelmente, usufruindo dos serviços e infraestrutura do perímetro urbano. De qualquer forma, as alterações não descaracterizam o projeto em sua essência, que mantém os principais elementos que constituem o espaço urbano e a retícula como princípio da organização do conjunto.

FIGURA 4: Alterações no traçado original



Fonte: Adaptado de ADAMI, 1961 ● Localização do objeto de estudo

O caráter impositivo do traçado em retícula utilizado nos projetos de planejamento urbano no século XIX deve ter influenciado o projeto da Sede, pois “as intervenções urbanas com pretensões científicas se iniciaram ao final do século XIX nas grandes metrópoles europeias, com desdobramentos nas colônias e ex-colônias no resto do mundo.” (MONTE-MÓR, p. 62).

Seu uso pretende “(re)organizar o ambiente, construindo com novos princípios de simetria e de regularidade geométrica. Impondo estes novos princípios, os europeus afirmavam seu domínio.” (MACHADO, 2001, p. 68). Aos colonos, entretanto, não foi dada a oportunidade de “avaliar quão diferente seria o povoado que nasceria daquele plano dos seus *paesi* na Itália.” (NASCIMENTO, 2009, p. 123).

Machado (2001) sugere que a opção pelo traçado em forma de tabuleiro, no projeto da nova Sede, deve-se mais à simplicidade e possibilidade de implantação rápida do modelo do que a outras razões, embora, devido à topografia acidentada, é fácil supor que tenham sido muitos os entraves encontrados para a viabilização do projeto. Segundo Nascimento, “são inúmeros os registros feitos pela historiografia sobre as dificuldades enfrentadas pelo Poder Público e pelos moradores da cidade para erigir prédios, casas e implantar ruas.” (NASCIMENTO, 2009, p. 123). No

entanto, uma vez que o objetivo do povoamento é simplesmente administrar a Colônia planejada para a agricultura, não havendo intenção de crescimento, a malha regular, que ocupa a porção do sítio com topografia menos acidentada, parece adequada³.

A despeito dos objetivos relativos à formação da Sede, a história tem seus desdobramentos próprios, e “o núcleo urbano, que deveria atender inicialmente às necessidades dos administradores da Colônia, transformou-se num entreposto comercial na região, e o espaço urbano a ele destinado tornou-se insuficiente” (MACHADO, 2001, p. 65). Isso se deve, em parte, porque um grande número de imigrantes, precisamente 100 num total de 257, segundo Giron (1977), formado por não agricultores, preferiu se instalar na Sede, e não nos lotes rurais, pois somente assim conseguiam desenvolver seus ofícios; somam-se a esses, os “muitos fazendeiros e tropeiros dos Campos de Cima da Serra e funcionários do governo.” (MACHADO, 2001, p. 26).

Dessa forma, o núcleo urbano cresce rapidamente e, em 1883, já conta com “400 casas e uma igreja de madeira” (NASCIMENTO, 2009, p. 137), apresentando relativa diversidade étnica com predominância dos imigrantes italianos, cujas habilidades profissionais logo os transformam em prósperos comerciantes, “que passaram a formar o grupo dominante da região.” (MACHADO, 2001, p. 61). Devido a esse crescimento, as autoridades são forçadas a ampliar a área da sede, invadindo o que originariamente é reservado aos lotes rurais.

O ano de 1884 marca a passagem de Colônia para Distrito de São Sebastião do Caí para, no mesmo ano, desvincular-se da Paróquia de São José do Hortêncio de Feliz e agregar-se à Freguesia de Santa Teresa de Caxias. Esse rápido movimento na administração encerra o período colonial e dá início à fase distrital, que dura até 1890, embora “a ingerência da Comissão de Terras continua se fazendo sentir.” (GIRON, 1977, p. 71).

O afluxo de imigrantes à ex-colônia é tamanho que “em 1885 a população era de aproximadamente 10.000 habitantes, já havendo uma certa integração comercial

³ Nascimento lembra que nos bairros afastados de Ana Reck e Galópolis, cujas distâncias em relação ao centro urbano lhes conferiram certa autonomia, nos quais os projetos foram traçados pelos próprios colonos depois do período inicial de criação da sede, o traçado aparece “irregular como um paese do Norte italiano” (2009, p. 123).

com a capital” (GIRON, 1977, p. 71); precisamente, “10.591 pessoas, com predominância de crianças e jovens até 20 anos.” (NASCIMENTO, 2009, p. 139). Em 1890 (Fig. 5), ano em que o Distrito passa à categoria de Município, esse já conta com 16.000 habitantes. Não há dados sobre a população residente na sede, que então recebe o nome de Vila de Santa Teresa de Caxias. Esses dados populacionais, entretanto, permitem conhecer o rápido crescimento do pequeno povoado, que logo começa a reivindicar autonomia administrativa.

Figura 5: Rua Grande, atual Av. Júlio de Castilhos



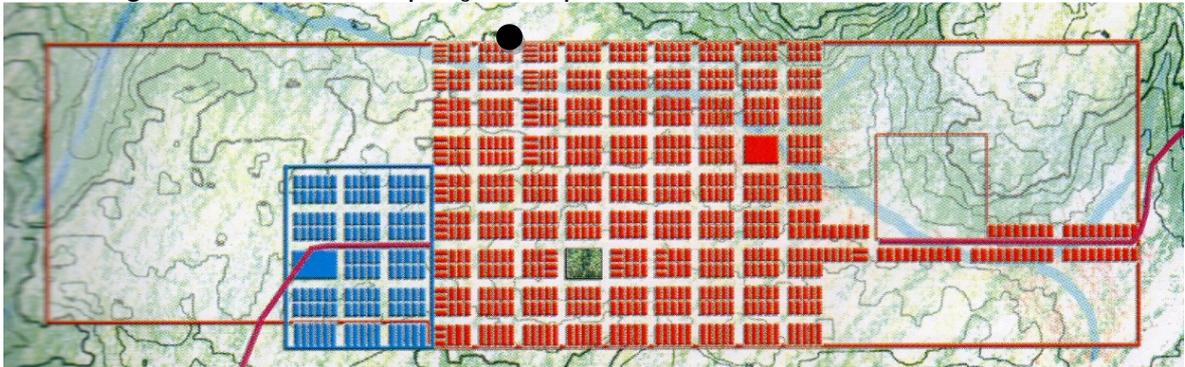
Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami

Atendendo às novas demandas da administração, a primeira legislação local é elaborada em 1893, três anos após a emancipação do Município, na forma de Código de Posturas do Município de Caxias. Esse não altera em nada o plano urbanístico de 1879, limitando-se a definir os limites da zona urbana, os quais “abrangem o logradouro público e as edificações situadas nas colônias adjacentes à Villa” (MACHADO, 2001, p. 87). Por outro lado, esse mesmo Código postula, pela primeira vez, sobre os parâmetros construtivos que devem ser observados nos projetos e construções dos edifícios.

De acordo com Machado (2001), o plano urbanístico da Sede se mantém inalterado até 1897, quando o edital de 2 de agosto amplia a área urbana na direção oeste (Fig. 6), para onde se verifica tendência de expansão em função da Estrada Rio Branco, elemento de conexão com São Sebastião do Caí e, conseqüentemente,

com Porto Alegre, sugerindo uma relação entre crescimento e desenvolvimento econômico.

Figura 6: Primeira ampliação do perímetro urbano, em 1897, em azul



Fonte: Adaptado de MACHADO, 2001

● Localização do objeto de estudo

De fato, passados pouco mais de vinte anos da fundação da Colônia, Caxias já gozava de razoável desenvolvimento e o pequeno povoamento apresentava “condições melhores que muitas cidades do Rio Grande do Sul que acumulavam décadas de história” (NASCIMENTO, 2009, p. 145). Ao mesmo tempo em que se transformava em importante centro de produção agrícola, “fator inicial determinante de seu progresso econômico, a colônia passou a ser um local de intenso comércio com o desenvolvimento da zona urbana e com a instalação de uma série de oficinas e pequenas indústrias.” (HERÉDIA, 1997, p. 56). Machado afirma que “no final do século XIX, a Villa já contava com inúmeros estabelecimentos comerciais, e no município havia mais de 100 casas de negócios” (2001, p. 167), evidenciando a força dessa atividade econômica em detrimento da agricultura. Às portas da virada do século, a Villa de Caxias já era um centro de comércio promissor e as escavações para a construção da Praça Dante já estavam em andamento. (Fig. 7).

Figura 7: Praça Dante em obras, em 1899



Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami

2.2 MORAR NA COLÔNIA

A casa do período colonial não é objeto desse estudo, pois o mesmo se dedica ao habitar urbano, quando a colônia já adquirira o status de cidade. No entanto, a fim de compreender alguns aspectos relativos ao habitar, em sua origem, dos usuários das casas que serão analisadas adiante, faz-se necessária uma breve passagem por essas que foram as primeiras residências dos recém-chegados ao novo território.

2.2.1 As construções provisórias

Posenato (1983) classifica a arquitetura da colonização italiana em dois grandes grupos: construções provisórias e arquitetura permanente. O primeiro refere-se àquelas edificações da primeira década da colonização destinada a receber, de forma precária, às famílias dos imigrantes, depois de sua passagem pelo *barracão dos imigrantes*.

Assim que recebiam seus lotes do governo, cada imigrante iniciava a construção de sua casa, sempre com a solidariedade e contribuição de seus companheiros. Até a finalização dessa primeira moradia, no entanto, o primeiro abrigo podia ser “copas de árvores, saliências e escavações em barrancos, galhos e

ramos entrelaçados grosseiramente, troncos ocos, lençóis armados como tendas.” (POSENATO, 1983, p. 113).

Seja no meio rural ou na sede da colônia, e essa definição dependia dos interesses, mas, especialmente, das habilidades dos colonos, pois os que já tinham alguma profissão tendiam a permanecer na sede, enquanto que os demais eram direcionados aos lotes rurais, os procedimentos eram semelhantes. Em ambos os contextos, a primeira moradia tendia a ter um caráter provisório e emergencial e, invariavelmente, unifamiliar, visto que:

A ausência de habitação coletiva na imigração italiana, em contraste com a situação na Itália, decorre do regime de pequena propriedade, mas sobretudo da afirmação de liberdade, tão incisiva nas atitudes e nos sentimentos dos imigrantes. Daí a repulsa à habitação coletiva, que lembraria a antiga vassalagem na pátria de origem. (POSENATO, 1983, p. 188),

Uma vez que a prioridade era a produção de alimentos para a subsistência, a primeira casa era “uma cabana de pau a pique, coberta de folhas de palmeiras, que havia de servir de primeiro abrigo para a família” (LORENZONI, in POSENATO, 1983, p. 109), erguida após a derrubada da mata (Fig. 8). Invariavelmente de planta retangular, com área de 20 a 30m², podiam também apresentar “paredes estruturadas com troncos de coqueiros, xaxim, ou estacas amarradas com cipó ou taquara tramada, com ou sem barro formando taipa, e cobertura de palhas, ramagens, samambaias, madeira rachada.” (POSENATO, 1983, p. 114). Eram, portanto, “casas simples e rústicas, feitas de madeira extraída da floresta que ia sendo abatida à medida que os lotes eram ocupados.” (MACHADO, 2001, p. 26).

Figura 8: Cabana de pau a pique



Fonte: POSENATO, 1983

Essas precárias edificações normalmente serviam às famílias por um período de poucos anos. No entanto, algumas dessas casas tiveram um caráter não tão provisório, resistindo de dez a vinte anos. Essas eram normalmente construídas com “paredes grosseiras de pedra e madeiras macias verdes, rachadas com pouco esmero, e cobertura em tabuinhas rachadas.” (POSENATO, 1983, p. 115).

De forma geral, esses edifícios rústicos não possuíam qualquer compartimentação espacial, resultando que todas as atividades eram exercidas num único ambiente, no qual “o fogo ardia continuamente [...] e, para dormir, a família acomodava-se no mesmo ambiente fogo” (POSENATO, 1983, p. 116). (Fig. 9). No entanto, poderia se encontrar, eventualmente, uma espécie de mezanino ou mesmo o aproveitamento do espaço entre as águas do telhado, o que configurava um pequeno segundo pavimento. Esses dois espaços, quando existentes, serviam como dormitórios para a família, e eram conectados ao térreo por uma escada móvel, que era recolhida à noite, por medidas de segurança contra o ataque de animais selvagens.

Figura 9: Fogão



Fonte: FILIPPON, 2007

Essa casa, em muitos aspectos, parece se assemelhar àquela caracterizada por Heidegger como 'existencial', pois seria:

Habitada por alguém ancorado firmemente ao lugar, por uma família estável, hierárquica e autoritária, como uma casa que protege de um meio agressivo, inautêntico, e que se liga, no tempo e na memória, a um sujeito que se define integralmente, por assim dizer, por sua origem e por sua linhagem. (ÁBALOS, 2012, p. 51).

De fato, um dos aspectos que melhor define a cultura e a família italianas, além da memória e orgulho do passado, é a figura autoritária do pai, a despeito do importante papel da esposa na estrutura e dinâmica familiar. Esse atua como o chefe da família e a ele são atribuídas todas as decisões, status simbolicamente ilustrado pelo lugar à mesa de refeições, sempre em uma das pontas. A relação entre o patriarca e sua família é próxima da relação entre patrão e empregado e, "como patrão, vai passar a exigir mais trabalho, mais dedicação e maior produção. A mulher e os filhos serão tratados como servos da terra, que só tem um dono, sem direito à remuneração e sem direito ao lazer." (GIRON, 2008, p. 51).

Essa cabana, se assim é adequado denominá-la, serve basicamente como proteção das intempéries e da vida selvagem, e também como abrigo das pessoas e dos bens, principalmente de produção, já que eram raros os objetos de posse. A relação com a natureza, nesse momento, é marcada pela violência e o habitar está “voltado à proteção do exterior e à primazia do pai.” (ÁBALOS, 2012, p. 51). Essa casa, em sua básica simplicidade, parece “exaltar a nobreza de um sujeito que, com sua tenacidade e em seu trabalho paciente, estabelece uma relação equilibrada com o meio.” (ÁBALOS, 2012, p. 51). No caso do imigrante italiano, o trabalho é mais urgente do que paciente, na busca pela sobrevivência.

A primeira casa do colono também se aproxima da cabana de Heidegger quando não apresenta, em seu interior, nenhum espaço voltado à representação pública. Nela não há lugar específico para convidados ou para festas (estas eram sempre de caráter coletivo e público) e suas dimensões reduzidas abrigavam o mínimo necessário, de forma introspectiva. No entanto, nela também não há lugar para a privacidade de seus moradores, tema tão caro à modernidade que virá, e seus espaços contínuos são impregnados por aquela presença hierárquica do pai, que tudo vê e controla. (Fig. 10). Nesse sentido, parece necessitar de intimidade, e sua espacialidade, nada complexa, remete a um mundo singelo que, apesar de interiorizado, carece de um lugar para a interiorização de seus habitantes.

Figura 10: Interior multifuncional, dominado pelo pai



Fonte: <http://www.grandvoyageitaly.com/history/italian-americans-the-history-of-immigration-to-america>

Assim, pela falta de interioridade, pela radical cisão entre espaço interno e externo e pelas técnicas e materiais empregados na sua construção, assim como

sua forma de obtenção, o lugar de 'máxima intensidade' dessa casa serão "suas paredes, a pele, essa fronteira entre o espaço exterior e interior." (ÁBALOS, 2012, p. 56), sendo sua materialidade seu maior atributo, e não o espaço interior.

2.2.2 A morada definitiva

Com a casa provisória concluída, assim como a preparação da terra (derrubada da mata e queimada), e o lançamento das sementes de milho feito, a espera pela safra era preenchida com o serviço na construção de estradas e clareiras, pago pelo governo, ou com a melhoria da propriedade, o que incluía a construção da nova casa, ainda rústica, mas mais confortável. Agora inteiramente de madeira, obtida com maior esmero, ou associada a outros materiais, utilizava troncos como pilares e vigas para a estrutura horizontal. Tábuas, entalhadas precariamente com o uso do machado, serviam para os fechamentos laterais e, em tamanho menor, para o fechamento da cobertura.

Ao término de cinco a seis meses, a nova casa estava pronta, invariavelmente "com sua respectiva cozinha a poucos metros de distância e esta com seu fogão primitivo (focolare)" (LORENZONI, in POSENATO, 1983, p. 110), que servia para cozinhar os alimentos mas também como fonte de calor nos dias de inverno.

Para Zabalbeascoa, "os inconvenientes e perigos derivados da incorporação de um fogão central às casas medievais foram quase tantos como as melhoras que proporcionou no inverno" (ZABALBEASCOA, 2011, p. 51), referindo-se às casas europeias do período citado. Infere-se que o mesmo se aplica à realidade local, principalmente considerando que as casas eram construídas de material totalmente combustível, a madeira, o que levou os colonos a adotarem a estratégia de separarem a cozinha do corpo da residência.

Nesse momento, "em que o ritmo de vida, já estabelecido, permitiu mais dedicação ao conforto de habitar" (POSENATO, 1983, p. 77) e as safras abundantes de milho e trigo possibilitavam aos colonos alimentarem esperança de fartura, a casa tende a refletir esse novo espírito. A primeira manifestação dessa projeção de um futuro mais promissor se expressa na dimensão da casa, "que aumentou

consideravelmente em relação às construções provisórias.” (POSENATO, 1983, p. 78). Por necessidade, mas também como expressão das melhores condições de vida, a casa incorpora pavimentos e compartimenta funções. Torna-se, então, vertical, qualidade “proporcionada pela polaridade do porão e do sótão”, (BACHELARD, 1989, p. 36), espaços que a modernidade tratará de eliminar. (Fig. 11).

Figura 11: sótão e porão semienterrado (telhado substituído)



Fonte: FILIPPON, 2007

Nessa polaridade sugerida por Bachelard, cuja organização espacial da casa serve como analogia às estruturas psíquicas do homem, ideia que o autor toma emprestada de Jung, o porão induz ao inconsciente, lugar onde a luz e a razão são substituídas pelas sombras e ao desconforto que delas surge. O sótão, por outro lado, remete ao consciente, espaço onde habitam as certezas, a fé se eleva e os temores se dissolvem. Essa imagem, poética, sem dúvida, mas também reveladora de aspectos mais subjetivos dos lugares habitados pelo homem, parece não descrever com precisão a condição encontrada na casa do imigrante italiano, a qual sugere exatamente o contrário.

O porão

Com o passar do tempo e a diversificação da produção, a uva e seus derivados, como a geleia e, especialmente, o vinho, começam a se fazer presentes nas propriedades rurais, mas também nos lotes urbanos, em menor escala, chegando a se constituir no principal elemento de identificação cultural da região por décadas, até que passou a compartilhar esse status com a metalurgia.

A bebida necessita de condições favoráveis de umidade e temperatura e a solução veio com o uso da pedra, tão abundante quanto a madeira, como material construtivo. Retirada e talhada com as próprias mãos, em blocos, apresentava maior inércia térmica do que a madeira, se revelando material adequado para a construção do ambiente para a produção artesanal e armazenamento do vinho. (Fig. 12).

Figura 12: Porão e vinho



Fonte: Leandro Bortolozzo/Arquivo
Prefeitura Bento Gonçalves

Por suas características mecânicas, a pedra também se mostrava uma excelente solução como estrutura dos pavimentos superiores; surge então o primeiro pavimento, normalmente semienterrado devido à topografia acidentada da região e com aberturas vazadas para ventilação permanente, pois além do vinho, passou-se a armazenar ali outros alimentos, como o queijo e o salame. Podia servir também para a guarda de ferramentas e possuir bancada de trabalho, em pedra ou madeira.

O vinho, como até hoje, era elemento de agregação social; os parentes e amigos eram recebidos com um copo da bebida. Como estava armazenado no porão, esse acabou por incorporar a função de receber as pessoas, se constituindo, dessa forma, num dos ambientes sociais da casa do imigrante, reservada ao encontro dos homens, pois, se as dimensões permitissem, não raramente também se encontrava nesse espaço uma mesa para o jogo de cartas.

Embora consagrado, o porão semienterrado não era a única opção. Posenato (1983) demonstra outros tipos presentes na casa do imigrante italiano: todo em subsolo, muito raro; dividindo o térreo com o setor social, nas residências menores; como alpendre lateral ou posterior, adicionado ao corpo da casa, ainda mais raro que o primeiro, na região; ocupando todo o pavimento térreo, pouco frequente; como uma edificação isolada, também uma rara solução, normalmente encontrada nas poucas situações de um terreno plano.

Percebe-se, portanto, que pela condição de implantação, não totalmente enterrado, e pelos usos a ele atribuídos, o porão da casa do colono italiano se distancia daquele evocado por Bachelard. Parece possível, aqui, formular uma breve relação com a índole do imigrante, transposta para a organização da sua casa: a base e fundamento da vida na colônia, identificados e estabelecidos no trabalho, estão fortemente conectados com a terra, solidamente cravados e enterrados no chão, fonte de orgulho e prazer, constituindo o alicerce para os demais aspectos da vida.

O sótão

Se, na casa burguesa, o sótão é um espaço ativado pela presença e banhado pela luz, na casa do colono ele é o espaço quase residual, sem acabamentos, situado entre as águas do telhado, cuja função pode ser a de depósito de cereais ou, eventualmente, “dormitório por ocasião de casamentos, festas familiares, velórios.” (COSTA, in POSENATO, 1983 p. 195). Suas aberturas de madeira, de modo a permitir ventilação permanente, são de dimensões reduzidas em relação àquelas dos pavimentos inferiores, proporcionando menos luz, mas uma condição livre de

umidade, ideal para o armazenamento das sementes de amendoim, girassol, feijão, lentilha e outros grãos.

Se, na imagem emprestada de Jung, “no sótão, a experiência diurna pode sempre dissipar os medos da noite”, enquanto no porão “há trevas dia e noite” (BACHELARD, 1989, p. 37), parece ocorrer o oposto na casa do colono italiano. Aqui, o sótão parece cumprir esse papel de espaço subjetivo, a despeito de seu uso prático e racional, cuja geometria, de seção triangular, elimina a certeza cartesiana e diminui a segurança, encontradas nos demais pavimentos. É o lugar onde as fantasias se potencializam.

A ala residencial

Situada entre o porão e o sótão, podendo ser de um ou dois pavimentos, esse setor abrigava fundamentalmente as funções sociais e íntimas da casa, pois a cozinha permanecia desconectada do corpo principal do edifício. A primeira, identificada pela sala de visitas, consistia num espaço amplo, utilizado nas extraordinárias situações solenes da dinâmica familiar. “Aí é que se faz o almoço de casamento, ou se velam os mortos. A sala maior do prédio, neste caso, raramente é utilizada mais do que umas 10 ou 20 vezes na existência de uma família.” (GARDELIN, in POSENATO, 1983, p. 192).

Nas residências das famílias menos abastadas, esse ambiente poderia se restringir a uma saleta ou mesmo a um corredor de largura pouco maior do que a usual. Nesses casos, esses ambientes não permitiam, obviamente, a permanência de muitas pessoas. A sala costumava apresentar poucos móveis e objetos e, à semelhança da cabana existencial de Heidegger, não era um espaço espetacular; ao contrário, tinha “esse aspecto convencional, obscuro.” (ÁBALOS, 2012, p. 55). Ainda citando o autor, “os objetos são da família, pertencem à linhagem, porque seu valor apoia-se na valorização com o esquema vertical: não são permitidos nem segredos pessoais, nem contradições, nem conforto, nem prazer individual.” (ÁBALOS, 2012, p. 55). Essas salas, portanto, em nada lembravam a suntuosidade dos salões das casas da burguesia urbana presente em outras regiões do Estado e

do País, os quais “mostram o requinte das mais finas mansões europeias” (VERÍSSIMO; BITTAR, 1999, p. 63), ou mesmo da elite rural.

Assim, nesse reino do singelo, predominavam:

Os cabides na parede, e as fotografias aparecem agrupadas sem preocupações de ordenamento estético, com a presença tradicional de fotos de bustos de casais, antepassados ou os atuais proprietários da casa, lado a lado ou em emolduramentos ovais diagonalizados no mesmo quadro. (POSENATO, 1983, p. 193).

A segunda função presente na ala residencial da casa do colono, agora já estabelecido, destinada ao descanso dos moradores, contemplava os dormitórios. Quando em número menor, podiam compartilhar o pavimento com a sala de visitas, geralmente a emoldurando. Quando em número maior, ocupavam por inteiro um segundo pavimento, destinado aos filhos homens e às visitas eventuais. Nesse caso, o primeiro pavimento se mantinha com a mesma configuração anterior e os dormitórios desse andar, então, eram de uso do casal e das filhas mulheres.

Diferentemente dos dormitórios da casa colonial portuguesa, as sombrias e abafadas alcovas, segundo Veríssimo e Bittar (1999), os dormitórios da casa colonial italiana, em hipótese alguma, eram subtraídos de aberturas. Talvez houvesse, nesse momento, a preocupação com a salubridade dos ambientes, já um tema recorrente na arquitetura europeia, realidade muitas vezes inexistente nas casas deixadas na terra natal. Mas, também, as condições de implantação, possibilitadas pelos lotes de tamanho generoso, mesmo no contexto urbano, permitiam tal estratégia de iluminação e ventilação dos ambientes. Posenato (1983) lembra que, por vezes, os dormitórios também poderiam servir para armazenar cereais.

O número de dormitórios podia variar bastante, podendo ser de “dois a uma dezena” (POSENATO, 1983, p. 193). Além de algumas famílias serem numerosas, pois não era raro o casal gerar mais de uma dúzia de filhos, quantidade útil para a realização das tarefas cotidianas, também era bastante comum que os filhos já casados e suas famílias habitassem a casa dos pais.

Seguindo a ‘decoreação’ encontrada no resto da casa, os quartos eram sóbrios e despojados, contendo somente camas e baús para a guarda de roupas e dos escassos objetos pessoais, todos em madeira, em tudo distintos dos requintados aposentos de gosto europeu encontrados nas casas burguesas de outras regiões do País. Mesmo aqui, onde seria possível a privacidade, essa não existia, seja pela indisponibilidade de espaço, sempre compartilhado por vários irmãos do mesmo sexo, seja pela supremacia dos valores coletivos familiares sobre os individuais, anteriormente mencionados.

Nesse aspecto, a relação topológica dos dormitórios, entre si e com os demais ambientes da casa colonial italiana, parece imprimir aos mesmos um sentido de moral também presente na casa eclética burguesa, sua contemporânea, embora de forma e intensidade diferentes. Na primeira, uma vez fechada a porta de acesso ao dormitório, somente uma, a vigia era feita pelos irmãos ou irmãs. Na segunda, os dormitórios aparecem conectados em suíte, sugerindo que “a privacidade ainda está sujeita a policiamento, representada pela porta de ligação presente entre os quartos.” (VERÍSSIMO; BITTAR, 1999, p. 91).

A cozinha

A cozinha colonial portuguesa “geralmente implanta-se quase fora do corpo da residência, alterando a posição dos primeiros tempos de colonização, quando localizava-se mais ao centro, próximo à sala” (VERÍSSIMO; BITTAR, 1999, p. 109); os portugueses logo perceberam que o calor dos trópicos inviabilizava a proximidade da cozinha com os outros ambientes da casa.

Nesse aspecto, a cozinha ítalo-brasileira dos primeiros anos da colonização se assemelha a de seus precursores portugueses, pois “sempre foi uma edificação distinta da casa de dormir, ou separada, ou anexa, ou ainda ligada a ela por um corredor coberto.” (POSENATO, 1983, p. 248).

Mais do que pelo clima, na casa do italiano era o temor de um eventual incêndio a razão do descolamento da cozinha do corpo da casa, pois vale lembrar que, à época, o material predominante na construção dos edifícios era a madeira, de

fácil combustão. Gardelin, no entanto, adverte que “a explicação aparentemente é plausível, porém, encontramos a casa e a cozinha tão próximas uma da outra, que o incêndio de uma fatalmente devoraria a outra também.” (in POSENATO, 1983, p. 248).

Há, ainda, outras razões para essa configuração, como a intenção de impedir que a fumaça do *focolare* invadisse os dormitórios e o isolamento dos mesmos dos ruídos produzidos pelo preparo das refeições, a fim de “resguardar crianças, parturientes, doentes e idosos.” (POSENATO, 1983, p. 251). Também na cozinha a casa do imigrante italiano remete à cabana de Heidegger, a qual acusa “a ausência de objetos tecnificados [...], produzidos mediante uma transformação industrial das matérias-primas.” (ÁBALOS, 2012, p. 55).

Seu mobiliário era simples, espartano e manufaturado, e o *focolaro*, uma caixa de madeira preenchida com terra batida para o abrigo do fogo, servia para o cozimento da comida, a partir de uma corrente suspensa que sustentava um gancho, no qual as panelas eram penduradas. Esse equipamento cumpria o papel de protagonista da cozinha, pois além de prover o alimento, também aquecia o ambiente.

Mais tarde, o *focolaro* deu lugar à chapa, ou *siápa*, precursora do fogão a lenha, construído em tijolos encabeçados por uma chapa de ferro, sobre a qual eram descansadas as panelas. O fogo era então aceso no interior desse volume de tijolos e a fumaça, diferente do *focolaro*, era direcionada para o exterior da casa através de chaminés cilíndricas em folha-de-flandres com saída pelo teto ou pela parede lateral.

As primeiras casas, portanto, construídas da madeira extraída da mata e, às vezes, quando já pretendiam ser definitivas, com porões de madeira ou pedra retirada da terra pelas próprias mãos, caracterizavam-se pela rusticidade e extrema simplicidade, apresentando em seus interiores somente os móveis imprescindíveis para as práticas domésticas mais elementares.

Pouco compartimentadas e, assim, despidas de privacidade, reuniam em um único ambiente as funções de comer, conviver, trabalhar nos pequenos afazeres domésticos ou no artesanato e, às vezes, dormir. No espaço da sua interioridade, uma vez que eram palco das práticas hierárquicas fortemente desempenhadas pelos

membros da família, o homem, “como dono da casa, deveria contar com as atenções especiais da mulher, sendo o primeiro a ser servido na mesa, o primeiro a se banhar, a quem cabia o melhor lugar na casa e a melhor porção dos alimentos.” (GIRON, 2008, p. 35).

2.3 UMA CIDADE, ENFIM

No início do século XX, problemas relativos ao incipiente desenvolvimento começam a surgir, sendo que o principal “estava ligado ao setor das comunicações, especialmente o das estradas, pois estavam em péssimas condições de trafegabilidade” (MACHADO, 2001, p. 167). Para as trocas comerciais e o transporte dos viajantes, é necessário um sistema mais eficiente de conexões, tanto da zona rural à Vila, quanto dessa aos centros regionais, como os Campos de Cima da Serra, a Colônia de Antônio Prado e São Sebastião do Caí e, daí, à capital.

Nesse contexto de fortalecimento do setor comercial, sua necessidade de trocas e de organização dos comerciantes, cuja Associação é fundada em 1901, a primeira década do século XX termina com a inauguração da estrada de ferro, evento fundamental para o desenvolvimento da cidade e da região. Em 1º de junho de 1910 (Fig. 13), ano em que “a Vila é elevada à categoria de cidade” (MACHADO, 2001, p. 33) o município já conta com 235 indústrias e 186 casas comerciais.

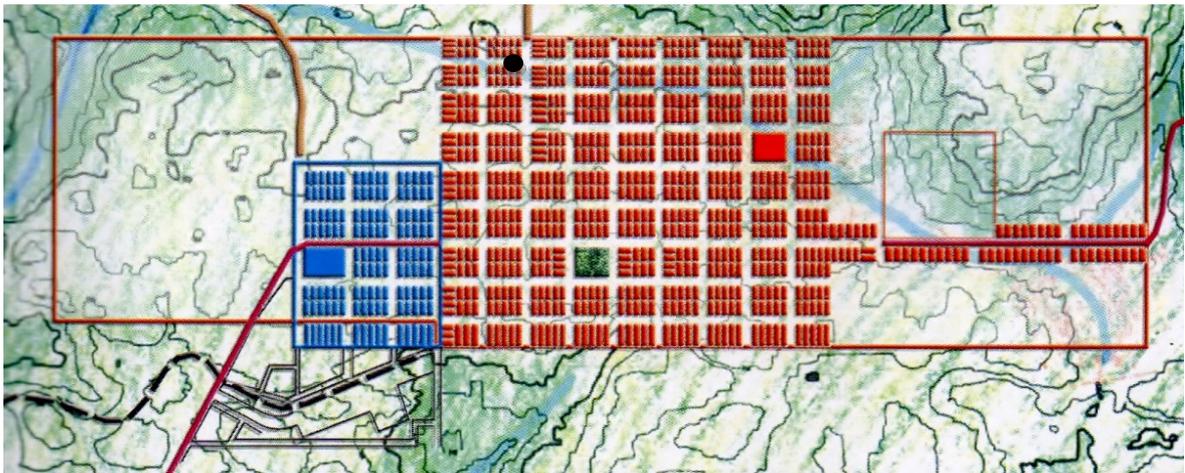
Figura 13: Inauguração da estrada de ferro



Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami

A chegada do trem é comemorada com entusiasmo, pois se acredita que essa nova conexão com a Capital representa a inserção da cidade em um contexto de desenvolvimento inédito, e suas implicações são então antecipadas; ao final daquele ano, ocorre a segunda ampliação (Fig. 14) através do Ato 23, de 30 de novembro, o qual “estendia os limites urbanos do lado oeste, a partir da Rua Feijó Júnior até encontrar a Estrada Rio Branco, na parte atravessada pela Viação Férrea e adjacências.” (MACHADO, 2001, p. 92).

Figura 14: Segunda ampliação urbana, em 1910 (linha tracejada preta)



Fonte: Manipulado de MACHADO, 2001

● Localização do objeto de estudo

Com efeito, o trem impulsiona o desenvolvimento da cidade como nenhum outro evento até então. O que se nota, a partir da sua implantação como meio de transporte de cargas e de passageiros, é o crescimento da cidade associado ao surgimento de uma classe média formada principalmente por comerciantes de origem italiana, habitantes das casas a serem visitadas adiante. De acordo com Machado, “os estabelecimentos comerciais de maior porte surgiram entre os anos de 1910 e 1920, como as Casas de Sassi, Raimundo Magnabosco, Victório Pieruccini, Viale & Serafini, Café Central e Alfaiataria Jaconi” (MACHADO, 2001, p. 275). Todos esses estabelecimentos são implantados nas proximidades da Praça Dante, desde sempre zona nobre da cidade, e alguns, como a Residência Sassi (hoje Lojas America), ainda se encontram no mesmo lugar e no mesmo edifício no qual tiveram origem.

A figura 15 demonstra a Praça Dante no ano de 1905 com a Catedral em processo de construção, sem os pináculos laterais, e os pequenos edifícios, em

madeira, que a cercavam. Nota-se, ainda, a falta de tratamento paisagístico no espaço da praça.

Figura 15: Praça Dante em 1905



Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami

Na figura 16, observam-se as transformações ocorridas no principal cenário do desenvolvimento da cidade, agora no ano de 1915. Na imagem, é possível constatar a preocupação com a ordenação dos elementos espaciais do espaço público e também a imponência dos edifícios, agora em alvenaria e já fazendo referência a algum estilo, como é o caso da eclética Casa Canônica, à esquerda da Catedral, com seus novos adornos.

Figura 16: Praça Dante em 1915



Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami

Essas imagens possibilitam compreender o processo de transformação pelo qual a cidade passou naquele momento histórico, apontando para seu rápido desenvolvimento. Assim, o texto procurou demonstrar, de maneira relativamente breve e panorâmica, os principais aspectos que constituem o ambiente, tanto no âmbito urbano como privado, da família chegada da Itália e seus hábitos relativos ao morar. O próximo passo consiste em um curto salto no tempo para encontrar uma família que, a partir de agora, irá representar genericamente as famílias imigrantes e seus descendentes. Entrar-se-á em suas casas para, a partir da descrição ilustrada de seus espaços, procurar entender como esses definem, ou sugerem, os hábitos e costumes dos dois períodos apresentados.

3 TRÊS VISITAS EM DOIS ESPAÇOS-TEMPOS

Esse capítulo é um convite. De um jeito informal, como se íntimo fosse da família que o receberá, o visitante será instigado a entrar nas casas que a ela pertenceu e pertence. No entanto, não será por ela guiado; em seu lugar, um arquiteto que, na tentativa de vencer os vícios disciplinares e olhar através dos olhos do visitante, deixará de ser o profissional especializado para dar lugar ao usuário. Não há de ser tarefa fácil, pois “à medida que os problemas transcendem as questões puramente físicas, os arquitetos se sentem perdidos.” (NORBERG-SCHULZ, 2001, p.15).

Os procedimentos de análise usuais do espaço serão, portanto, desqualificados, pois “o alcance dos espaços construídos vai [...] bem além de suas estruturas visíveis e funcionais.” (GUATTARI, 1992, p. 158). Trata-se da diferença entre o plano métrico traçado no papel e aquele que rejeita precipitações, seguindo naturalmente o movimento que se apresenta. Para que se obtenha algum sucesso nesse empreendimento, “há necessidade de um trabalho não qualificado, de uma desqualificação do trabalho.” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 35).

Habitar um lugar é estar nele com todos os sentidos disponíveis, sem hierarquia ou escolhas. A supremacia da visão, auxiliada pela do pensamento, recursos da descrição, ambos tão exigidos e exaltados nos tempos modernos, fragmentam e encolhem a percepção da totalidade de um espaço, pois retira de seu interior a textura das coisas, os odores e ruídos de outros ambientes que ali se fazem presentes e constituem a experiência, além da possível e eventual interação de agentes externos ao espaço em si, como seus moradores.

Entrar nas casas pressupõe uma experiência espacial, tridimensional, efetivamente impossível a partir de textos descritivos e imagens bidimensionais, mesmo que essas simulem a tridimensionalidade do ambiente, pois “o texto descritivo [...] coloca-nos não no interior de um espaço, mas diante de uma imagem de dimensões reduzidas.” (BRANDÃO, 2002, p. 18). Enquanto que a descrição “fixa o tempo em um presente definido e imobiliza a visão do espaço” (LAPLANTINE, 1996 apud BRANDÃO, 2002, p. 21), a narrativa é “associada ao dinâmico, ao movimento, à passagem do tempo.” (BRANDÃO, 2002, p. 21).

Para atenuar essas limitações, recorrer-se-á, então, a uma linguagem mais narrativa, mesmo incorrendo-se no risco de, sob certos olhares, sugerir um procedimento inadequadamente pouco científico, uma vez que:

É preciso [...] superar os problemas da descrição — seja essa descrição objetiva ou subjetiva, isto é, que ela diga fatos ou impressões — para atingir as virtudes primeiras, aquelas em que se revela uma adesão, de qualquer forma, inerente à função primeira de habitar. (BACHELARD, 1993, p. 24).

A ousadia assumida, no entanto, pode valer a pena, porque “para construir um saber capaz de operar e compreender esses modos de habitar [...], é, pois, necessário aceitar o risco de ir além do antigo paradigma científico matemático ou geométrico em busca de um novo modelo.” (CORRÊA, in LEITÃO; AMORIN, 2007, p. 36). Os diferentes campos do saber, incluindo a Arquitetura, são permeados de interfaces complexas e seus limites são constantemente desafiados, porém, nem sempre observados:

A ciência manipula as coisas e renuncia a habitá-las. Estabelece modelos internos delas e, operando sobre esses índices ou essas variáveis, as transformações permitidas por sua definição só de longe em longe se confrontam com o mundo real. A ciência é e sempre foi esse pensamento admiravelmente ativo, engenhoso, desenvolto, esse *parti pris* de tratar todo ser como ‘objeto em geral’, isto é, ao mesmo tempo, como se ele nada fosse para nós e estivesse, no entanto, predestinado aos artifícios. (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 13).

Os vídeos e, principalmente, as simulações dos espaços em realidade virtual, já enunciados na introdução desse trabalho, reforçam essa tentativa de extrair dos ambientes mais do que suas características físicas e materiais, inserindo o observador como agente ativo do lugar, ao ter a liberdade de direcionar seu olhar e atenção, pelo tempo que desejar, para o que pretender.

As visitas, em número de três, ocorrerão em espaços e tempos alternados, num fluxo contínuo entre ambos, enfatizando em cada uma um ambiente ou conjunto de ambientes que ilustram as categorias a serem discutidas, já enunciadas, em ambas as casas. Isso não implica, porém, que outros ambientes não participem da narrativa quando, de alguma forma, alterar a forma de perceber o ambiente narrado. As visitas serão, assim, eventualmente acompanhadas por um ou outro personagem, pois “a casa não é um cenário passivo que assiste ao desenrolar das nossas vidas e o enquadra, mas é coautora de todas as possíveis experiências vivíveis e narráveis.” (AMORIM, 2007, p. 89).

A casa colonial, assim denominada não por corresponder ao período da colonização da região, mas por ainda apresentar aspectos espaciais daquela que serviu aos italianos recém-chegados da Itália ou a seus primeiros descendentes, foi construída na década de 1930, em um grande terreno pertencente ao patriarca da família, que iniciou sua jornada migratória na década de 1870 na Itália e, antes de aportar no Brasil, ainda no final da mesma década, passou pelos Estados Unidos para trabalhar na construção de ferrovias, exercitando suas habilidades como carpinteiro. Do casamento, já no Brasil, resultaram cinco filhas e dois filhos.

O lote foi fracionado em três partes, sendo uma adquirida por um de seus filhos que, ao se casar, construiu a casa onde viveria com sua esposa e filhos. Essa é a primeira geração a habitar o lugar, mas não é sob seu domínio que a visita ocorrerá, mas sob o da próxima geração, que também habitará a casa moderna, construída em 1975.

Uma das filhas, Zóla, casa-se com Sady e, após a morte de seu pai, Dante, volta à casa de seu nascimento, já em meados da década de 1960, agora com a família composta de seu esposo, duas filhas, Mara e Jezebel, e um filho, Sadi. Esse é o núcleo que, juntamente com Nona Angelina, viúva de Dante, constitui os habitantes das casas a visitar. Inicia-se, então, o percurso, lembrando “que a percepção da casa – na sintaxe dos seus espaços –, tanto na apreensão do ambiente que nos rodeia quanto na descrição dos eventos do nosso cotidiano, é, em certa medida, sequencial.” (AMORIM, 2007, p. 88). Antes, porém, uma advertência: na casa dessa família, como em qualquer outra casa,

Todo visitante é um intruso, a menos que tenha sido explícita e livremente convidado a entrar. Mesmo neste caso, o convidado deve saber “ficar no seu lugar”, sem atrever-se a circular por todas as dependências da casa; deve saber, principalmente, abreviar sua visita, sob pena de cair na categoria (temível) dos “importunos”, daqueles que devem ser “discretamente lembrados” das boas maneiras, ou, pior ainda, daqueles que devem ser evitados a todo custo, pois não sabem ser convenientes nem manter “certa distância.” (CERTEAU; GIARD, 1996, p. 203).

3.1 CONVÍVIO FAMILIAR E SOCIAL

Juntamente com a função de receber, que para Guerrand (in PERROT, 1991) ocorre nos espaços públicos de representação do interior doméstico, o convívio da família, nas casas visitadas, acontece em diferentes lugares. Embora a sala de estar, ou sala de visitas, seja o lugar consagrado para tal, é possível antecipar, pela localização do setor social em ambas as casas, no que diz respeito à relação desse com os outros setores (íntimo e serviços), que os espaços destinados à convivência familiar e às visitas formais se conectam de formas distintas com o restante da casa, indicando diferentes formas de uso.

Na casa antiga (Figura 17), a sala de estar e jantar ocupa posição central na planta, servindo de conexão e passagem entre setores, fragilizando sua autonomia funcional. Herança arquitetônica dos palacetes barrocos europeus e presente também na casa colonial portuguesa do Brasil Colônia, a sala como passagem é decorrência da distribuição dos “ambientes seguidos, sem corredor, em uma sucessão de portas que, quando se abriam, geravam bonitas perspectivas, mas que resultava pouco práticos em garantir a acessibilidade e intimidade de seus ocupantes.” (ZABALBEASCOA, 2011, p. 183).

Figura 17: Planta baixa térreo casa antiga

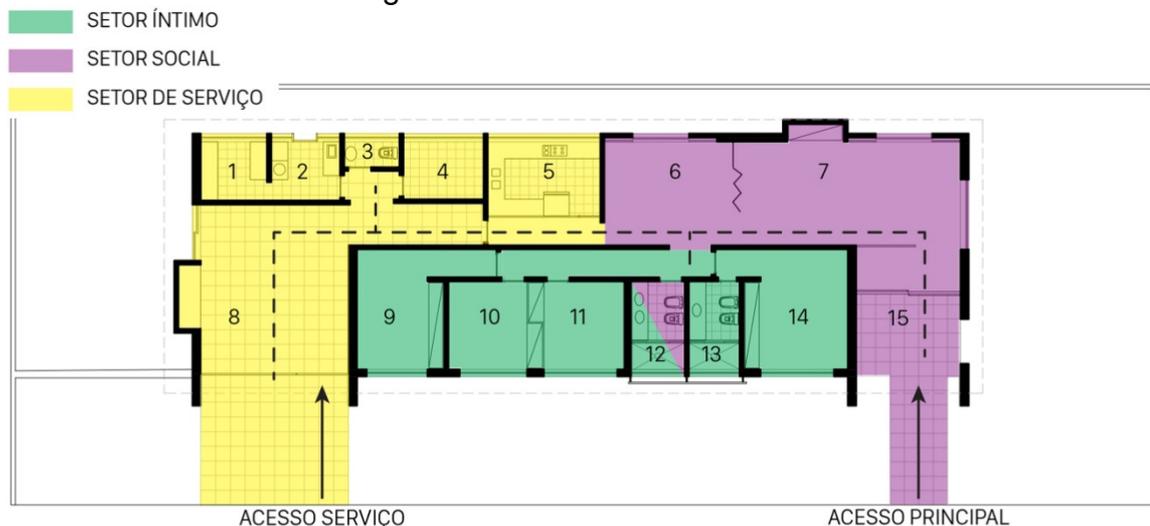


1 - GARAGEM 2 - SALA ESTUDOS / BAR 3 - ESTAR 4 - DORMITÓRIO FILHAS 5 - COZINHA 6 - COPA
7 - DORMITÓRIO AVÓ 8 - DORMITÓRIO PAIS / FILHO 9 - BANHEIRO

Fonte: do autor

Na casa moderna (Figura 18), a busca pela funcionalidade se revela pela rigorosa setorização dos ambientes, permitindo que social, íntimo e serviços desfrutem de quase total autonomia funcional (a ausência de um lavabo social tem implicações nesse conceito, como se verá adiante), garantida também pelo surgimento do corredor como articulador dos setores. Aqui, a busca pela privacidade e intimidade se evidencia, pois “as possibilidades de encontros casuais entre moradores e visitantes são minimizadas pela forma de organização da casa.” (AMORIM, 2007, p. 102).

Figura 18: Planta baixa casa moderna



1 DESPENSA 2 LAVANDERIA 3 BANHEIRO SERVIÇO 4 QUARTO EMPREGADA 5 COZINHA 6 SALA DE JANTAR 7 SALA DE ESTAR
8 GARAGEM 9 10 11 14 DORMITÓRIO 12 13 BANHEIRO 15 VARANDA

Fonte: do autor

3.1.1 Discreta formalidade

Na casa urbana da década de 1930, em Caxias do Sul, o espaço para o convívio da família e também para a acolhida aos visitantes já está configurado como tal. Ou seja, já não é, como na casa colonial que a antecedeu, um espaço único, onde várias atividades podem ocorrer simultaneamente. Agora, superadas as necessidades anteriores e já no período de apogeu da arquitetura da imigração (POSENATO, 1983), se percebe certa especialização funcional dos espaços; cada atividade possui seu lugar específico para acontecer de modo mais adequado.

O acesso ocorre pela rua Visconde de Pelotas, próximo à divisa do lote vizinho. Do pequeno portão, colado à calçada, é necessário descer uns poucos degraus, uma vez que o lote fica a cerca de um metro de desnível em relação ao passeio público (Figura 19). Duas pequenas janelas abertas, em madeira, como os fechamentos da casa, descortinam o interior de dois dos três dormitórios do andar térreo, sendo um deles o do casal, pois “já encontramos, desde a década de [19]10, o partido do quarto principal ou do casal implantado à frente da habitação, revelando status ou grau hierárquico de seus ocupantes.” (VERÍSSIMO; BITTAR, 1993, p. 92).

Figura 19: Acesso principal



Fonte: do autor

Para chegar à varanda lateral ornamentada com um cuidadosamente talhado balaustre em madeira – esse espaço de transição entre o público e o privado, “principal elemento filtrante do exterior, permeando apenas o que interessa à intimidade da família patriarcal” (VERÍSSIMO; BITTAR, 1993, p. 30) – outros degraus são necessários, agora no sentido ascendente. Em um determinado momento da vida das duas filhas do casal, essa varanda, discreta aos olhos dos que passam na calçada, será testemunha “dos namoricos em casa, sempre vigiados pela família [...]. A transposição desse limite significaria um verdadeiro compromisso, pois o pretendente, na sala de estar, estaria “frequentando” a casa.” (VERÍSSIMO; BITTAR, 1993, p. 76).

Mas esses dias ainda não chegaram e, ao lado dos degraus se nota uma pequena extensão do piso da varanda que serve, nos dias quentes de verão, de banco, onde as meninas sentam e brincam com suas bonecas de pano. A varanda é longa e estreita, servindo mais como passagem do que para a permanência, embora seja possível testemunhar, em dias de calor, Nona Angelina sentada em sua cadeira, com o chimarrão à mão, mirando o denso universo de suas memórias passadas com o marido nesse mesmo lugar.

No plano de parede ao longo da varanda, à esquerda, vê-se uma pesada porta de folhas duplas, seguida de uma janela maior que as anteriores, da fachada frontal, também em madeira e veneziana, e mais uma porta, essa menor. Antes de descer os degraus que encaminham para o jardim dos fundos, se avistam ainda duas janelas sem venezianas. (Figura 20).

Figura 20: Varanda lateral



Fonte: do autor

A primeira porta, mais larga do que a segunda, é usada para receber as visitas e, ao se entrar por ela, o primeiro ambiente do interior da casa se revela. (Figura 21). É a sala de visitas, surgida nas casas abastadas do Renascimento, mas que foi consagrada como espaço de uso comum somente em meados do século XVIII. Antes, se houvesse a distinção funcional dos ambientes, o comum era as pessoas serem recebidas nos dormitórios. (ZABALBEASCOA, 2011). É aqui que Dona Zóla recebe quem chega para visitar a família.

Figura 21: Sala de visitas/jantar



Fonte: do autor

O espaço, de linhas ortogonais, é limpo e solene, pois “este setor é tratado com rigoroso ritual formal. [...] Assim, deve estar organizado, refletindo para o visitante o asseio, as posses e a disciplina da família.” (VERÍSSIMO; BITTAR, 1993, p. 57). Sabe-se que, “indiscreto, o habitat confessa sem disfarce o nível de renda e as ambições sociais de seus ocupantes.” (CERTEAU; GIARD, 1996, p. 204).

Predomina no ambiente a mesa de refeições, retangular, em madeira maciça, servida de seis cadeiras também em madeira, com encosto alto e acento cuidadosamente estofado para o conforto dos usuários, atributo que, “tal como entendemos hoje, é um valor de meados do século XVII.” (ZABALBEASCOA, 2011, p. 182). Aqui, na sala de jantar, termo usado pela primeira vez no século XVII, (RYBCZYNSKI, 1996), aos domingos ou em dias de comemorações, a mesa é cuidadosamente posta por Belmira, a empregada da casa, sob a supervisão de

Dona Zóla, que define o cardápio do almoço, não sem antes consultar Seu Sady. Nesse ambiente idealizado:

O papel principal cabe à senhora do lar, encarregada de fazer funcionar a vida privada tanto na intimidade do lar – cerimônias cotidianas das refeições [...] – quanto nas relações da família com o mundo exterior – organização da sociabilidade, visitas, recepções. Ela deve reger o curso das atividades domésticas de maneira que todos, o marido em primeiro lugar, encontrem em casa o máximo de bem-estar. (MARTIN-FUGIER in PERROT, 1987, p. 184).

Próximo à mesa, encostado a uma das paredes, um aparador de mesmo tratamento apoia porta-retratos com fotografias de membros da família, aludindo à harmonia do grupo que deve ser exposta aos visitantes. Em seu interior, louças e utensílios descansam, à espera de ocasiões especiais. Da mesma forma, em um móvel vertical, apoiado na parede lateral à mesa, copos e taças de cristal repousam solenemente, exibindo através da transparência dos vidros das portas as condições econômicas e o gosto refinado dos moradores. Chama a atenção os objetos decorativos do ambiente, como o quadro de um solitário lobo em seu ambiente natural e, especialmente, o candelabro, composto por várias lâmpadas, que ilumina o centro da mesa de refeições, acentuando a atmosfera formal do recinto.

Dividem o espaço com a mesa de jantar um sofá, cujo revestimento em tecido de padrão floral esconde a pesada estrutura em madeira, encostado a uma das paredes, parcialmente em frente à janela que se abre para o acesso de serviços, o qual se conecta com o jardim dos fundos através de poucos degraus, e uma poltrona de reclinar, apelidada popularmente de ‘cadeira do papai’, indicando sua função e hierarquia. Compõem ainda o recinto uma mesa baixa no centro do conjunto e outra, menor, para apoio do telefone, aparelho que só aparece nos últimos anos da vida útil dessa casa. Dois quadros finalizam a decoração da sala, retratando paisagens ideais e distantes no tempo e no espaço, reafirmando o clima bucólico impresso ao ambiente. Contrastam com a atmosfera do lugar, realçada pelas cortinas intocadamente elaboradas, que até o século XVIII não eram empregadas na

decoração (ZABALBEASCOA, 2011), lâmpadas fluorescentes fixadas no teto, de luz fria, acusando o descuido estético que, por vezes, pode se pronunciar.

Dona Zóla, quase sempre na companhia de Nona Angelina, recebe aqui as amigas nas tardes em que recepciona, antes de encaminhá-las à copa (discutida mais adiante) para o lanche obrigatório, quando demonstra suas habilidades culinárias, especialmente com as broas de milho ou o bolo, sempre macio e elogiado. Chá ou café, dependendo da preferência, acompanham as longas conversas sobre os personagens que habitam suas vidas, prioritariamente os membros das próprias famílias. A notícia sobre a construção da nova casa, para breve, é assunto corriqueiro, que a todas excita. (Figura 22).

Figura 22: Sala de estar



Fonte: do autor

Assim, em um mesmo espaço, encontram-se duas funções: comer e receber. Essa configuração passa a ser comum “quando o receber institucionaliza-se e formaliza-se, com a valorização dos núcleos urbanos e do papel da mulher na sociedade, responsável direta por intrínsecas modificações no espaço de morar.” (VERÍSSIMO; BITTAR, 1993, p. 57). Ao mesmo tempo, “fazer uma refeição não é apenas comer, é se encontrar em família.” (MARTIN-FUGIER in PERROT, 1987, p. 187). Nesse ambiente formal, esses encontros se dão em situações singulares,

quando um importante papel recai sobre “a senhora do lar, que sabe criar a felicidade em volta da mesa familiar.” (MARTIN-FUGIER in PERROT, 1987, p. 187).

O ambiente se destaca pela profusão de portas ao longo de todos os planos de paredes, indicando que a sala conecta uma série de outros espaços – a sala se configura como uma sala-praça, segundo Lemos (1996), especialmente os dormitórios, expondo a vida íntima de seus ocupantes aos olhos estranhos e comprometendo a privacidade da família. (Figura 23). Assim:

Essa disposição em termos de fluxo ou circulação é insatisfatória, pois encontramos cruzamentos desnecessários com superposição de função dos demais compartimentos, pois a sala transforma-se em passagem entre o íntimo e o serviço, mesmo entre íntimo e íntimo, como, por exemplo, quarto-banheiro – este único, nesse período, comprometendo até mesmo a privacidade de seus ocupantes. (VERÍSSIMO; BITTAR, 1999, p. 93).

Figura 23: Um espaço, muitas portas



Fonte: do autor

De qualquer forma, a sala de visitas representa para a família “o lugar de sua existência, seu ponto de encontro. Encarna a ambição do casal e a figura de seu sucesso” (PERROT, 1987, p. 286) e parece servir mais para receber e menos para o convívio cotidiano, embora sua situação de passagem torne seu uso, como tal, intenso. Se falta eficiência funcional, sobra vigorosa presença no cotidiano familiar,

apesar de, como nas casas pequeno-burguesas francesas do final do século XIX, “onde as relações se reduzem quase apenas à família, o salão é um lugar quase morto, com seus móveis recobertos por capas protetoras.” (GUERRAND, in PERROT, 1991, p. 309). Aqui, faltam as capas protetoras, mas, igualmente, a ausência dos moradores se faz sentir na imaculada organização do ambiente.

3.1.2 Naturalidade planejada

Muitos anos depois, no mesmo lugar, encontra-se outra casa, habitada pela mesma família, mas com o grupo alterado; durante os dois anos de ausência para a demolição do antigo lar e construção do novo, período no qual a família mora em um apartamento alugado, Mara, a filha mais velha, casa-se e vai, naturalmente, viver com o marido em uma nova residência. É a década de 1970 e já vai longe o tempo em que os filhos casados moravam com os pais; a vida moderna se instala em detalhes não tão pequenos.

Agora, o acesso (Figura 24), se faz pela rua lateral, Hércules Galló, sugerindo preocupação com a intimidade familiar, visto que a partir dessa, de menor fluxo do que a Visconde de Pelotas, um número significativamente menor de olhos pode observar o interior da casa, mesmo quando a porta se abre para receber convidados; esse é o acesso social, utilizado em situações especiais. O acesso de serviços, agora presente, juntamente com o de veículos, que ostentam as posses dos moradores estacionados no recuo em frente à garagem, será lembrado adiante.

Figura 24: Acesso social



Fonte: do autor

Ambos são imponentemente marcados por espessos planos de alvenaria de tijolos aparentes e não apresentam portões de controle de acesso. Em meados dos anos 1970, em Caxias do Sul, a preocupação com a violência urbana parece ainda não afetar as mentes dos seus habitantes. O lote agora é nivelado ao passeio público, tornando a acessibilidade mais generosa do que na situação anterior. A profundidade do percurso da calçada até a porta de entrada, somada à sua largura, criam uma perspectiva que confere significativo grau de imponentia ao acesso social.

De certa forma, a varanda é mantida, mas agora é um espaço de proporções equivalentes entre largura e profundidade, possibilitando, se esse for o desejo dos moradores, a criação de um recinto de permanência, uma antessala. Esse espaço de transição cumpre o mesmo papel da varanda antiga, servindo de filtro entre o público e o privado, entre o exterior e o interior. No entanto, agora mais exposto aos olhares da rua, pouco é utilizado como espaço de permanência, exceto nos breves momentos de despedidas dos visitantes, quando assuntos de última hora são polidamente concluídos. (Figura 25).

Figura 25: Varanda frontal



Fonte: do autor

Belmira voltou com a família para a nova casa – prestou seus serviços por 30 anos aos De Carli – e é ela quem abre a porta para as visitas. Uma vez aberta, expõe um ambiente que não se revela completamente, apenas sugerindo

continuidade através dos elementos que, à medida que se avança, vão se desvendando. À direita, em torno de um tapete que ajuda a definir o ambiente, um amplo sofá de três lugares e duas poltronas, cuidadosamente alinhadas, em couro natural, esboçam a sofisticação despojada que se observará em toda a residência. Complementam a formalidade desse lugar duas mesas laterais de apoio, onde as amigas de Dona Zolá depositam suas xícaras de chá ou café nos encontros semanais, sempre às tardes, servidos por Belmira.

Atrás do sofá, uma imensa cortina, menos adornada do que as do período anterior, cobre inteira e permanentemente a janela da qual se avista a rua mais movimentada, sem prejudicar a entrada da luz natural, uma vez que é feita de fino tecido branco, porém suficiente para bloquear os olhares de fora. Ao fundo, uma porta janela permanece com as venezianas abertas para a entrada de luz, sem expor a intimidade da família, uma vez que se volta para o recuo lateral do lote. (Figura 26). Nessa sala, a família recebe os amigos e, claro, evita “os inimigos, o chefe do trabalho, por tanto tempo quanto permite a frágil barreira simbólica entre o privado e o público, entre uma convivialidade eletiva, regrada pelos indivíduos, e uma socialidade obrigatória, imposta pelas autoridades.” (CERTEAU; GIARD, 1996, p. 206).

Figura 26: Sala de visitas



Fonte: do autor

Sentadas no sofá, as amigas de Dona Zóla avistam, em primeiro plano, a sala de convívio da família, que se reúne em frente à televisão, grande protagonista das

salas de convivência a partir da década de 1960, no Brasil. (Figura 27). Juntamente com a sala social, a sala de TV comanda “a composição do setor de receber da casa. Espaços multifacetados pela execução de seus traçados, elas revelam grande preocupação pelas características espaciais e estéticas.” (VERÍSSIMO; BITTAR, 1993, p. 67).

Figura 27: Sala de TV



Fonte: do autor

A televisão “vai ocupar, cada vez mais, lugar de destaque no espaço da sala da classe média ou até mesmo receber um aposento especial para sua utilização, uma sala de TV, em camadas mais abastadas.” (VERÍSSIMO; BITTAR, 1993, p. 82), substituindo a lareira como foco das atenções e pretexto para as reuniões familiares. Historicamente, embora ainda pouco comum na região e mesmo no Brasil, “a lareira era a peça principal, a mais arquitetônica e ousada e, portanto, a mais preciosa.” (ZABALBEASCOA, 2011, p. 183).

Pela importância adquirida pela televisão nos lares do brasileiro médio nesse período, “os móveis, e sua distribuição, se ordenaram para abraçá-la e contemplá-la.” (ZABALBEASCOA, 2011, p. 208). É nesses sofás que, aos domingos, a família se reúne inteira para acompanhar os programas de auditório, enquanto tomam o chimarrão e, no meio da tarde, o “café com mistura.” À noite, Dona Zóla assiste, na companhia de Nona Angelina, às novelas, agora com transmissão em cores e, com certa frequência, recebe amigas da vizinhança, visto que é o único aparelho das

redondezas; Seu Sady está frequentemente ausente, cuidando do bar, enquanto que a filha e o filho, adolescentes, se ocupam de seus respectivos interesses, em seus quartos ou fora de casa. (Figura 28).

Figura 28: Lareira e TV



Fonte: do autor

No entanto, se a lareira foi durante séculos a peça predominante nas salas burguesas, o coração da casa, substituída pela televisão a partir da década de 1950 na Europa e nos Estados Unidos, mas somente na virada dos anos 1960 no Brasil, nessa casa, ambas compartilham o protagonismo, tornando-se, pela aproximação, o foco das atenções e razão para o convívio. Aqui, a sala tem dois corações, batendo lado a lado, e a família se reúne “para celebrar os ritmos do tempo, confrontar a experiência das gerações, acolher os nascimentos, solenizar as alianças, superar as provas.” (CERTEAU; GIARD, 1996, p. 206).

A televisão, mesmo passando a ser o novo pretexto para a reunião familiar, não fica sempre à mostra. A discrição e a preocupação com a limpeza do ambiente a confina em um móvel projetado especialmente para ela, com portas que se fecham e a ocultam quando não está em uso. Móveis planejados passam a se fazer presentes nas casas modernas, executados com “lâminas de madeira prensada que começaram a se popularizar na década de 1930 e com as quais hoje se fabrica a

maioria dos móveis.” (ZABALBEASCOA, 2011, p. 206). A pré-fabricação dos móveis facilitou a busca sonhada de “uma vida autônoma em meio a uma sociedade dependente e cada vez mais urbana.” (ZABALBEASCOA, 2011, p. 209).

Prosseguindo o percurso para o interior da casa, a sala de jantar faz a interface entre o setor social, o íntimo e o de serviços, mas se configura como parte do social. A parede à esquerda, em tijolo aparente pintado na cor branca, reforça a ideia de continuidade espacial, uma vez que inicia na porta de entrada e se estende até a circulação de serviços, após a porta que separa esse do social.

No entanto, essa continuidade é parcialmente interrompida por um painel de madeira, entre a sala de TV e a sala de jantar, que é mantido parcialmente aberto. (Figura 29). Composto por cinco folhas do tipo veneziana, a da esquerda é fixa, impedindo a exposição, a partir das salas, das portas que dão acesso ao setor íntimo e ao social, evidenciando a preocupação com a privacidade. As outras quatro folhas se abrem totalmente à direita, de forma pivotante, ampliando e integrando os espaços. Raramente o painel se fecha completamente, funcionando mais como um limite subjetivo dos espaços do que propriamente um obstáculo. Acima, uma faixa de vidros fixos garante a passagem de luz de um espaço ao outro.

Figura 29: Painéis de madeira pivotantes



Fonte: do autor

O ambiente é dominado pela mesa de jantar, redonda, servida por quatro cadeiras, às quais podem ser acrescentadas outras tantas, quando necessário, o suntuoso lustre sobre ela e, definindo o espaço de comer, um tapete. (Figura 30). O aparador com as louças especiais permanece na sala de jantar, mas é o único móvel de apoio; a cozinha, agora melhor equipada, como se verá adiante, guarda a maior parte da louça e utensílios. Sobre ele, as fotos da família migraram do antigo aparador, acrescidas de outras mais recentes. No canto esquerdo, o moderno telefone tem seu espaço preservado.

Figura 30: Sala de jantar



Fonte: do autor

À esquerda, na figura acima, quase sempre coberta por uma cortina semelhante à da sala de visitas, uma larga porta de vidro e venezianas dá acesso ao recuo lateral que separa a casa do lote vizinho. Por essa porta, nos dias frios de inverno, Belmira, ou Seu Sady, eventualmente, arrasta seu corpo pesado levando nas mãos a lenha, que apanhou na garagem, para abastecer a lareira; ela evita o caminho pelo corredor interno, também possível, para não espalhar gravetos pela casa. Ao lado da porta, mas sem interromper o fluxo, pende do forro superior uma curiosa gaiola, na qual repousam impassíveis as peças de artesanato produzidas pelas mulheres da casa. Nessa casa, presa-se pela liberdade dos animais, sejam quais forem, e por isso a gaiola é casa de seres outros, inanimados.

As paredes ganham novas reproduções. A Santa Ceia de Da Vinci, imagem obrigatória nas casas católicas, é o grande foco da perspectiva criada desde a sala

de visitas, operando como uma espécie de indicação do caminho a ser percorrido, cujo fim se sustenta nas crenças religiosas compartilhadas pela maioria das famílias da região. As portas que dão acesso aos corredores íntimo e de serviços, de madeira em tom médio, apresentam molduras laterais que se estendem até o teto, acentuando a verticalidade desses elementos e forçando o olhar para o alto, ampliando visualmente o ambiente em direção ascendente. Com isso, a sala de jantar parece crescer em altura, o que a torna mais solene e formal, atributos reforçados pelos vitrais laterais à porta de acesso aos dormitórios, em vidros translúcidos verdes, como os móveis projetados da sala de TV.

O rigor do zoneamento moderno não permitiria a presença da porta que acessa o setor íntimo aqui. O que a torna necessária é a ausência de um lavabo social, obrigando os visitantes a usar o banheiro, que se localiza no setor íntimo, como banheiro social. Dessa forma, percebe-se um pequeno conflito de usos, fragilizando a autonomia do setor íntimo da casa. No entanto, pela posição que o banheiro ocupa no corredor, seu uso por outras pessoas, que não as da família, não compromete gravemente a privacidade dos moradores, próximo tema a ser discutido.

Ao chegar ao fim a primeira visita, faz-se necessária uma pausa, pois receber é prazeroso, mas exige esforço, tanto de quem recebe quanto de quem é recebido. A próxima pode ser menos exaustiva, porque menos cerimonial, mas também mais delicada, pois o visitante será convidado a entrar no território mais íntimo de ambas as casas, aquele mais denso, mais privado e mais caro no que diz respeito à construção da subjetividade: o setor íntimo.

3.2 PRIVACIDADE E INTIMIDADE

A noção de privacidade relacionada ao morar é relativamente recente; remonta à Idade Moderna. Foi somente no século XVII que “surgiram os cômodos onde os indivíduos pudessem ficar a sós – eram chamados de privacidades.” (RYBCZYNSKI, 1996, p. 32). Antes, as casas eram habitadas por um número muito maior de pessoas do que hoje e os espaços não tinham funções específicas. Nessas casas medievais e nas anteriores, assim como na casa do primeiro período da

colonização italiana na região, o único ambiente destinado à moradia cumpria as funções de comer, conviver, descansar e, por vezes, até mesmo incorporava as funções relativas ao trabalho. Eram, portanto, espaços públicos, compartilhados por muitos.

Quando surge, a privacidade é como uma “reação involuntária, quase inconsciente, às mudanças nas condições de vida urbana” (RYBCZYNSKI, 1996, p. 63) e, embora não seja possível afirmar o momento preciso em que isso ocorre, nem onde, é provável que os Países Baixos tenham sido o berço da privacidade, pois “em uma época em que os outros estados da Europa ainda eram predominantemente rurais [...], os Países Baixos estavam, rapidamente, se tornando uma nação urbana.” (RYBCZYNSKI, 1996, p. 65).

As casas dos novos burgueses holandeses, então, lentamente começaram a esboçar as divisões internas que hoje se conhece. Se, primitivamente, como as casas medievais, possuíam um único espaço com funções diversas, com exceção, por vezes, da cozinha, por volta dos anos 1650 se percebe “a subdivisão da casa em usos diurnos e noturnos, e em áreas formais e informais.” (RYBCZYNSKI, 1996, p. 68). Ao mesmo tempo, diferente das casas de outros países europeus que chegavam a abrigar mais de vinte pessoas, membros da família e inquilinos, a média de habitantes de uma casa holandesa era de quatro a cinco pessoas, todas pertencentes à família. Assim, cem anos antes do que em qualquer outro país ocidental, nos Países Baixos “a família era centrada na criança e a vida familiar na casa.” (RYBCZYNSKI, 1996, p. 71).

Na França, que pode representar o que ocorreu na maioria dos outros países ocidentais, “o espesso manto atirado sobre a menor manifestação sexual, a partir do início do século XIX, concretiza-se pela especialização do lugar sagrado, o quarto conjugal, templo da procriação e não da volúpia.” (GUERRAND, in PERROT, 1991, p. 309). E até o início do século XX, a prole de qualquer família pequeno-burguesa dividia o mesmo aposento, independente do número de seus componentes, acompanhada de uma ama.

Privacidade, então, está associada à intimidade, ao direito de estar só e à possibilidade de alguém controlar o que pode ou não ser exposto sobre si mesmo.

Sob a ótica do habitar, pode-se inferir o grau de privacidade dos moradores de uma casa a partir do número de dormitórios em relação ao número de residentes. A condição de exposição dos quartos a partir de outros cômodos da casa também informa sobre o nível de privacidade dos quais aqueles desfrutam. Nesse aspecto, a mudança de moradia parece ter resultado em significativas alterações nos hábitos e costumes dos habitantes das casas visitadas.

Para adentrar o setor íntimo “são necessários o convite e a autorização da família, pois trata-se de desvendar, por vezes, os mais recônditos segredos, às vezes revelado num retrato na parede ou num camafeu esquecido sobre o toucador.” (VERÍSSIMO; BITTAR, 1999, p. 88). Os proprietários sabem que “este território privado, é preciso protegê-lo dos olhares indiscretos, porque cada um sabe que o mínimo apartamento ou moradia revela a personalidade de seu ocupante.” (CERTEAU; GIARD, 1996, p. 203). A intimidade conquistada até aqui parece suficiente para permitir o ingresso a esse setor onde os sigilos se guardam e resguardam.

3.2.1 Privacidade compartilhada

Em uma manhã de um rigoroso inverno dos anos 1960, Nona Angelina acorda indisposta. É um sábado e toda a família, com exceção de Seu Sady, que já está trabalhando no bar, no centro da cidade, está em casa. Belmira já prepara o almoço quando Dona Zóla, preocupada, resolve chamar o “Doutor”; envia Sadi, o filho mais jovem, ainda uma criança, que corre até a casa do médico da família. Os dois, a criança e o médico, entram apressados pela porta principal da casa em menos de trinta minutos da saída do menino.

Dona Zóla vai ao encontro do médico e o encaminha até o quarto onde Nona Angelina repousa. Não é necessário mostrar o caminho, pois assim que a porta frontal se abre, o doutor avista, do outro lado da sala de jantar, o quarto da avó, de porta aberta, e a velha senhora deitada em sua cama. (Fig. 31).

Figura 31: Quartos expostos a partir da entrada



Fonte: do autor

O ambiente já é familiar ao médico, assim como quase todos os espaços da casa, o que não o impede de observar os detalhes do mesmo, enquanto espera pelo tempo necessário para retirar o termômetro das axilas da Nona. Esse é o menor dos três dormitórios da casa e o tamanho reduzido é reforçado pelo mobiliário que o decora, em número e dimensões no limite suportado pelo espaço. A ‘cama de viúva’, hoje conhecida como ‘meio-casal’, ocupa o centro do aposento, rodeada por outros móveis igualmente pesados, em madeira maciça. Ela é solene, com sua cabeceira de curvas simetricamente torneadas e, perfeitamente alinhada ao crucifixo fixado na parede, domina o ambiente. (Fig. 32).

Figura 32: Quarto de Nona Angelina



Fonte: do autor

Mulher de fé, Nona Angelina frequentemente agradece o conforto que esse móvel lhe assegura, pois lembra do árduo passado de seus antepassados, narrado por sua mãe, quando “qualquer móvel, por básico que fosse, era considerado um luxo. A própria cama se converteu em uma necessidade somente quando a maioria da população pôde dispor de uma.” (ZABALBEASCOA, 2011, p. 114). A cama é servida por dois criados-mudos que servem de apoio. Sobre um deles, Nona Angelina põe, à noite, o copo com água que retira da torneira da pia da cozinha e, sobre o outro, repousa a bíblia e o rosário, utilizados duas vezes ao dia. Nas gavetas, a Nona guarda as poucas fotos do falecido esposo e dos filhos e netos e cartas de parentes distantes. Sob um deles, Nona Angelina mantém o hábito de deixar o urinol, em caso de emergência noturna.

Na parede oposta à porta de entrada, uma pequena janela tipo guilhotina, com venezianas de madeira, é ocultada pelas cortinas que permanecem a maior parte do tempo fechadas. É necessário manter o recato e impedir que olhares indiscretos, vindos da calçada, invadam a intimidade de Nona Angelina. À frente da cama, o roupeiro de duas portas, que segue as mesmas linhas do desenho, apesar de grande, não é suficiente para armazenar todas as roupas de Nona Angelina. Para tal, uma cômoda baixa de gavetas profundas, posicionada ao lado da porta, guarda as roupas íntimas e as peças menores, ‘de dobrar’. Sobre ela, um espelho de mesma largura garante a manutenção da vaidade, especialmente na hora de pentear os cabelos. (Fig. 33).

Figura 33: Roupeiro e cômoda



Fonte: do autor

A consulta chega ao fim. Segundo o médico, não é nada grave, apenas um resfriado. A prescrição consiste em repouso, chá de mel e limão três vezes ao dia, muita água e uma alimentação saudável. Nona Angelina agradece ao médico que se despede da velha senhora e se encaminha para a saída, desejando melhoras. Deitada no conforto da cama, a senhora está em paz, pois “aqui o corpo doente encontra refúgio e cuidados, provisoriamente dispensado de suas obrigações de trabalho e de representação no cenário social.” (CERTEAU; GIARD, 1996, p. 205). Da porta, o médico acena mais uma vez para sua paciente que, da cama, lhe dirige um olhar agradecido. O doutor já está com os pés na varanda lateral da casa.

Dona Zóla, aliviada pelo desfecho da visita do médico, vai até o seu quarto, onde mantém seu rosário, para agradecer a boa notícia. O aposento está de porta aberta, como costumam ficar todos os dormitórios da casa. O mobiliário ‘combina’ com o da sala, “sendo colocado à mostra através do artifício de deixar-se a porta do quarto ligeiramente aberta” (VERÍSSIMO; BITTAR, 1999, p. 88) e, assim como o de Nona Angelina, é executado em madeira maciça, pesada, com contornos sinuosos talhados a mão.

À porta, já se percebe a primeira diferença em relação ao dormitório anterior: duas paredes estão vazadas por janelas de mesmo tamanho, ambas cobertas pelo mesmo modelo de cortina. Essa distinção indica claramente a hierarquia dos usuários desse cômodo, pois todos os demais contam com somente uma abertura para a captação da luz e do ar. Voltadas para as faces norte e oeste do lote, as janelas captam os raios de sol praticamente o dia todo, tornando o aposento mais confortável do que qualquer outro ambiente da casa nos dias de inverno. (Fig. 34).

Figura 34: Quarto do casal/filho



Fonte: do autor

A cama é larga, suficiente para acomodar o casal, e se posiciona logo na entrada, bastante próximo da porta, dificultando o acesso. Com o nascimento do filho e a falta de outro quarto na casa, a criança divide o dormitório com os pais até a mudança para a casa nova. Uma cômoda com espelho, semelhante à do quarto de Nona Angelina, guarda as roupas da criança. As dos pais ficam no roupeiro de quatro portas. (Fig. 35).

Figura 35: Cama e roupeiro



Fonte: do autor

O quarto do sótão, que poderia ser uma alternativa como dormitório do pequeno Sadi, não apresenta o conforto necessário. Apesar de contar com uma cama de ferro, presente da Revolução Industrial, sempre pronta ao uso, a falta de isolamento e a proximidade com a cobertura o faz muito frio no inverno e insuportavelmente quente no verão, além de não possuir aberturas. Eventualmente, no entanto, é usado para um hóspede de passagem. Uma vez que cômoda e roupeiro não são suficientes para armazenar todas as peças de roupas do casal e da criança, as roupas não utilizadas na estação em curso seguem para o roupeiro, a cômoda e o baú que decoram o ambiente. Nesse último, Nona Angelina também guarda, com cuidado, as toalhas mais finas da mesa de jantar e os bordados de uma vida. (Fig. 36).

Figura 36: Quarto do sótão



Fonte: do autor

Dona Zóla termina sua reza no instante em que ouve a voz da filha mais velha a chamando. O chamado vem do quarto ao lado, onde dormem as duas filhas. A parede simples de madeira que divide os dois dormitórios não é suficiente para isolar os ruídos produzidos em ambos. Meia dúzia de passos leva a mãe ao encontro da filha que, deitada em sua cama, indaga sobre o almoço, pois tem o aniversário de uma colega à tarde e não quer se atrasar. Da porta, sem adentrar o ambiente, Dona Zóla responde que vai consultar Belmira e se encaminha para a

cozinha, não sem antes advertir sobre a desorganização da cama. A outra, ocupada pela filha mais jovem, já está bem arrumada desde as primeiras horas da manhã, tarefa de Belmira, pois a menina já se encontra em seu lugar preferido da casa.

As duas camas, cobertas com colchas em tons que variam do rosa ao púrpura, combinando com detalhes da cortina, preenchem quase integralmente a superfície do aposento. Lado a lado, compartilham o mesmo criado-mudo, que define o espaço entre ambas. Mara, a filha mais velha, tem prioridade ao uso da única gaveta, onde mantém as cartas que troca com seu pretendente. Anos mais tarde, Seu Sady vai conceder sua mão ao único amor da sua vida, com quem terá três filhas. Para compensar a privação da gaveta, Jezebel abarrota de chinelos e livros infantis a portinha inferior do móvel. (Fig. 37).

Figura 37: Quarto das filhas



Fonte: do autor

A parede que divide o quarto com o dos pais é totalmente preenchida por uma estante aberta, com prateleiras sobre as quais descansam, de forma ordenada, as bonecas e o material escolar de Jezebel, de um lado e, do outro, em caixas, os segredos da adolescente Mara. Uma cômoda, semelhante à dos outros dormitórios, acomoda as roupas íntimas de ambas as garotas. Para completar a decoração funcional do quarto, o roupeiro de duas portas se posiciona na parede que define o

limite dos espaços do ambiente com a sala, diminuindo a passagem dos ruídos nas duas direções. A estante também cumpre essa tarefa, mas em relação ao dormitório do casal. (Fig. 38).

Figura 38: Estante, cômoda e roupeiro



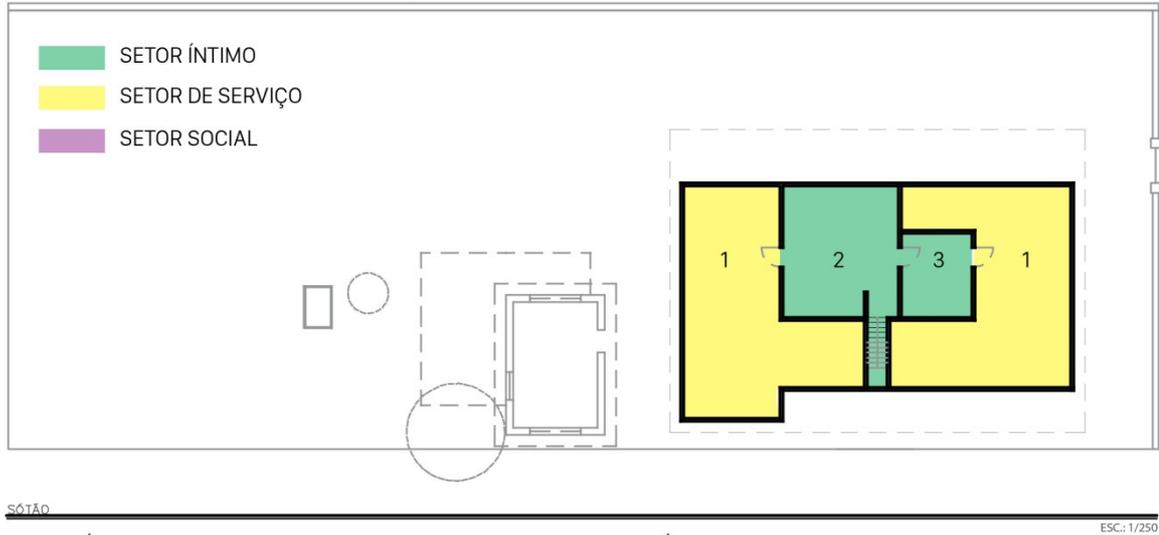
Fonte: do autor

Devido ao tamanho do ambiente e à quantidade de móveis em seu interior, o quarto das meninas apresenta a circulação mínima necessária ao deslocamento. Pela diferença de idade entre as irmãs, quase nunca compartilham do espaço ao mesmo tempo. Mara já reclama da falta de privacidade e gostaria de ter seu próprio aposento. Jezebel não se incomoda com a presença da irmã, a quem admira e imita. De qualquer forma, prefere o “quarto de brinquedos”, no sótão, para passar o tempo, sozinha ou com as amiguinhas.

Esse é o santuário das crianças, especialmente de Jezebel. O pé-direito baixo imprime a escala perfeita à estatura das crianças. Aqui se permitem, na solidão pela qual optam quando sobem as escadas, direto da copa, aos devaneios infantis, e “que privilégio de profundidade há nos devaneios da criança! Feliz a criança que possuiu, que realmente possuiu as suas solidões”! (BACHELARD, 1993, p. 35). O teto baixo, inclinado, “revela imediatamente sua razão de ser: cobre o homem que teme a chuva e o sol” (BACHELARD, 1993, p. 36) e sua estrutura espacial, para

além de sua função, potencializa a fábula, o sonho, a própria mitologia inventada. (Fig. 39).

Figura 39: Planta baixa sótão



1- DEPÓSITO 2 - SALA DE BRINQUEDOS 3- DORMITÓRIO

Fonte: do autor

Jezebel passa horas entre as bonecas, casinhas e ursinhos de pelúcia. Costuma conversar com eles, lhes contando estórias que fazem Belmira rir em silêncio. E não gosta de ser interrompida, demarcando desde sempre seu espaço no mundo. Quando adulta, será atriz e diretora e, talvez, esses momentos de delírios oníricos e fantasia no sótão da antiga casa tenham contribuído para a escolha. (Fig. 40).

Figura 40: Quarto de brinquedos



Fonte: do autor

O ambiente é, provavelmente, o menos organizado da casa toda. Não se percebe, na acomodação dos poucos móveis – um sofá para o qual não teve espaço na sala e dois baús, de diferentes tamanhos, qualquer preocupação estética. A naturalidade predomina, contaminada pela espontaneidade dos brinquedos espalhados pelo chão; não há necessidade de ordem aqui. A casinha de bonecas tem seu canto, mas frequentemente se movimenta, dependendo da brincadeira e do número de amigas que Jezebel convida. E um pequeno piano. Herança da antiga burguesia europeia:

Nada era mais espiritual do que a música, mas a forma característica em que ela entrava no ar burguês era o piano, um aparato excessivamente grande, rebuscado e caro, mesmo quando reduzido – para o benefício de uma camada mais modesta aspirante a valores burgueses – às dimensões mais manuseáveis de um piano vertical (*pianino*). Nenhum interior burguês era completo sem ele; todas as filhas diletas da burguesia eram obrigadas a praticar escalas sem fim naquele instrumento. (HOBBSAWM, 2016, p. 352).

Mesmo que de brinquedo, o piano está presente, cumprindo um papel de representação das aspirações e dos valores familiares. Nele, Jezebel dedilha breves canções infantis, aprendidas lentamente com a ajuda de partituras simples, que lhe foram ensinadas na escola. Distraída, imersa em seu mundo particular, não houve Belmira chamando para o almoço. É preciso que Dona Zóla suba os degraus da escada e a lembre que é hora de voltar ao pavimento onde as exigências da vida adulta se impõem. Ao descerem do sótão em direção à copa, o aroma do frango na panela já impregnou a casa de memórias ancestrais.

Nona Angelina, ainda convalescente, mas se sentindo revigorada pela visita do médico, aceita a refeição servida na cama, que Belmira prepara sobre uma bandeja, acompanhada de um copo com água fresca. Apesar de ainda se sentir um tanto frágil, arrasta devagar seu corpo cansado até o banheiro, pois lavar-se antes das refeições é hábito que aprendeu de pequena e do qual não abre mão, mesmo que represente, nesse momento, deslocar-se até o outro canto da casa.

O único banheiro da residência não favorece o seu uso a partir dos quartos. Para chegar até ele, é necessário atravessar salas de jantar e estar, copa e cozinha. Portanto, não se permite fazer o percurso em trajés íntimos, pois considera inadequado. Um esforço extra é exigido para vestir o chambre que guarda para situações como essa, pois se está em plena saúde, jamais deixa o quarto em roupas que considera inapropriadas à exposição. Com a ajuda de Belmira, conquista o intento.

Ao passar pela copa, Dona Zóla e os filhos já estão à mesa, saboreando o almoço de sábado, sempre mais especial do que os da semana, mas menos do que o de domingo, quando é sagrada a reunião de todos os membros da família. A televisão está ligada, mas ninguém parece realmente prestar atenção ao que passa na tela; estão absortos em suas conversas paralelas, em tons mais altos do que o habitual, a fim de superar a altura do som projetado pelo aparelho.

Mais alguns passos e Nona Angelina alcança o banheiro, passando pela cozinha. Com o episódio da manhã e a preocupação que o estado de saúde da velha senhora causou a todos, Belmira não teve tempo de limpar o aposento, o que faz infalivelmente todas as manhãs. Ao abrir a porta, os cheiros da comida recém-feita se confundem com os odores do banheiro, o que causa certa reprovação da Nona, acompanhada imediatamente de palavras de compreensão, para o alívio de Belmira. (Fig. 41).

Figura 41: Banheiro



Fonte: do autor

O banheiro é relativamente amplo e ausente de adornos. O mobiliário, padrão, parece aleatoriamente localizado e não segue uma lógica racional, forçando o posicionamento dos pontos hidráulicos em três das quatro paredes que definem o espaço. Nem mesmo a disposição, a partir da entrada, facilita o uso por hierarquia: do mais ao menos utilizado durante o dia; a modernidade trará mais rigor quanto a essa regra, quando pia, vaso sanitário e chuveiro, nessa ordem, se alinham em uma mesma parede. As características predominantes no espaço seguem a cartilha da época, pois:

Até o final da década de 50 poucas inovações encontramos no banheiro: o vaso sanitário, o lavatório com coluna, ou fixado à parede, o *bidet*, o banheiro com chuveiro, posteriormente o Box, são as peças básicas sempre presentes, predominantemente em louça branca num espaço revestido com azulejos brancos até a metade da parede e pisos em ladrilhos hidráulicos ou pastilhas cerâmicas hexagonais ou octogonais. (VERÍSSIMO; BITTAR, 1999, p. 104).

O *bidet*, uma invenção do século XVIII, nunca foi aceito por certas culturas, como a anglo-saxônica, por considerá-lo indecoroso. (ZABALBEASCOA, 2011). No Brasil, parece não ter tido rejeição; devido aos hábitos de higiene mais assíduos do que os dos europeus, fato conhecido, dispositivos que facilitem os diferentes modos de asseio foram bem acolhidos. Ademais, como em todo o mundo ocidental, também aqui “o século XX viu como a ideia de higiene e limpeza substituía o prazer e o luxo associados ao banho.” (ZABALBEASCOA, 2011, p. 29).

Nesse banheiro, as exceções ao modelo padronizado são a banheira, que ocupa o mesmo espaço do chuveiro, anunciando certo requinte, e os azulejos, que rompem a regra da cor branca e, num sinal de ousadia, apresentam-se num tom de marrom. Um baú de madeira complementa o mobiliário e serve para guardar os itens necessários, na falta de armários aéreos, sobre a pia, que mais tarde se popularizarão. O espelho com moldura também em madeira, fixado à parede, sobre a pia, cumpre sua função de auxiliar na higiene do rosto e no exercício da vaidade e da autoestima.

Nona Angelina aproveita o esforço do movimento e faz as necessidades fisiológicas antes de lavar as mãos, observando e admirando, em estado quase contemplativo, o que considera o elemento mais bonito do ambiente: as janelas de caixilharia de ferro finalizada por um arco pleno. Para ela, um traço de ousadia e distinção. Ao passar pela copa, de volta ao seu quarto, deseja boa tarde à filha e aos netos e, dirigindo-se à Dona Zóla, lembra-lhe de riscar um fósforo à porta do banheiro. Aqui, a falta de intimidade também se revela pelos odores que, por vezes, vêm acompanhados de constrangidos ruídos.

3.2.2 Intimidade preservada

De volta aos anos 1970, a principal mudança ocorrida no setor íntimo da casa se caracteriza pela presença do corredor. Esse espaço, cujo uso se restringe à passagem e à articulação funcional entre quartos, banheiro e o setor social, é o elemento que instala definitivamente a privacidade e a autonomia do setor íntimo na casa moderna. Agora Belmira, que volta com a família para a nova casa, pode percorrer de um quarto a outro, ou pelos banheiros do setor, sem interferir nas reuniões familiares ou sociais que ocorrem em outros setores da casa. E esse é o ritual que cumpre todas as manhãs, ao limpar e organizar os dormitórios, enquanto a família toma o café da manhã, já preparado e servido por ela.

Longo e relativamente estreito, com dimensões necessárias à passagem, mas sem desperdício de espaço, o corredor, ao mesmo tempo em que conecta todos os usos íntimos, garante efetivamente a intimidade dos residentes ao não expor os ambientes a olhos estranhos. Na casa moderna, claramente, “a intimidade e os usos decidem a distribuição de funções.” (ZABALBEASCOA, 2011, p.130).

Coincidentemente, apresenta o mesmo número de portas que se observa na sala de visitas da antiga casa, a partir da qual se acessam os três quartos de dormir e a copa; somadas às duas de entrada, resulta em seis. Aqui, além da porta de acesso, a partir da sala de jantar, uma possibilita o acesso ao banheiro comum, compartilhado por Nona Angelina, Jezebel e Sadi e, eventualmente, pelas visitas, e as outras quatro permitem a entrada aos dormitórios. Dessa forma, o corredor atua como uma estrutura consagradora “do isolamento familiar e da distinção categórica

entre usuários, particularmente entre moradores e visitantes.” (AMORIM, 2007, p. 91).

Além da intimidade, a nova casa parece permitir a concretização de outro valor caro às elites: o da individualidade. Assim, cada membro da família possui agora seu quarto individual, onde pode usufruir, sem interrupções indesejadas, de sua própria subjetividade e ali fazer suas tarefas cotidianas, além do descanso. O ponto de acesso ao corredor o divide em duas áreas: uma para o casal e outra para a Nona e os filhos, Jezebel e Sadi; lembre-se que Mara não retornou com a família para a nova casa devido ao casamento. À esquerda, a porta no final do curto percurso leva ao dormitório de Seu Sady e Dona Zóla, evidenciando a hierarquia do mesmo. (Fig. 42).

Figura 42: Corredor com vista do quarto do casal



Fonte: do autor

O dormitório é amplo. Nele se acomoda confortavelmente a cama, em tamanho maior do que a da casa antiga, apoiada por dois criados-mudos, peças que não existiam anteriormente, e bom espaço de circulação em torno dela. Uma cômoda para as roupas íntimas e um toucador ou penteadeira, servida de espelho, no qual Dona Zóla mantém seus produtos de beleza, harmonizam em desenho e escala à cama. Esses móveis, novos como a residência, tem estilo suntuoso e representam, sem dúvida, a ascensão social da família nos últimos anos. O bar de

Seu Sady já é uma unanimidade na cidade e lá se reúnem, para o café, em qualquer hora do dia, profissionais de diversos ofícios. Foi lá que Seu Sady conheceu os arquitetos que projetaram a nova casa da família. (Fig. 43).

Figura 43: Mobiliário do quarto do casal



Fonte: do autor

A janela é ampla e ocupa quase a totalidade do plano da parede que a acomoda, permitindo que a luz e o sol penetrem no ambiente de forma generosa. Para evitar olhares curiosos, a cortina de duas camadas de tecidos finos, protege a abertura. À noite, além da cortina, a persiana de madeira vazada garante o bloqueio da luz vinda do exterior, possibilitando maior conforto ao casal. Acima da cama, o símbolo da religiosidade familiar é o mesmo da casa antiga, sugerindo o apego dos moradores não só ao que simboliza, mas ao objeto em si. Como todo o setor íntimo, o quarto do casal apresenta como revestimento do piso de concreto carpete num tom verde escuro.

Belmira, que já goza da intimidade da família, devido aos anos de convívio, esbraveja, de modo contido, no dia da semana que precisa retirar o pó dos móveis; o excesso de curvas, segundo ela, dificulta desnecessariamente o trabalho. Sempre se pergunta, em segredo, e talvez não com essas palavras, por que os móveis do aposento íntimo do casal não dialogam com os demais e nem com as “linhas retas da casa.” Quando se sente encorajada, comenta que os roupeiros, feitos

“sobmedida” e embutidos entre vãos de paredes, com portas lisas e sem adornos, são muito mais fáceis de manter limpos. (Fig. 44). É a transição das carpintarias elaboradas para a sobriedade das execuções industrializadas. Também não gosta do carpete no piso, pois acha difícil de limpar. Um dia, mais tarde, quando chegar à casa o aspirador de pó, o trabalho será menos árduo. Mas a patroa diz que é moderno e todas as casas projetadas por arquiteto, atualmente, o apresentam como um dos símbolos dessa modernidade. O trabalho, então, deve valer a pena.

Figura 44: Roupeiro embutido do casal



Fonte: do autor

Antes de sair, à esquerda, uma porta leva ao banheiro conjugado ao dormitório; são os anos 70, quando “surge a febre das suítes em residências unifamiliares e apartamentos, [quando ocorre] uma verdadeira mitificação do espaço para a higiene, associada ao culto do corpo” (VERÍSSIMO; BITTAR, 1999, p. 105), facilitando o acesso, de forma íntima e totalmente privada, a partir do quarto. Dessa forma, o casal pode transitar entre um e outro em suas roupas íntimas, ou até mesmo sem elas, se a moral e os costumes assim o permitirem, o que não se aplica no caso de Dona Zóla e Seu Sady, detentores de valores que os filhos não irão perpetuar.

Agora os azulejos são fartos e, invariavelmente, apresentam padrões com temas diversos, dependendo do ambiente que revestem, e cobrem todas as

paredes, do piso ao teto, o que facilita a limpeza e imprime a atmosfera de higiene buscada. Nesse ambiente, flores delicadas foram a escolha de Dona Zóla e, talvez por capricho, nostalgia ou um simples ato inconsciente, remetem à mesma cor marrom do único banheiro da antiga casa. Não se vê uma pia de coluna, mas uma bancada generosa, apta a apoiar todos os cremes, perfumes e produtos de higiene que Dona Zóla aprendeu, com o tempo, a apreciar e que, 'graças a Deus', devido aos bons resultados dos negócios do marido, agora pode comprar sem parcimônia; o bar se tornou uma referência urbana e é cada vez melhor frequentado. Mas Dona Zóla não gosta da sensação de desordem que frascos e outros objetos causam quando espalhados sobre a bancada e prefere mantê-los dentro do armário de alumínio e espelhos embutido na parede, acima da pia.

São três portas, uma grande no meio e duas menores nas laterais, que se abrem em direção ao centro, permitindo um quase infinito jogo de imagens que se refletem mutuamente, possibilitando que Dona Zóla enxergue até mesmo os indesejáveis fios brancos que insistem em se manifestar na parte posterior da cabeça. Seu Sady, por vezes, se permite miradas rápidas em distintos ângulos de seu rosto, provavelmente para decidir qual deles é o melhor para a fotografia que ilustrará a próxima matéria sobre o bar a sair no único jornal da cidade. A parte inferior da banca guarda toalhas de banho e de rosto, papel higiênico e até mesmo, isolados em uma caixa fechada, produtos de limpeza para alguma emergência, agilizando o serviço de Belmira. (Fig. 45).

Figura 45: Banheiro suíte casal



Fonte: do autor

Assim como os azulejos que cobrem as paredes, o vaso sanitário, agora com descarga embutida na parede, e a cuba da bancada, são de cor marrom, e associados ao tom da madeira da porta e da janela, reproduzem a atmosfera elegante para a época. A janela, de duas folhas de correr, é ampla e ocupa toda a largura do ambiente, trazendo luz e calor para o interior. Os elementos vazados no lado de fora, também em madeira, que compõem tanto a fachada da casa como o interior do banheiro, contribuem para preservar a privacidade que o recinto exige.

A banheira permanece, mas agora é executada em mármore no local. Apesar do material, considerado nobre, é discreta no desenho e na presença, pois se assenta sobre uma escavação do lote, resultando em baixa altura. Na maior parte do tempo, é utilizada como superfície para o banho de chuveiro; raramente Dona Zóla se entrega ao prazer do ócio relaxante que o equipamento pode proporcionar. Seu Sady alega que não tem tempo 'para essas coisas'. Belmira se conforma com o trabalho que dá limpar o carpete de todo o setor íntimo da casa, mas não se convence, de forma alguma, com o material no piso do banheiro. Para ela, é coisa sem sentido, pois está sempre úmido e, principalmente no inverno, tem que redobrar os esforços para minimizar o odor que exala.

Seguindo o percurso da intimidade da família, o próximo espaço é o banheiro chamado de social, que serve tanto à Nona e aos filhos, quanto às visitas. Já existiam, nessa época, os lavabos sociais para atender aos estranhos, situados no setor da casa, evitando que os mesmos adentrassem nas áreas íntimas das residências, mas Seu Sady, na conversa com os arquitetos, considerou um exagero; além do mais, implicaria em um custo desnecessário. Dona Zóla não concordou, mas, resignada, acatou a decisão do esposo. (Fig. 46).

Figura 46: Banheiro social



Fonte: do autor

O ambiente é idêntico ao do casal em geometria e dimensões. Os azulejos imprimem a mesma atmosfera floral, mas aqui são em tons mais claros, assim como a bancada, com duas cubas, cada uma com seu respectivo espelho/armário. Difere do anterior pela presença do *bidet* e pela ausência da banheira e o piso é mais adequado, apesar de não agradar ao gosto pessoal de Dona Zóla: cerâmica num tom marrom avermelhado, que a ela parece ousado e moderno demais. As portas de acrílico no compartimento do chuveiro também é uma novidade bem vinda, eficiente em manter a água que escorre durante o banho represada. Agora não é mais necessário secar as bordas do box toda vez que se toma um banho.

O aposento seguinte é o novo dormitório de Nona Angelina, cujos desenhos da cama e toucador, comprados em loja de móveis modernos e fabricados em série, não convencem nem tampouco satisfazem à velha senhora; os considera muito simples, especialmente se comparados às rebuscadas linhas sinuosas dos antigos móveis. Todos tentam convencê-la das vantagens da nova época, sem muito sucesso. Em silêncio resignado, resta-lhe lembrar dos bons e velhos tempos, simbolizados, nesse momento, pelos móveis da antiga casa. Para ela, eram mais belos e faziam mais sentido.

O dormitório trás uma novidade que surpreende e provoca elogios até mesmo dos mais progressistas: a divisória com o outro quarto é feita somente através do armário embutido, projetado e executado especialmente para o lugar que ocupa, sendo que metade das portas, em número de três, é de uso de Nona Angelina, e as outras três, que naturalmente se abrem para o outro aposento, é para o uso do neto Sadi. (Fig. 47).

Figura 47: Dormitório Nona Angelina, com roupeiro divisório



Fonte: do autor

O espaço, no entanto, é suficientemente bem dimensionado para possibilitar o uso de maneira confortável, com uma circulação em torno da cama bastante generosa. O sol que entra pela grande janela, orientada a norte, durante quase todo o dia, no inverno, aquece o ambiente e compensa a estética duvidosa, segundo Nona Angelina, que nunca emitiu queixa alguma, mas sempre hesitou em aceitar a combinação de cores entre o carpete, verde, e o armário, pintado em amarelo; além de lhe parecer modismo, é “muito brasileiro.” À noite, a persiana externa, em madeira, que se recolhe durante o dia, se fecha para impedir a entrada de luz e preservar a intimidade da Nona.

Seguindo o percurso, o próximo ambiente é o dormitório de Sadi, o filho mais jovem, ainda uma criança. (Fig. 48). Já está na escola e, orgulhoso, gosta de exibir a

escrivadinha que ganhou do pai especialmente para exercitar a caligrafia, em cadernos de folhas pautadas, há pouco aprendida. Em casas modernas como essa, “o aproveitamento do espaço é uma das necessidades mais urgentes dos dormitórios hoje e tem como consequência a transformação do aposento em um lugar multiuso.” (ZABALBEASCOA, 2011, p. 130).

Figura 48: Quarto do filho, com roupeiro divisório



Fonte: do autor

Apesar de destoar das linhas retas do restante do quarto, a escrivaninha, amparada pela face posterior do armário de Nona Angelina, cumpre sua função, com várias gavetas para o armazenamento do material escolar da criança. A parede-armário, pintada na cor verde, compõe em degrade com o carpete, e alude, mais uma vez, à brasilidade ufanista dos anos 1970 ao contrastar com o amarelo da porta de entrada. A porta de entrada, quando aberta, impede o livre uso do armário, pois se sobrepõe às primeiras portas, próximas ao acesso. Com o passar do tempo e a idade avançando, o quarto ganhará novos apoios para livros, jogos e outros, fixados sobre as paredes em torno da cama. A janela, ampla, não conta com cortina e a luz é controlada com o mesmo tipo de persiana que se encontram nos outros quartos.

O quarto de Jezebel é maior do que o do irmão e o da Nona; se equivale ao dos pais, em medidas e geometria. Foi pensado, inicialmente, para acomodar as

duas irmãs e, como habita sozinha o ambiente, sente-se feliz por, em primeiro lugar, não compartilhá-lo e, em segundo lugar, porque o espaço é grande suficientemente para receber as amigas. Belmira não gosta desses eventos, pois sempre resultam em migalhas de bolo sobre a cama e sobre o carpete, difícil de limpar, ou gotas de suco que caem sobre o piso. (Fig. 49).

Figura 49: Quarto da filha



Fonte: do autor

A cama, comprada diretamente na loja de móveis, ocupa o centro do ambiente e é rodeada pela cômoda/penteadeira com espelho, adquirida na mesma loja, a escrivaninha para os trabalhos escolares, idêntica à do irmão, e o grande roupeiro, de cinco portas, que guarda com folga as roupas de menina. Como nos demais, é projetado e executado sobmedida, preenchendo sem folgas o espaço a ele destinado. As linhas retas e a falta de adornos também predominam aqui, e a exceção fica por conta da escrivaninha. A janela larga abdica de cortina, mas apresenta a mesma persiana que se vê nos outros dormitórios para o controle da luz natural. (Fig. 50).

Figura 50: Armário e cômoda/penteadeira



Fonte: do autor

Nesse quarto, que subjetivamente diminui de tamanho à medida que o corpo toma outras proporções, “a criança cresce e acumula na memória mil fragmentos de saber e de discurso que, mais tarde, determinarão sua maneira de agir, de sofrer e de desejar.” (CERTEAU; GIARD, 1996, p. 205-206). Quando chega a adolescência e as necessidades de privacidade aumentam, Jezebel celebra diariamente o fato de seu quarto se localizar no extremo oposto ao de seus pais. O som que sai da vitrola, de Beatles e Rolling Stones a Mutantes e Jovem Guarda, dificilmente alcança o dormitório do casal, evitando repreensões. E, aos poucos, o ambiente adquire nova atmosfera, preenchido por pufes, onde as amigas se acomodam próximas ao chão, e muitos pôsteres, nas paredes inicialmente nuas, de seus ídolos juvenis.

Assim, encerra-se a segunda visita. A essas alturas, é possível que os moradores já estejam se sentindo vagamente constrangidos, em razão de tamanha exposição. Sair dos espaços de representação pública e adentrar os aposentos da mais sagrada intimidade, por menores que sejam os segredos revelados, exige uma grande dose de boa vontade e generosidade. A próxima e última visita, aos ambientes de trabalho doméstico, promete ser menos indiscreta. Mas é bom não se iludir; a forma como o trabalho se organiza no interior de uma casa pode revelar mais sobre as relações e os valores familiares do que a intimidade das camas, pois “mais do que no setor íntimo, é aqui que os hábitos sociais se revelam com mais

clareza, sem a máscara utilizada pelos atores quando desempenham seus papéis no setor social.” (VERÍSSIMO; BITTAR, 1999, p. 107).

3.3 TRABALHO DOMÉSTICO

Entra-se, agora, em um espaço predominantemente feminino, esse das ocupações cotidianas; nesse universo, “coube há muito tempo e ainda cabe, como de direito, um lugar às mulheres [...]: é preciso que ‘essas coisas’ sejam feitas, portanto alguém tem que fazê-las; de preferência será uma mulher” (GIARD *in* CERTEAU; GIARD; MAYOL, 1994, p. 217), seja a empregada ou a patroa, ou mesmo ambas.

Há séculos, a casa se tornou “um lugar feminino ou, pelo menos, um lugar sob o controle feminino” (RYBCZYNSKI, 1996, p. 85), e esse controle da mulher introduziu na casa a domesticidade, que pode ser definida como um conjunto de atributos relacionados “à família, à intimidade, à devoção ao lar, [e] se a domesticidade foi uma das principais conquistas da Era burguesa, como propõe John Lukacs, ela foi, acima de tudo, uma conquista feminina.” (RYBCZYNSKI, 1996, p. 85). Para o bem ou para o mal, pois não raras vezes conquistas se convertem em anátemas.

E, para o bem ou para o mal, Belmira é incansável em sua eficiência, tanto na casa antiga quanto na nova, pois há muito acompanha a família e conhece, melhor do que ninguém, as necessidades de cada um. Mas guarda certo ressentimento, como guardam todas as mulheres do lar: seu trabalho nunca tem fim e só é visível quando falha, pois aí chama a atenção e, então, é reprovada. Dona Zóla não se isenta totalmente e mesmo as meninas têm suas obrigações. Os ‘homens da casa’, por outro lado, estão isentos pela cultura vigente, a qualquer obrigação doméstica; a visita tratará de demonstrá-lo, mesmo que de forma sutil.

Nas duas casas os serviços já estão incorporados ao corpo da casa, diferente das primeiras casas coloniais, nas quais a cozinha se configurava como uma parte desconectada do resto do programa residencial. No entanto, o programa do setor é

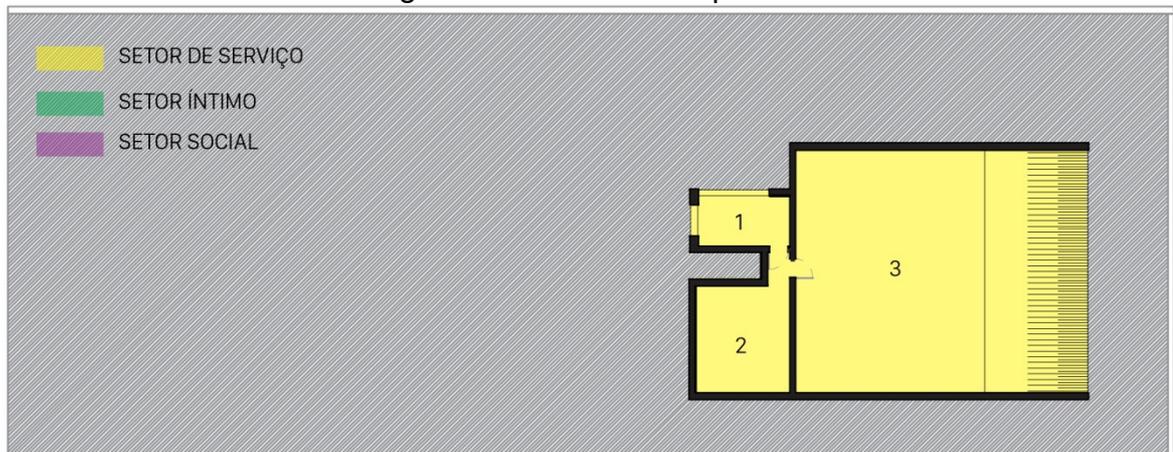
o que mais sofre modificações de uma casa para a outra, sugerindo que o trabalho doméstico definitivamente se especializa na modernidade.

Inicia-se, então, a terceira e última visita a essas casas que, com disposição, boa vontade e o máximo de honestidade possível, ajudam a compreender como vivem seus habitantes. Supõe-se, para essa visita, que o convidado é muito íntimo da família e, portanto, tem o privilégio de entrar pela “porta dos fundos.” E se tal intimidade existe, necessidade não há anúncio antecipado; portas ainda no portão, que já se abre, e o visitante adentra sem cerimônia.

3.3.1 Precária organização

Entrar pelos fundos, nessa casa, implica em acessar pelo jardim posterior ao acesso principal. Mas antes de subir os degraus que direcionam ao corpo principal da casa, onde se localiza o ponto central do setor de serviços, a cozinha, o visitante adentrará um espaço quase improvisado, dada a sua precariedade. Trata-se do porão, reminiscência das primeiras casas coloniais, que abriga a lavanderia e um espaço residual, sem tratamento e abaixo do corpo da residência, que serve de depósito para os itens descartados ou de pouco uso cotidiano. Esse porão, no entanto, pelo uso a ele destinado, nem de longe se aproxima dos antigos porões coloniais, espaços de intensa vitalidade e inúmeros eventos. (Fig. 51).

Figura 51: Planta baixa porão



PORÃO

1 - ACESSO PORÃO

2 - LAVADERIA

3- DEPÓSITO

ESC.: 1/250

Fonte: do autor

Semienterrado, o acesso é difícil, e Belmira, com as mãos ocupadas pela grande bacia de roupas, sujas quando entra e limpas quando sai, precisa se curvar para entrar com segurança no baixo vão ao lado da escada, com aproximadamente um metro de altura. Para descer até a lavanderia, a partir de uma pequena porta, o trajeto é ainda mais difícil, pois o piso da mesma se encontra em uma cota mais baixa, fazendo da descida quase uma escalada.

O pequeno espaço da lavanderia abriga somente um par de tanques para a lavagem das roupas; as máquinas de lavar e secar ainda eram realidades distantes. As paredes não apresentam revestimento cerâmico, sendo somente rebocadas e pintadas em branco e o piso, de cimento alisado, demanda limpeza pesada constante, devido à imperfeição da técnica e a consequente rugosidade. (Fig. 52).

Figura 52: Acesso ao porão



Fonte: do autor

Apesar do tratamento rudimentar, a janela basculante em ferro, rente ao nível do lote pelo lado de fora, ilumina e ventila satisfatoriamente o ambiente, permitindo ventilação cruzada quando a porta se mantém aberta, e até mesmo um pouco de sol entra no espaço pelas manhãs. As boas condições de salubridade da área de serviço, como até hoje é conhecida a lavanderia, apesar da umidade no inverno, não minimizam o fato de ser semienterrada e, portanto, de difícil acesso ao exterior,

tornando o ato de estender as roupas no varal mais penoso do que deveria. (Fig. 53).

Figura 53: Lavanderia



Fonte: do autor

Belmira, na casa nova, vai lembrar sem saudades desse tempo, quando o simples trabalho com as roupas da família e da casa demandam tamanho esforço, acrescentando-se a isso o fato de ter que sair do interior da casa para acessar o aposento. Nos dias de inverno em que a água, sem aquecimento, quase congela no encanamento, a fiel empregada considera a tarefa com as roupas quase além do suportável.

De volta ao pavimento principal, ao final da escada, a porta à direita encaminha à cozinha. As paredes são da mesma madeira que revestem o interior de toda a casa e o piso também não apresenta alterações, com exceção da pequena superfície, em forma de L, que serve à bancada da pia e ao fogão a lenha. A partir do acesso, uma porta se impõe à vista de quem entra; é a do banheiro, a qual Dona Zóla fiscaliza infatigavelmente para garantir que permaneça sempre fechada. Outro vão, sem porta e, portanto, sempre aberto, leva à copa.

Nos anos de 1930, quando a casa foi construída, “as cozinhas reduziram seu tamanho e sua presença na casa para converter-se em uma sala de máquinas, uma

oficina na qual convivem pia, fogão e armários. Foi o início das cozinhas compactas” (ZABALBEASCOA, 2011, p. 61), distintas das cozinhas generosas que formavam o único ambiente do andar principal da casa dos primeiros imigrantes e que somavam funções.

O armário sobre a pia e outro no canto, entre as portas do banheiro e da copa, executados manualmente e com portas em vidro, são insuficientes para armazenar os mantimentos para as seis pessoas da família e mais Belmira, que faz todas as refeições na casa, obrigando a compras menores e, conseqüentemente, um número maior de idas ao pequeno armazém mais próximo. É Belmira quem faz as compras, listadas por Dona Zóla; já é conhecida de Seu Ítalo, dono do armazém, o que lhe dá a prerrogativa de poder assinar a caderneta de compras, paga mensalmente pelo patrão. (Fig. 54).

Figura 54: Cozinha



Fonte: do autor

Quando começou a trabalhar na casa de Seu Sady, tinha que cozinhar todas as refeições no fogão a lenha; dá graças a Deus que Dona Zóla conseguiu convencer o esposo sobre a praticidade do fogão a gás. Além do mais, todas as famílias conhecidas já o possuem e não importa o fato de não estar estrategicamente localizado próximo à pia; o trabalho que disso resulta nem se compara ao de fazer e manter o fogo no fogão a lenha, e o calor excessivo, no

verão, não contribui na estabilização da pressão de Nona Angelina, sempre abaixo do padrão. (Fig. 55).

Figura 55: Fogão a lenha



Fonte: do autor

Contudo, no inverno o fogão é a grande atração da casa. Sentado sobre o 'banco da lenha', Seu Sady costuma assar pinhão na chapa, aos Domingos à tarde, e o acompanhamento do chimarrão é indispensável. E, nessas ocasiões, insiste em manter as janelas basculantes fechadas a fim de manter o calor no ambiente. A janela é bondosa no fornecimento de luz e ventilação, mas Belmira preferiria que ela se posicionasse sobre a pia. Além de trazer uma luz direta sobre o trabalho de lavar a louça após o almoço, permitiria que olhasse através dos vidros para contemplar as árvores no jardim, enquanto cantarola as músicas que ouve no rádio.

A partir da cozinha chega-se à copa através do vão, ligeiramente mais largo do que a porta de acesso ao banheiro, sempre aberto. (Figura 56). E é aqui, efetivamente, que a família costuma se reunir. Esse ambiente irá desaparecer na casa moderna, mas enquanto isso não acontece, as seis cadeiras em madeira clara e singelo assento de palha que servem à mesa retangular, em tamanho significativamente menor do que a da sala de jantar formal, acomodam diariamente, em várias ocasiões, os membros da família

Figura 56: Copa



Fonte: do autor

De dimensões reduzidas, em formato retangular, faz a perfeita transição entre os setores social e de serviços e, portanto, é o ambiente mais frequentado da casa. Além das refeições diárias, desde o café da manhã até o jantar, outras atividades ocorrem aqui, porque há um pretexto em torno do qual a família, e mesmo os mais íntimos a ela, se reúne: o rádio. Aqui, sentada à mesa para degustar as guloseimas feitas por Nona Angelina ou por Belmira:

A família irá se reunir para ouvir as novas pelo rádio, novo e importante personagem desse espaço. Aí chefe da casa vai folhear seu jornal pela manhã, em trajes confortáveis e chinelas domésticas. Todas as refeições familiares irão se realizar [...], em meio a ruídos de talheres, odores de cozinha, falatórios e repreensões. (VERÍSSIMO; BITTAR, 1993, p. 117).

Além da mesa central, cujo espaço a ocupar é meticulosamente definido pelo tapete, um armário de duas partes, uma apoiada ao chão, de fechamento opaco, e outra sobre a primeira, com portas de vidro transparente, cumpre seu papel de guardar a louça de uso cotidiano, uma vez que pouco espaço há na cozinha para esse fim, como se verá mais tarde. Ainda, também devido ao pouco espaço e ao não planejamento dos móveis da cozinha, a geladeira, curiosamente, se acomoda

em um dos cantos desse ambiente, tornando o trabalho de Belmira menos ágil do que poderia ser, num indo e vindo constante entre os aposentos. (Figura 57).

Figura 57: Copa, TV e geladeira



Fonte: do autor

A partir da década de 1950 um novo aparelho, presente somente nas casas mais privilegiadas nesse período, substitui o protagonismo do rádio como foco do entretenimento familiar: a televisão. Mesmo com transmissão em preto e branco, a imagem gera tanto fascínio que irá popularizar esse dispositivo, na década seguinte, reforçando os valores da “sociedade do espetáculo.” (DEBORD, 1967).

Quando surge no Brasil, no início dos anos 1950, a televisão não encontra um espaço destinado especialmente para ela, ocupando improvisadamente os lugares de maior convívio da família, normalmente a sala de estar. A família De Carli, no entanto, não se reúne na sala de visitas e, sim, na copa. É aqui, então, que todos se reunirão, já findando a década de 1960, estupefatos e excitados, para ver o homem pisando na lua ou, em 1970, a consagração do Brasil como o país do futebol.

3.3.2 Eficiência racional

Na nova casa, o setor de serviços é amplo, diversamente do da casa antiga, e equivale aos setores social e íntimo. Seu acesso se dá pela mesma testada do acesso social, porém mais afastado da esquina, conferindo a hierarquia que lhe

cabe, e se pode entrar na casa tanto pela garagem quanto pela lavanderia, na porção posterior do lote, a partir do recuo lateral com o vizinho. A garagem é mais utilizada como entrada de serviço, especialmente pela porta de vidros de correr e venezianas, localizada à esquerda, a partir da entrada do carro. (Fig 58).

Figura 58: Garagem



Fonte: do autor

A garagem é a nova representação das posses da família e, portanto:

As casas devem ter como elemento fundamental a garagem, de preferência à vista da rua, pois o carro, como a bela casa moderna projetada por um profissional liberal, ou mesmo construída por algum mestre de obras experiente, é um símbolo de ascensão social. (VERÍSSIMO; BITTAR, 1999, p. 81).

O espaço é amplo e multifuncional. Além de guardar o carro, item obrigatório nas casas da classe média brasileira a partir dos anos 1960, aqui também se fazem os grandes encontros, intermediado pelo churrasco aos finais de semana e dias especiais. Além da grande churrasqueira, uma estrutura completa fornece o apoio necessário às reuniões gastronômicas da família: pia, fogão a gás, armários para a guarda da louça e toalhas e um freezer horizontal, que também armazena o

excedente dos produtos que não cabem na geladeira da cozinha, especialmente as carnes. (Fig. 59).

Figura 59: Garagem/festas



Fonte: do autor

O único carro da família é o de Seu Sady, o que permite que uma grande mesa para dez pessoas instaladas confortavelmente, permaneça montada próxima à parede oposta à da churrasqueira. Quando em uso, invariavelmente uma ou duas vezes por semana, o carro fica estacionado no afastamento frontal da casa, entre a porta da garagem e a calçada. Nesses dias, se é verão, a porta da garagem se mantém aberta, qualificando a ventilação do ambiente e, também, expondo, deliberadamente, os hábitos familiares aos olhos de quem passa lá fora.

Nesses dias de verão, mesmo quando não há festas ou reuniões especiais, a família costuma se reunir nesse espaço, com todas as portas completamente abertas para possibilitar uma boa ventilação cruzada e, entre os bordados de Nona Angelina, o artesanato de Dona Zóla e as pinturas e desenhos de Jezebel, formam o quadro perfeito da família integrada e feliz.

A importância subjetiva da garagem se expressa na exposição de fotos da família exposta na parede ao lado da mesa de refeições. Durante os anos seguintes, fotos das netas, filhas de Mara, irão preencher os espaços até o ponto de não haver

mais lugar. Assim, a garagem, inesperadamente, se torna o novo espaço de convívio da família, integrada ao jardim.

Sua autonomia em relação ao interior da casa é garantida pela presença do lavabo, que também serve como banheiro de serviço, utilizado por Belmira. De dimensões mínimas e sem chuveiro, é utilizado como lavabo, evitando o deslocamento até os banheiros do setor íntimo, o que resguarda a privacidade dos moradores. (Fig. 60).

Figura 60: Banheiro serviço/lavabo



Fonte: do autor

O lavabo apresenta somente uma pia de coluna, branca, e um vaso sanitário com caixa acoplada, novidade da década, em tom marrom avermelhado, e as paredes são completamente revestidas de azulejos com o indefectível padrão floral. O piso, em ladrilho cerâmico cinza, possibilita a limpeza de forma fácil, simplificada pelos novos produtos e utensílios de limpeza, para a alegria de Belmira. A iluminação e a ventilação são plenamente garantidas pela janela basculante próxima ao teto, garantindo total privacidade aos usuários.

Belmira nunca “dorme no serviço”, a não ser em casos de necessidade, do que decorre que o quarto de empregada quase nunca é utilizado. Um dia, porém, Belma, como é carinhosamente tratada, surpreende a todos e choca alguns quando, sem aviso, avisa que está grávida, vai se casar com o futuro pai do filho que espera

e, portanto, por imposição do futuro marido, não mais trabalhará como doméstica. Cumprido o período do aviso prévio, Belma, que continuará a frequentar a casa, agora como visitante, é substituída por Neuza, a qual passa a fazer parte da rotina da família de modo ainda mais intenso do que Belmira, pois dorme na casa. Embora de dimensões modestas, Neuza considera o novo quarto um verdadeiro luxo, pois, como costuma falar, nem se compara ao lugar simples de onde vem. (Fig. 61).

Figura 61: Dormitório empregada



Fonte: do autor

O dormitório, assim como o lavabo e a lavanderia, é acessado pela garagem, configurada como acesso de serviço e, a despeito do bom tratamento que recebe da família, aspectos de uma influência cultural sutilmente se reflete na organização funcional do setor, pois:

As entradas de serviço, sempre áreas “independentes”, fazem com que cada ator “conheça seu lugar.” Quando o automóvel adquire o status que comentamos e as garagens são mais frequentes, o empregado ganhará seu “apartamento” contíguo a ela ou sobre ela. (VERÍSSIMO; BITTAR, 1999, 127).

O aposento é orientado a sul, o que não permite a entrada de sol. Por outro lado, a janela de boas dimensões assegura as condições de salubridade necessárias ao ambiente, com luz e ventilação abundantes. O frio do inverno é amenizado com a pequena estufa elétrica que ganhou de Dona Zóla. Mobiliado com uma cama de solteiro, sempre impecavelmente arrumada, e um roupeiro projetado para o espaço, suficiente para guardar suas roupas e objetos pessoais, é o canto particular de Neuza, que aqui recebe seus parentes que vêm do interior, de vez em quando. Mas não lhe agrada o piso cerâmico; acha frio e úmido nos dias de frio. Historicamente, mesmo que Neuza não saiba:

Essa preocupação de diferenciação da área de empregados é um comportamento comum no Brasil, porém quase que totalmente inexistente na Europa e nos Estados Unidos – onde, além de não existir a “empregada doméstica”, o serviço na habitação procura ser muito mais racionalizado. (VERÍSSIMO; BITTAR, 1999, p. 127-128).

Neuza usufrui de melhores condições de trabalho do que Belmira, na casa antiga. A lavanderia, agora equipada com o que há de mais moderno, facilita o trabalho doméstico. O espaço é acessível a partir do corredor de serviços, que o conecta ao lavabo e ao dormitório de Neuza, e também tem acesso direto ao corredor lateral externo, onde as roupas secam no varal, no verão. No inverno, a falta de insolação desse espaço faz com que Neuza se desloque até o jardim lateral, ao lado da garagem, inundado pelo sol da manhã e excelente para secar a roupa. Nos dias de chuva, varais de alumínio pendidos do teto cumprem a função. Para passar, prefere a mesa de apoio da imensa garagem, pois não gosta de espaços apertados. (Fig. 62).

Figura 62: Lavanderia/aquecedor de água



Fonte: do autor

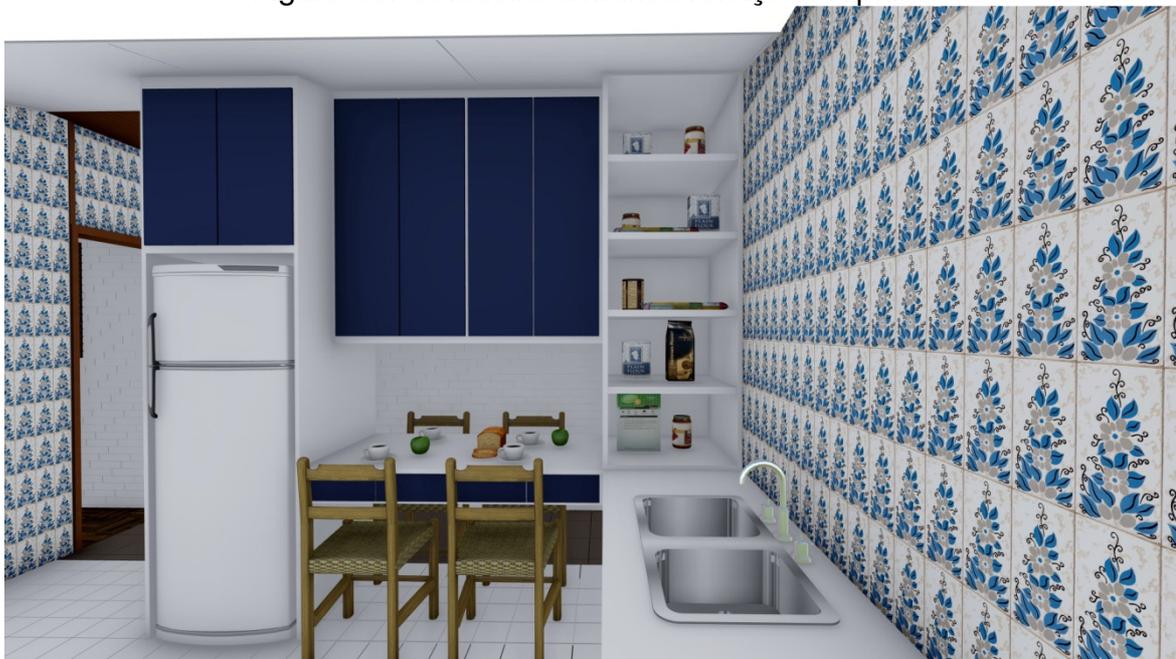
O ambiente é largamente iluminado pelo conjunto integrado de porta e janelas laterais, em ferro e vidro translúcido, que imprimem ao lugar o aspecto de higiene que dele se espera. Os ladrilhos cerâmicos que revestem todas as paredes, do piso ao teto, e também o piso, estampam o espaço de um aspecto impecavelmente limpo. Além do tanque, com apoio lateral, a máquina de lavar veio para economizar tempo e esforço ao trabalho de Neuza; agora, “a mão de obra é a máquina de lavar [...], mais acessíveis, pois são nacionais e compradas a prazo.” (VERÍSSIMO; BITTAR, 1999, p. 123). O aquecedor que aquece a água de toda a rede hidráulica da casa nunca mais permitiu que as mãos de Neuza congelassem ao lavar as roupas íntimas no tanque ou a louça, na pia da cozinha.

A cozinha, por sinal, ganha ares industriais, tamanha a eficiência da distribuição dos equipamentos em seu interior. Quase como numa linha de montagem, as funções de armazenar, lavar, preparar, cozinhar e servir se distribuem numa ordem perfeita, tal como imaginada por Marcel Breuer, mestre da Bauhaus, em 1926, que assim dividia as zonas da cozinha (ZABALBEASCOA, 2011). Além disso, “no mobiliário, a padronização, a produção industrial e a incorporação progressiva de novos materiais [...] favoreceram uma estética que primava pela

funcionalidade, pela imagem compacta e pelas ótimas condições sanitárias.” (ZABALBEASCOA, 2011, p. 64).

Ao chegar com as compras, descarregadas na garagem – agora as compras são mensais, em grande quantidade e significam um grande e esperado evento –, o que não fica no freezer vai direto para os armários e geladeira, situados logo na entrada do ambiente. Portas nos dois lados do armário que separa a cozinha do corredor, os mantimentos podem ser depositados nos armários pelo corredor, depois de apoiados sobre a bancada para pequenas refeições, tornando a tarefa ágil, rápida e sem interrupções do serviço no interior da cozinha. (Fig. 63).

Figura 63: Geladeira/armários/refeições rápidas



Fonte: do autor

Os armários são projetados para o local e executados em madeira compensada laminada em branco, diferentemente dos pesados móveis em madeira maciça da década anterior, e as portas, também em compensado laminado, na cor azul, compõem harmoniosamente com os azulejos florais de folhas azuis. O piso é da mesma cerâmica cinza que reveste todo o setor de serviços da casa, conferindo-lhe unidade.

A bancada para refeições, de certa forma, substituí a antiga copa, com a vantagem de estar integrada aos equipamentos da cozinha. Muitas vezes é possível alcançar o leite da geladeira sem precisar se deslocar da cadeira, ou retirar um prato já utilizado e apoiá-lo diretamente sobre a pia. Portanto:

A cozinha moderna se define assim, pela primeira vez, por sua arquitetura: mais que por sua tecnologia, pelo seu mobiliário de armazenagem e preparação dos alimentos. Tão funcional e eficaz como retilínea, a cozinha modular tardou muito pouco em converter-se na favorita dos arquitetos modernos.” (ZABALBEASCOA, 2011, p. 65).

A pia, entre o setor de armazenagem e o setor de cocção, é ampla, com duas cubas, e permite sem obstáculos o preparo da comida, assim como a lavagem da louça. A proximidade dessa com os fogões, justapostos abaixo da grande janela, agiliza o eterno ir e vir entre esses equipamentos que as atividades culinárias exigem. Numa das extremidades dessa linha de montagem, o fogão a lenha, quando rodeado de cadeiras para a permanência das pessoas, no ritual dos pinhões com chimarrão que permanecem na nova casa, não interrompe o fluxo nem impede o trabalho. (Fig. 64).

Figura 64: Pia/fogão a gás/fogão a lenha



Fonte: do autor

Esse rigor na organização, sem dúvida, facilita o trabalho de Neuza, que nem de longe desconfia ser parte de um mecanismo engendrado e que leva, ilusoriamente,

Essa vida felizmente inserida na ordem e no progresso científico [...], a emulação de uma impossível vida harmônica dedicada à plana inserção dos indivíduos na engrenagem maquinica da sociedade, essa paródia do indivíduo que é o sujeito estatístico do positivismo. (ÁBALOS, 2003, p. 71).

O teto, de gesso inclinado branco, convergindo para o centro, acomoda um plano reto de iluminação fluorescente embutida que percorre toda a extensão do ambiente, distribuindo uniformemente a luz, à noite. A inclinação do forro remete a uma asa de borboleta, elemento recorrente na arquitetura moderna brasileira. Neuza não tem essa informação, mas acha bonito e é a primeira coisa que mostra quando algum parente a visita. Dona Zóla está feliz com a nova cozinha, mas se surpreende, sempre que visita alguma amiga, com as novidades que, de uma hora para outra, encontra na casa, pois “cada vez mais surgem materiais novos para as cozinhas, além de mobiliário adequado, iluminação apropriada, exaustão – enfim, uma verdadeira gama de inovações que atinge seu apogeu nos anos 70, no auge do milagre econômico.” (VERÍSSIMO; BITTAR, 1999, p. 114),

Isso lhe causa extrema ansiedade. Deve ela atualizar sua cozinha a cada nova oferta do mercado, cada vez mais veloz ou, como sua mãe, Nona Angelina, contentar-se com os primeiros móveis comprados, que permaneceram durante toda a existência da antiga casa? São móveis bons, honestos e bonitos e, além do mais, os acabamentos, os eletrodomésticos, as paredes e piso, tão lisos e brilhantes, fazem com que o espaço ganhe ares de higiene, de salubridade. Nona Angelina, no entanto, acha inevitável pensar que tamanho asseio, por mais que lhe agrade, parece retirar do ambiente os estímulos que sentia na antiga casa; sente falta dos cheiros, dos sons, dos elementos com suas texturas táteis. Parece-lhe, de fato, artificial; nada é, realmente, o que parece ser.

4 CONCLUSÃO

Aqui se finda a breve jornada de visitas, lembrando que existem tantas casas: as da gente e as dos outros; as grandes e as pequenas; as que se tem, as que se pode ter e as que nunca se terá; as de madeira, de tijolos e as de vidro; as da infância, da juventude e as derradeiras da velhice; as de passagem e as que permanecem durante uma vida. Existem as reais e as da imaginação e há, por fim, as que habitam a memória e os afetos, como as casas da família De Carli, aqui virtualmente visitadas.

Antes, porém, de entrarmos em suas casas, foi necessário percorrer, de forma breve, o longo caminho que trouxe os primeiros membros da família até Caxias do Sul. Conhecer as causas e as consequências da imigração, tanto a partir da realidade brasileira quanto da italiana, no século XIX, permitiu compreender parte do que constituiu as subjetividades dos indivíduos, entendidos pela História como grupo, que aqui aportaram, mudando de país e, principalmente, sua forma de viver.

Entre a pobreza na qual viviam em seu lugar de origem e a promessa de uma vida digna na América, não hesitaram em se aventurar em navios que lhes ofereciam condições de higiene precárias, levando alguns à morte. Os que chegaram, não encontraram a realidade com a qual sonharam: os primeiros dias, em hospedaria coletiva, não eram tão diferentes dos passados nos navios, as ferramentas para o trabalho na terra eram poucas e o lote nada mais era do que uma selva hostil a ser desbravada.

Habitados a uma cultura coletiva, com forte senso de comunidade, e geralmente morando em edifícios multifamiliares, nos quais compartilhavam banheiro e intimidade, querer e adquirir um lote para a família, dando início à nova vida, transformou radicalmente os termos da atuação social, pois “o desejo de um canto para si expressa um crescente senso de individualidade do corpo.” (PERROT, 1991, p. 298). É provável que esse aspecto fundador da cultura na região esteja enraizado na essência do que, até hoje, constitui a índole dos seus moradores: a predisposição ao trabalho e a forte tendência à individualidade.

Suas primeiras moradias, denominadas de abrigos provisórios por Posenato (1983) e construídas nas colônias, não foram objeto dessa pesquisa; primeiro, por já terem sido exaustivamente discutidas pelo autor e, segundo, porque o recorte estabelecido enfoca as residências urbanas, ainda pouco exploradas na historiografia da arquitetura local. No entanto, como o objetivo do estudo buscou identificar as transformações e as permanências relativas aos modos de morar, foi imprescindível retomar alguns aspectos dessas primeiras casas.

Dessa forma, a casa antiga dos De Carli, construída no final da década de 1930, representa o período de transição entre aquelas velhas formas de morar, para as quais o porão e o sótão simbolizam a vitalidade do trabalho fundamentado no campo, e as novas, quando a busca por uma certa modernidade, dentro dos limites urbanos, já se delineava como uma realidade estabelecida, entre as décadas de 1950 e 1970.

Metodologicamente, a escolha das duas casas, de períodos distintos e pertencentes à mesma família, mostrou-se uma forma de viabilizar a investigação pretendida. Seria inexequível, dada à quantidade de objetos de cada período, proceder à análise, da maneira como foi realizada, de cada um desses objetos. Por outro lado, os anexos possibilitam comprovar o caráter de síntese que cada casa visitada representa para seu respectivo grupo/período.

A hipótese de ser possível a leitura de hábitos e costumes a partir da configuração dos ambientes das casas se apoiou na tese de Heidegger (2012), segundo a qual o “ser” está intimamente ligado ao “habitar.” Para o filósofo, que usa a linguagem como analogia, o homem se comporta como se a dominasse quando, na realidade, é regido por ela. A relação que estabelece entre o ser e o habitar tem origem na etimologia da palavra, pois “*bauen, buan, bhü, beo* participam na construção do verbo *bin* (sou) nas várias formas do *ich bin, du bist* (eu sou, tu és).” (CORRÊA, *in* LEITÃO; AMORIM, 2007, p. 42).

Assim, a conexão entre sujeito e objeto (a casa) é evidente, mas não a forma de defini-la ou representá-la. O método de análise proposto, portanto, objetivou se situar em um lugar intermediário entre a objetividade e a subjetividade puras. A primeira não daria conta de expor a invisível complexidade dos espaços como

lugares de eventos humanos; a segunda poderia resultar numa narrativa demasiadamente romantizada das vivências da família.

Nesse sentido, o uso das imagens, que buscam ilustrar com a maior fidelidade possível os ambientes, auxilia na visualização dos eventos narrados. Mas imagens são imagens, e não a coisa em si. Mesmo uma fotografia de um ambiente não é o ambiente, mas sua representação, lembrando Magritte. Os vídeos e especialmente, os percursos em realidade virtual, apresentados como produtos da pesquisa, são uma tentativa de minimizar os limites impostos pelas imagens bidimensionais, na intenção de aproximar o observador da atmosfera familiar.

As categorias de análise apresentadas contemplaram todos os setores das casas: social, íntimo e de serviços. Dessa forma, o setor social serviu como cenário para a discussão de como a família convivia, entre si e com estranhos; o setor íntimo foi o pano de fundo para as questões relativas à privacidade e à intimidade; o setor de serviços, por fim, foi o campo para o debate sobre a organização do trabalho doméstico, protagonizado pela empregada Belmira. E quais foram, então, as transformações e permanências, nas relações familiares, possíveis de serem avaliadas a partir das alterações espaciais observadas de uma casa para a outra?

O **convívio familiar e social** parece ter se modificado consideravelmente. O único espaço voltado para esse fim, na casa antiga, composto pelas salas de jantar e estar integradas, cumpria mais a função de representação social do que de convívio familiar. As ocasiões para o seu uso eram poucas, restringindo-se às solenidades formais. No entanto, se os eventos eram raros, sua localização no centro da casa lhe conferia intensa presença na dinâmica do movimento dos moradores, pois servia de passagem entre os dormitórios e a cozinha.

O verdadeiro espaço de convívio consistia na copa, uma extensão da cozinha. Era em volta da mesa de refeições cotidianas que a família se reunia todos os dias, em diferentes horários. Seja para as refeições ou para o lanche da tarde, o pretexto para o encontro foi, num primeiro momento, o rádio, que ali se encontrava. Quando surge a televisão, já na metade da década de 1960, é ali que ela vai encontrar seu lugar, intensificando a permanência da família no ambiente.

Não se pode dizer que, sentadas em cadeiras com assentos de palha, as pessoas gozavam de conforto, especialmente quando se demoravam em seus afazeres, quaisquer que fossem. A localização da televisão, por outro lado, a um canto do ambiente, exigia o deslocamento de algumas cadeiras ou o contorcionismo corporal de alguns para ser visualizada.

Na casa nova, o programa para o convívio se ampliou. Formado por sala formal, sala de TV e sala de jantar, ganhou em dimensões e intensidade de uso, principalmente no inverno, quando TV e lareira se tornavam o centro e o foco das atenções. O conjunto de sofás, voltados diretamente para o coração da casa, conferiu o conforto necessário para a permanência prolongada. As noites e tardes de domingo eram ali animadas pelas imagens, agora coloridas, que informavam e formavam crianças e adultos.

Informalmente, a garagem, provida de grande mesa para churrasco e todos os eletrodomésticos de apoio, se tornou o lugar mais frequentado da casa, principalmente no verão, quando as portas permaneciam abertas e integravam interior e exterior, tanto para o jardim quanto para a rua. A exposição aos olhos dos transeuntes não era uma preocupação; pelo contrário, se eram próximos os que passavam, o convite para se integrar ao evento que ocorria era quase sempre respondido com festejada adesão. Dessa forma, a garagem, nessa casa, era o espaço legítimo e consagrado para a convivência familiar.

A sala formal, logo no acesso social, era o ambiente menos utilizado. Somente os mais estranhos eram ali recepcionados, na intenção de que a formalidade não prolongasse a permanência. Eventualmente, em grandes festas, principalmente aniversários, quando todos os espaços eram intensamente ocupados, a sala de visitas então se enchia de vitalidade.

A sala de jantar, na transição entre salas de estar e demais setores da casa, distintamente da anterior, na casa antiga, era intensamente utilizada, abolindo o caráter formal da sua precedente. Todas as refeições principais eram ali realizadas, independente do número de pessoas à mesa que, de superfície circular, permitia que todos se olhassem diretamente, potencializando a dinâmica de interação. Em

situações solenes, o número de cadeiras aumentava para receber os convidados, podendo acomodar até dez pessoas.

Assim, é possível assegurar que os novos espaços de estar, aliados à presença da televisão em ambiente adequado e confortável, e a garagem como precursora do salão de festas, maximizaram as possibilidades de encontro entre os membros da família e entre esses e seus convidados. Da mesma forma, as grandes aberturas, tanto na garagem quanto nas salas de estar e jantar, ampliaram as relações entre interior e exterior, dilatando o espaço interno, ainda que “a exibição da visibilidade da família induz a sua integração a uma engrenagem coletiva superior” (ÁBALOS, 2003, p. 78), o que, parece, não representava um problema a ser superado pela família De Carli.

Em relação à **privacidade e intimidade**, mudanças consideráveis ocorreram. Na casa antiga a intimidade da família era comprometida pela falta de privacidade dos dormitórios. Ao se conectarem diretamente com a sala de jantar, espaço de maior representação social da residência, expunham sem pudores, aos olhos de estranhos, o espaço mais íntimo, aquele onde os corpos podem gozar de maior liberdade e, portanto, de maior independência e domínio sobre si.

Por anos, os dormitórios foram compartilhados por mais de um membro familiar, inclusive casal com filho, restringindo manifestações pessoais íntimas e afetando o desenvolvimento de subjetividades distintas e autônomas, à exceção de Nona Angelina, que tinha o espaço todo para si. Como agravante, a localização do banheiro, no outro extremo da casa, forçava a um deslocamento longo e, por vezes, constrangedor, obrigando os moradores a aumentar a atenção ao realizar o percurso, sob pena de serem surpreendidos em vestes e humores inadequados à exibição.

Por outro lado, a definição clara de um setor íntimo na nova moradia, resguardado do restante da casa, inaugurou uma dinâmica funcional interna que facilitou e potencializou a intimidade. O resguardo já se dava pela condição dos acessos, tanto social quanto de serviços, ao interior da residência, cujos espaços – a sala de visitas, a garagem ou a lavanderia – não permitiam a visualização dos

dormitórios, pois várias camadas de espaços impunham sucessivos e controlados filtros.

Com um único acesso, a partir da sala de jantar, a circulação entre os quartos e entre esses e os banheiros não mais submetia os moradores à exposição forçosa, sendo que o banheiro em suíte do dormitório do casal conferia total privacidade ao mesmo. Uma vez fechada a porta de entrada ao dormitório, todas as atividades íntimas do par poderiam ser feitas sem invasão. Ao mesmo tempo, ao se localizar em um extremo do setor e separado dos demais dormitórios pelos dois banheiros, o isolamento acústico era adequadamente eficiente.

Agora, cada morador tinha seu próprio espaço, lembrando que a filha mais velha, Mara, não mudou para a casa nova, devido ao casamento. A filha mais nova e o filho dispunham de todas as facilidades em seus quartos, permitindo que suas tarefas fossem executadas no isolamento desejado – se tratando de adolescentes –, inclusive os temas escolares, devido à presença das escrivaninhas, posicionadas próximas às janelas para o melhor aproveitamento da luz.

As janelas de todos os dormitórios, voltadas para a rua, eram largas, mas protegidas por painéis de madeira externos que permitiam regular tanto a entrada da luz e do sol quanto dos olhares de fora. Com esses painéis, as cortinas puderam ser abolidas dos quartos, excetuando-se o aposento do casal, que manteve a cortina mais como decoração do que como proteção.

Dessa forma, é legítimo assegurar que a privacidade, facilitadora da intimidade, sofreu grandes transformações na casa nova, ao garantir espacialmente, quando desejável, “estruturas consagradoras do isolamento familiar e da distinção categórica entre usuários, particularmente entre moradores e visitantes” (AMORIN, *in* LEITÃO; AMORIN, 2007, p. 91), enfatizando o favorecimento da vida privada da família em uma época em que, diferentemente dos dias atuais, a mesma podia ser assegurada com um projeto de arquitetura.

A **organização do trabalho doméstico**, em ambas as casas fortemente impregnada pela presença das mulheres, sofreu expressivas alterações de um período para o outro. Se as personagens se mantiveram, o mesmo não ocorreu com

a dinâmica de organização dos afazeres da casa, cujos espaços e novas facilidades voltados a esse fim facilitaram consideravelmente a execução dos serviços.

Na antiga casa, a situação da lavanderia era precária. Semienterrada, o acesso a ela exigia de Belmira esforço para o qual não tinha mais disposição nem energia. Desconectada do interior da residência, forçava o deslocamento através do exterior, tornando o trabalho com as roupas da família exaustivo. Nos dias frios ou chuvosos, demandava resistência física e boa saúde, além do empenho habitual.

A disposição dos móveis da cozinha não seguia a sequência da lógica produtiva que a execução das tarefas postulava, requerendo deslocamentos que retardavam o trabalho. A localização da geladeira, em outro ambiente, implicava, além do deslocamento, no transtorno seu uso provocava, especialmente quando a copa estava repleta de pessoas, às vezes convidadas de Dona Zóla.

A falta de lugares para armazenamento, tanto de mantimentos quanto de produtos para a manutenção da casa, também solicitava empenho extra. Os produtos de limpeza, especialmente os de embalagens maiores, precisavam ser buscados na lavanderia, cuja precariedade do acesso já foi mencionada, e as idas ao mercado necessitavam de incômoda assiduidade.

Na nova casa, de outra forma, os requerimentos modernos de conforto e eficiência foram rigorosamente aplicados, de forma a “reorganizar as tarefas em esquemas avessos a interferências, perfeitamente coordenados.” (ÁBALOS, 2012, p. 74). Os ambientes voltados ao trabalho doméstico, cozinha, lavanderia e despensa, todas no interior da casa e topologicamente conectadas, encurtavam os deslocamentos e abreviavam os serviços, decretando o fim dos sacrifícios de Belmira.

A despensa, com um cômodo específico para a guarda de mantimentos, possibilitava agora grandes estoques, assim como o freezer, na garagem. As idas ao pequeno mercado do bairro se reduziram e, devido ao volume das compras, era feita com o uso do carro. Assim, tornava-se um evento mensal digno de celebração, quando o casal, devidamente trajado, fazia da tarefa um evento social, pois era comum encontrar amigos no único grande mercado da cidade.

Belmira não mais criticava as condições sob as quais tinha que realizar a lavagem das roupas da casa e dos moradores. A lavanderia era inteiramente acessível, tanto do interior da casa quanto do exterior, e o grande vão de janelas e portas envidraçadas, ocupando toda a parede voltada ao corredor lateral externo, impregnava o ambiente de luz e ar fresco, o que tornava o lugar generosamente mais salubre do que o da casa antiga.

A máquina de lavar roupas e, mais tarde, quando Neuza já havia ocupado a posição de Belmira na execução dos trabalhos domésticos, a de secar, imprimiram expressiva comodidade e rapidez no cumprimento do dever. O tanque continuou a ser usado; nunca mais para a lavagem de roupas mas para a limpeza de itens pesados e muito sujos, como panos de chão e calçados, ou para a vazão das águas provenientes dos baldes utilizados para a limpeza geral da casa.

A cozinha, equipada com o que havia de mais atual na época, era a consagração da eficiência e modernidade. O rigor da organização em série facilitava as funções de armazenar, preparar, cozinhar e servir, numa sequência que não ficava a dever a uma linha de montagem industrial. A iluminação natural, durante o dia, e a artificial, à noite, assim como os novos materiais empregados na execução dos móveis planejados para seus respectivos espaços, e as superfícies de piso e paredes, lisas e de fácil limpeza, garantiam as condições ideais para que as empregadas, ou mesmo Dona Zóla, atingissem o aspecto de higiene obsessivamente perseguido.

Essa cozinha, mais do que os outros ambientes da casa, e muito mais do que a da casa antiga, era a imagem de uma família organizada, eficiente e higiênica, que evocava saúde e bem-estar, aparentemente livre de contaminações indesejadas. Era “um espaço cuja desinfecção era propiciada pela transparência, pela insolação, pela limpeza” (ÁBALOS, 2012, p. 75) e que, assim, tratava de evitar qualquer vestígio de insalubridade.

Para encerrar, cabe retornar à questão de origem, que diz respeito às transformações relativas aos hábitos familiares que a nova casa dos De Carli infligiu a seus habitantes, partindo da hipótese que:

A estrutura espacial expressa os possíveis arranjos espaciais adequados ao atendimento dos requerimentos sociofuncionais de um grupo social e que as regras que restringem as possibilidades de interação entre os membros do grupo social estão impregnadas na própria estrutura espacial. (AMORIN, *in* LEITÃO; AMORIN, 2007, p. 103).

Nesse caso, admite-se a legitimidade de que os anfitriões representam um grupo formado por descendentes de Italianos que, ao longo do tempo e pela dedicação ao trabalho, alçaram uma condição social privilegiada no contexto brasileiro. Esse grupo, em proporção reduzida em relação ao número da população, é oportuno que se diga, é o que teve e tem as condições econômicas de contratar profissionais de arquitetura, os quais podem, através de seus projetos e bases teóricas, oferecer-lhe as casas que “se quer e que se pode ter.”

As mudanças, visivelmente, foram muitas e significativas, como se pôde observar. A ineficiência das condições do trabalho doméstico, a falta de intimidade e a precariedade dos espaços voltados ao convívio, observadas na casa antiga, deu lugar ao conforto, à privacidade e à ampliação das possibilidades do relacionamento familiar e social, na nova casa. Pode-se deduzir, então, que as qualidades e os atributos positivos dos novos espaços implicaram, além dos câmbios na dinâmica familiar, em ganhos substanciais para os habitantes da nova moradia, sejam de ordem pessoal ou coletiva.

A despeito desse saldo, e considerando genericamente os temas que a contraposição das duas casas suscita, uma última questão emerge desses objetos. Os estilos de vida e os comportamentos da família mudaram; isso significa dizer que a família também mudou, a partir dos diferentes elementos físicos que a rodeavam?

A casa moderna, em tese, parece ter sido habitada por uma família modelo, aquela do homem-tipo idealizado por Le Corbusier. Esse ser inventado nada mais é do que uma espécie de construção puramente mental que consentiu que os arquitetos modernos, através de seus projetos, induzissem o comportamento social a ponto de eliminar as distinções. Portanto, “o que é significativo é o fato de que

essa família carece de traços particulares: a diferença, como forma de significação, foi abolida, integrando agora uma totalidade social gigante.” (ÁBALOS, 2012, p. 72).

A modernidade tratou de erradicar as idiosincrasias pessoais e as peculiaridades dos grupos; em qualquer lugar do mundo contemporâneo, no interior de qualquer casa, se saberá onde encontrar um garfo, na cozinha, ou como fazer funcionar um aparelho doméstico. Seria essa uma herança do positivismo?

Por outro lado, se na casa antiga faltavam conforto e praticidade, e seus habitantes pareciam alheios à ideia de ‘ordem e progresso”, a dinâmica familiar ainda atuava na contramão daqueles códigos que viriam a ser rigorosamente impostos pela modernidade e seus projetos, arquitetônicos ou ideológicos, e assimilados sem restrições para a massificação de condutas. Se os eventos ocorriam de forma aparentemente caótica, eram percebidos pela família como uma postura natural de não aceitar nem negar uma determinada circunstância, de forma não dogmática e, portanto, mais emancipada e autônoma.

Entre uma coisa e outra, o que se ganha é também o que se perde.

REFERÊNCIAS

- ABALOS, Inaki. **A boa vida**: visita guiada às casas da modernidade. Barcelona: Gustavo Gili, 2003.
- ADAMI, João Spadari. **História de Caxias do Sul**. Tomo I 1964-1970, Caxias do Sul: Ed. Paulinas, 1971.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Fazer defeitos na memória**. In GONÇALVES, Márcia de Almeida *et al*, organizadoras. Rio de Janeiro: FGV, 2012.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BANHAM, Reyner. **Teoria e projeto na primeira era da máquina**. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- BENEVOLO, Leonardo. **História da arquitetura moderna**. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- BERTUSSI, Paulo. In: Weimer, Günter (Org.). **A Arquitetura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- BRANDÃO, Ludmila de Lima. **A Casa Subjetiva**: matérias, afectos e espaços domésticos. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- BUZZAR, Miguel Antônio. **A ideia de uma casa brasileira**. Do.Co,Mo.Mo Artigo, 2003.
- CAON, Marcelo. **Memória e cidade**: o processo de preservação do patrimônio histórico edificado em Caxias do Sul 1974-1994. Porto Alegre: PUCRS – Programa de Pós Graduação em História, 2010. Dissertação de mestrado em História.
- CAVALCANTI, Lauro. **Quando o Brasil era moderno**: Guia de arquitetura 1928-1960. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.
- CAVALCANTI, Lauro, CORRÊA DO LAGO, André. **Ainda moderno?** Arquitetura Brasileira Contemporânea. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- CAXIAS DO SUL. Ato 9, de 7 de dezembro de 1920. Código Administrativo do Município de Caxias do Sul. Caxias do Sul: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

CAXIAS DO SUL. Decreto 10, de 5 de março de 1893. Código de Posturas do Município de Santa Thereza de Caxias. Caxias do Sul: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

CHARTIER, Roger. **História da Vida Privada**, 3: da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo, Cia das Letras, 1991.

COMAS, Carlos E. D. **Precisões brasileiras sobre um estado passado da arquitetura e urbanismo modernos**. Paris: Universidade de Paris 8, 2002. Tese de doutorado em Arquitetura.

CORREA, Telma de Barros. **A construção do habitat moderno no Brasil: 1870-1950**. São Carlos: RiMA, 2004.

COSTA, Ana Elísia da. **Evolução da Arquitetura Industrial em Caxias do Sul: 1880 – 1950**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – PROPAR, 2001 Dissertação de mestrado em Arquitetura.

COSTA, Ana Elísia, *et al.* **Arquitetura moderna na Serra Gaúcha: acervo e novas tecnologias na educação patrimonial**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011 (recurso eletrônico).

CUNHA, Jorge Luiz da. **Rio Grande do Sul und die deutsche kolonization**. Santa Cruz do Sul: UNISC / Gráfica Léo Quatke, 1995.

FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil**, 2ª edição. São Paulo: Editora da USP, 2011.

FILIPPON, Maria Isabel. **A casa do imigrante italiano**, a linguagem do espaço de habitar. 2007. 153 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional) – Universidade de Caxias do Sul, 2007.

FRAMPTON, Kenneth. **História crítica de la arquitectura moderna**. Barcelona: Gustavo Gili, 1993.

FRIZZO, Leoni M. **Industrialização de Caxias do Sul: da gênese às exportações**. São Paulo: USP, 1997. Tese de doutorado em Geografia.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA DO RS. <https://www.fee.rs.gov.br/>. Acessado em 02/06/2018, às 17h23min.

GIRON, Loraine S. **Dominação e subordinação: mulher e trabalho na pequena propriedade**. Porto Alegre: EST, 2008.

_____. **Caxias do Sul: evolução histórica**. Caxias do Sul: UCS/EST, 1977.

GIRON, Loraine S.; BERGAMASCHI, Heloísa E. **Terras e Homens: colônias e colonos no Brasil**. Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

GIRON, Loraine S.; RADÜNZ, Roberto. (Org.) **Imigração e Cultura**. Caxias do Sul: Educs, 2007.

GRAEFF, Edgar [et al.]. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. Rio de Janeiro: Gertum Carneiro, 1947.

GROPIUS, Walter. **Bauhaus: Nova arquitetura**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2012.

HERÉDIA, Vania B. M. **Processo de industrialização da zona Colonial Italiana**. Caxias do Sul: Educs, 1997.

_____. **Processo de Industrialização da Zona Italiana: estudo de caso da primeira indústria têxtil do Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul, EDUCS, 1997.

HOBSBAWM, Eric J. **A Era do Capital: 1848 – 1875**. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

HOBSBAWM, Eric J., RANGER, Terence (org). **A Invenção das Tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

JENCKS, Charles. **Movimentos Modernos em Arquitectura**. Lisboa: Edições 70, 1985.

KOOP, Anatole. **Quando o moderno não era um estilo e sim uma causa**. São Paulo: Nobel/ Edusp, 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

LEMOS, Carlos A. C. **A República Ensina a Morar**. São Paulo, Hucitec, 1999.

_____. **Cozinhas, etc**. São Paulo, Perspectiva, 1978, 2ª ed.

_____. **História da casa brasileira**. São Paulo: Contexto, 1996.

MACHADO, Maria Abel. **Construindo uma cidade: história de Caxias do Sul 1875/1950**. Caxias do Sul: Maneco Livraria & Editora, 2001.

MANFROI, Olívio. **A colonização Italiana no RS: implicações econômicas, políticas e culturais**. Porto Alegre: EST, 2001.

MINDLIN, Henrique. **Arquitetura Moderna no Brasil**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999.

MONTE-MÓR, Roberto Luís. **As Teorias Urbanas e o Planejamento Urbano No Brasil**. In: DINIZ&CROCCO (eds.), *Economia Regional e Urbana: contribuições teóricas recentes*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. (p. 61-85).

MONTEZUMA, Roberto (org.) **Arquitetura Brasil 500 anos**. Recife: UFPE, 2002.

NASCIMENTO, Roberto R. F. do. **A formação urbana de Caxias do Sul**. Caxias do Sul: EducS, 2009.

NETTO, José T. C. **Moderno pós-moderno**. Porto Alegre, L&PM, 1996.

PERROT, Michele (org.). **História da vida privada, 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

PEVSNER, Nikolaus. **Origens da Arquitetura Moderna e do Design**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PIÑÓN, Helio. **El sentido de la arquitectura moderna**. Barcelona: Edicions UPC, 1997.

_____. **Reflexión histórica de la arquitectura moderna**. Barcelona: Edicions 62, 1981.

POSENATO, Julio. **Arquitetura da imigração italiana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: EducS, 1983.

RADÜNZ, Roberto. **Deutschtum e italianità: uma introdução à historiografia comparada no Sul do Brasil**. In: GIRON, Loraine S.; RADÜNZ, Roberto. **Imigração e Cultura**. Caxias do Sul: EducS, 2007.

_____. **Os custos sociais da Europa revolucionária: o século XIX e a imigração**. In: *Métis: História e Cultura*. Vol. 1. Caxias do Sul, EDUCS, 2002.

RYBCZINSKI, Witold. **Casa: pequena história de uma ideia**. Rio de Janeiro, Ed. Record, 1996.

SCULLY Jr, Vincent. **Arquitetura Moderna**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil: 1900 – 1990**. São Paulo: Editora da USP, 1997.

_____. **Modernidade Pragmática: Uma arquitetura fora dos manuais**. Revista Projeto. São Paulo: Ed. Projeto, n° 191, 1995.

SEGRE, Roberto. **Casas brasileiras**. Rio de Janeiro, Viana & Mosley, 2010.

SILVA, João Luiz M. da. **Transformações no espaço doméstico: o fogão a gás e a cozinha paulistana, 1870-1930.** Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. v.15. n.2.p. 197-220. jul.-dez. 2007.

SUBIRATS, Eduardo. **Da vanguarda ao pós-moderno.** São Paulo: Nobel, 1984.

VERÍSSIMO, Francisco S.; BITTAR, William S. M. **500 anos da casa no Brasil.** Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

WEIMER, Günter. **A Arquitetura no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

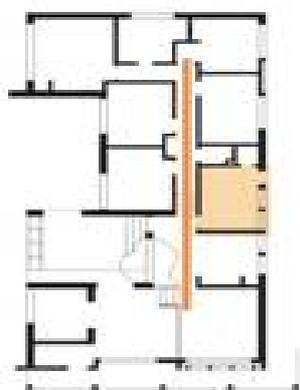
_____. **Arquitetura Modernista em Porto Alegre entre 1930 e 1945.** Porto Alegre: EU/Porto Alegre, 1998.

ZABALBEASCOA, Anatxu. **Todo sobre la casa.** Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2011.

ANEXO A – CASAS DÉCADAS DE 1950, 1960, 1970

Fonte: Acervo Pesquisa Modernidade e Cultura de Morar na Serra Gaúcha
Desenho: Patrícia Marin

Casa Danilo Callegari



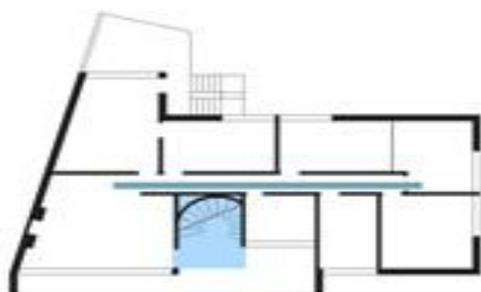
Casa Danilo Callegari – 1953

Casa Francisco Stedile



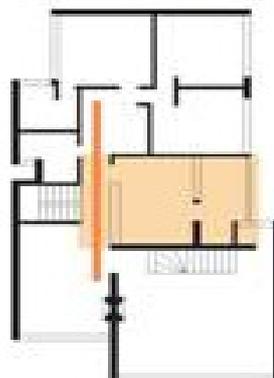
Casa Francisco Stedile – 1959

Casa Júlia Tomé



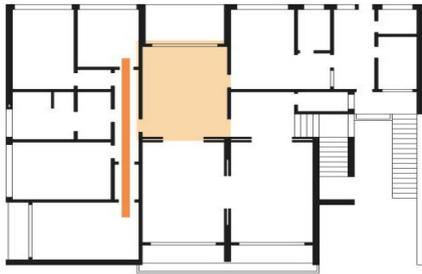
Casa Júlia Tomé – 1960

Casa Raul Fedrizzi



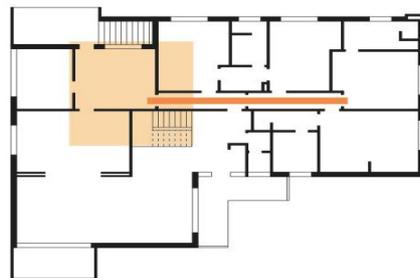
Casa Raul Fedrizzi – 1962

Casa Odone Gobatto



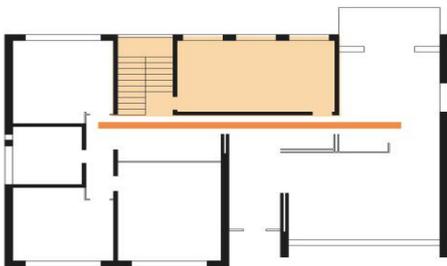
Casa Odone Gobatto – 1963

Casa Benedictis



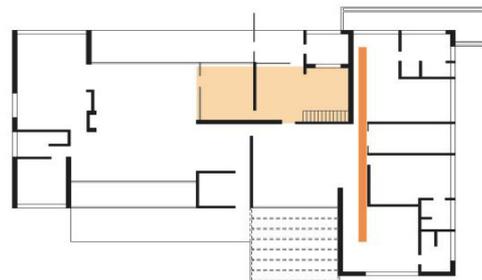
Casa Amerigo de Benedictis - 1964

Casa Leo Geremia



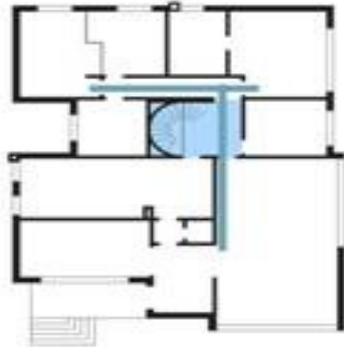
Casa Leo Geremia – 1964

Casa Cândida Scariot



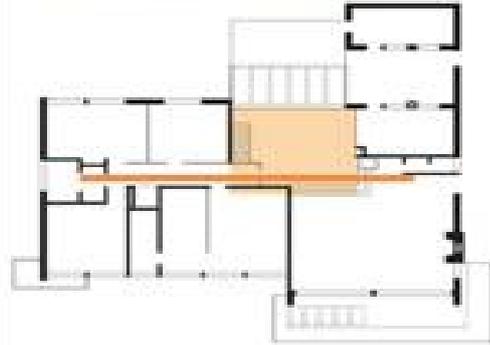
Casa Cândida Scariot - 1964

Casa Luiz Menegat



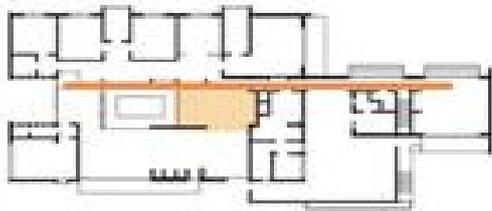
Casa Luiz Menegat – 1965

Casa Ottavio Pettenatti



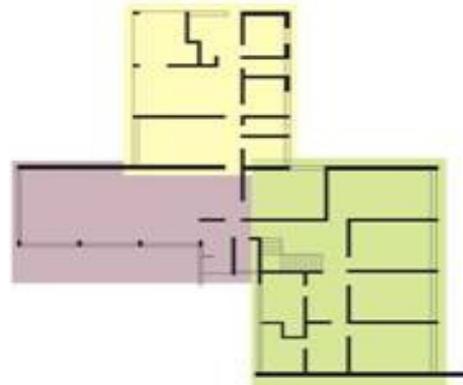
Casa Ottavio Pettenatti - 1966

Casa Norberto Tonietto



Casa Norberto Tonietto – 1967

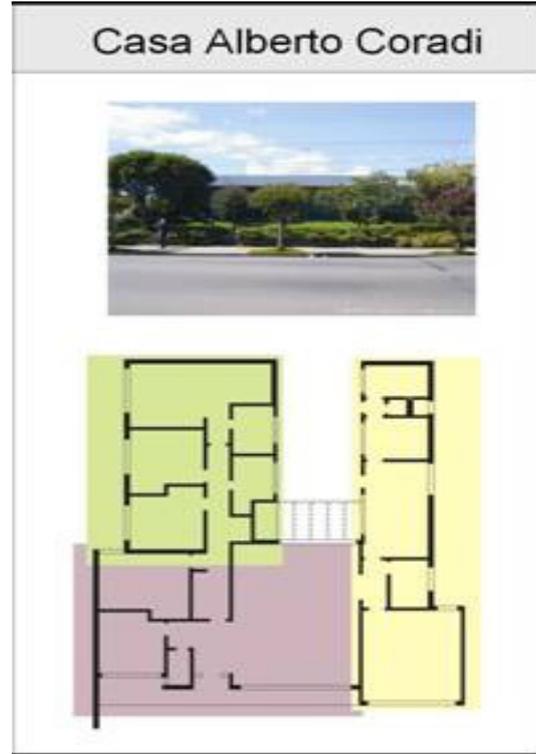
Casa Alcides Fabris



Casa Alcides Fabris – 1969



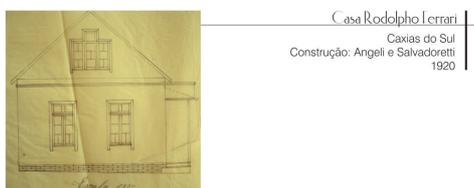
Casa Ladir Storchi – 1970



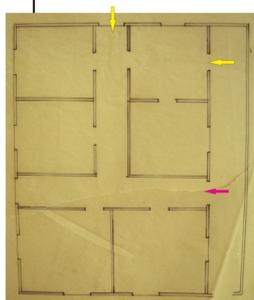
Casa Alberto Coradi – 1972

ANEXO B – CASAS DÉCADAS DE 1920, 1930, 1940

Fonte: Acervo Pesquisa Modernidade e Cultura de Morar na Serra Gaúcha
 Desenho: Nadime Koff, adaptado de Arquivo Histórico Municipal

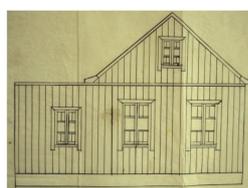


Casa Rodolpho Ferrari
 Caxias do Sul
 Construção: Angeli e Salvadoretti
 1920

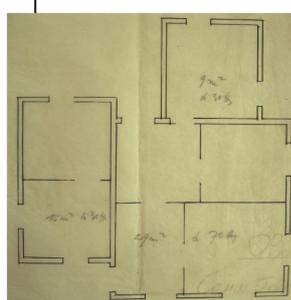


Legenda
 - Acesso social
 - Acesso serviço
 - Setor Social
 - Setor Interno
 - Setor Serviço
 - Sobreposição

lipo 901
 Modelo 20.1.5.



Casa João Cemim
 Caxias do Sul
 Construção: João Spinato
 1920



Legenda
 - Acesso social
 - Acesso serviço
 - Setor Social
 - Setor Interno
 - Setor Serviço
 - Sobreposição

lipo 909
 Modelo 20.2.9.



Casa Angelo Corso
 Caxias do Sul
 Construção: Luiz G. Vailtera
 1925

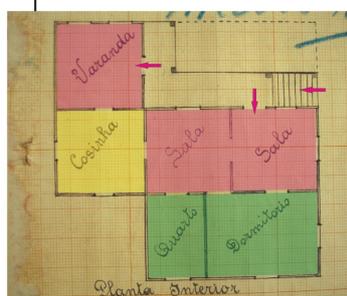


Legenda
 - Acesso social
 - Acesso serviço
 - Setor Social
 - Setor Interno
 - Setor Serviço
 - Sobreposição

lipo 901
 Modelo 20.1.1.



Casa Alfredo Cardoso
 Rua Bento Gonçalves c/ Saboia
 Construção: Ferretti & Aguzzoli
 1927



Legenda
 - Acesso social
 - Acesso serviço
 - Setor Social
 - Setor Interno
 - Setor Serviço
 - Sobreposição

lipo 909
 Modelo 20.2.1.



Casa Ivira Vaccari
Rua Marquês do Herval
Construção: -
1927



Legenda
 - Acesso social
 - Acesso serviço
 - Setor Social
 - Setor Intimo
 - Setor Serviço
 - Sobreposição

lipo 901
Modelo 20.1.2.



Casa Patrício Pasquali
Rua Moreira Cesar
Construção: Alberto Linhares
1927

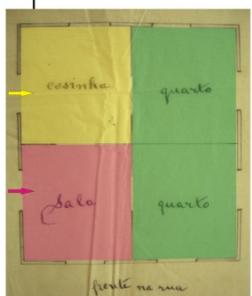


Legenda
 - Acesso social
 - Acesso serviço
 - Setor Social
 - Setor Intimo
 - Setor Serviço
 - Sobreposição

lipo 909
Modelo 20.2.2.



Casa João Linimundo
Rua Borges de Medeiros
Construção: Octaviano Premour
1927



Legenda
 - Acesso social
 - Acesso serviço
 - Setor Social
 - Setor Intimo
 - Setor Serviço
 - Sobreposição

lipo 909
Modelo 20.2.5.



Casa Leídio Lessario
Rua Tronca
Construção: João Spirato
1928



Legenda
 - Acesso social
 - Acesso serviço
 - Setor Social
 - Setor Intimo
 - Setor Serviço
 - Sobreposição

lipo 909
Modelo 20.2.8.



Casa Luiz Ironca
Rua Visconde de Pelotas / Tronca
Construção: Angelo Giordano
1928

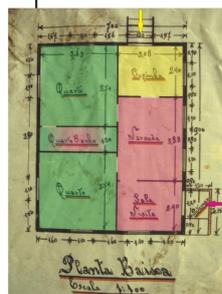


- Legenda
- Acesso social
 - Acesso serviço
 - Setor Social
 - Setor Interno
 - Setor Serviço
 - Sobreposição

lipo 20.3
Modelo 20.2.3.



Casa Anselona Lerretti
Rua Feijó Junior / Pinheiro Machado
Construção: Ampelio Romanzini
1928



- Legenda
- Acesso social
 - Acesso serviço
 - Setor Social
 - Setor Interno
 - Setor Serviço
 - Sobreposição

lipo 20.2
Modelo 20.2.4.



Casa Paulo Menegazzi
Rua Mantua
Construção: Zuardi e Galeano & Cia
1928

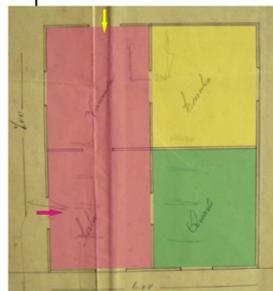


- Legenda
- Acesso social
 - Acesso serviço
 - Setor Social
 - Setor Interno
 - Setor Serviço
 - Sobreposição

lipo 20.1
Modelo 20.1.3.

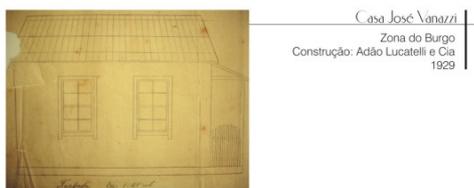


Casa João Dalla Santa
Rua Andrade Pinto
Construção: Raymundo Novas
1928

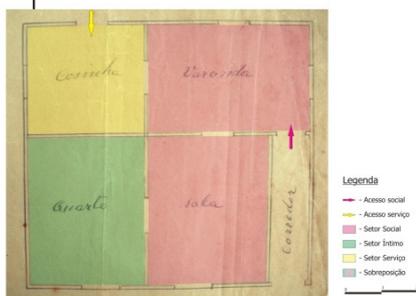


- Legenda
- Acesso social
 - Acesso serviço
 - Setor Social
 - Setor Interno
 - Setor Serviço
 - Sobreposição

lipo 20.2
Modelo 20.2.6.



Casa José Vanazzi
Zona do Burgo
Construção: Adão Lucatelli e Cia
1929



lipo 909
Modelo 20.2.7.



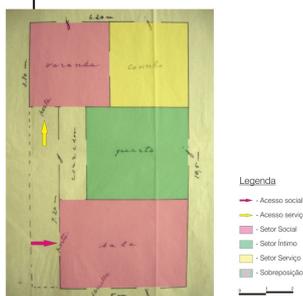
Casa João José Conty
Rua Pinheiro Machado com Gauchinha
Construção: Antônio Corazza
1929



lipo 901
Modelo 20.1.4.



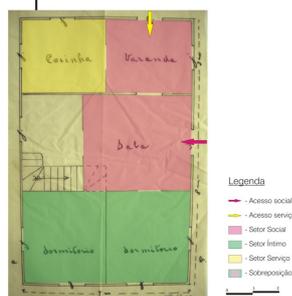
Casa Daniel Angeli
Rua Ernesto Alves
Construção: Fadaneli & Oliveira
1930



lipo 501
Modelo 30.1.6.



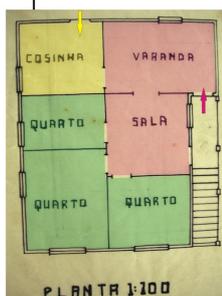
Casa José Araújo
Caxias do Sul
Construção: João Lucatelli
1930



lipo 509
Modelo 30.2.1.



Casa Ilgino Piccoli
Caxias do Sul
Construção: João Spinnato
1933

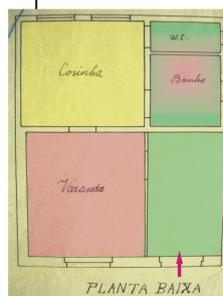


Legenda
 - Acesso social
 - Acesso serviço
 - Setor Social
 - Setor Interno
 - Setor Serviço
 - Sobreposição

lipo 309
Modelo 30.2.3.



Casa Orlando Cruz
Caxias do Sul
Construção: Ferrozzi e Fochesoto
1934

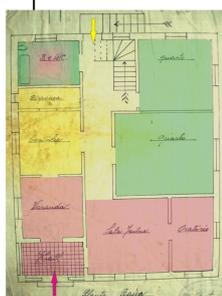


Legenda
 - Acesso social
 - Acesso serviço
 - Setor Social
 - Setor Interno
 - Setor Serviço
 - Sobreposição

lipo 309
Modelo 30.2.7.



Casa Luiz Minghelli
Rua Feijó Junior
Construção: Silvio Tolgo
1934



Legenda
 - Acesso social
 - Acesso serviço
 - Setor Social
 - Setor Interno
 - Setor Serviço
 - Sobreposição

lipo 301
Modelo 30.1.1.

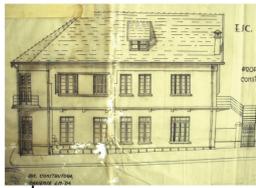


Casa Hermínia Bedin
Caxias do Sul
Construção: Est. 1930
1934

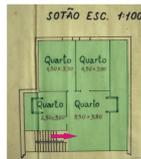
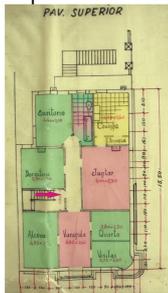


Legenda
 - Acesso social
 - Acesso serviço
 - Setor Social
 - Setor Interno
 - Setor Serviço
 - Sobreposição

lipo 309
Modelo 30.2.4.



Casa Hector Cantergiani
Rua Paim Filho c/ Feijó Junior
Construção: Oscar Regal
1935



lipo 301
Modelo 30.1.2.



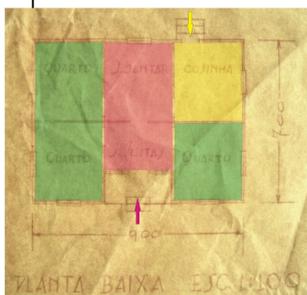
Casa Luiz Comasseti
Rua Desembargador
Construção: Luiz Bertolo
1935



lipo 302
Modelo 30.2.5.



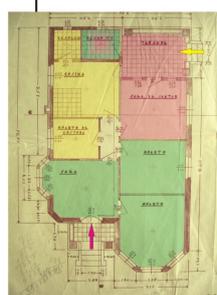
Casa Orestes Albe
Rua Pinheiro Machado
Construção: Alfonso Pasquali
1936



lipo 309
Modelo 30.2.2.



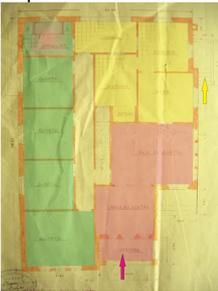
Casa Germani Pisani
Rua Dr. Pestana
Construção: Evaristo Lucchesi
1936



lipo 301
Modelo 30.1.5.

Casa Decodato Canozzi
 Avenida Rio Branco
 Construção: Evaristo Lucchesio e Cia
 1937





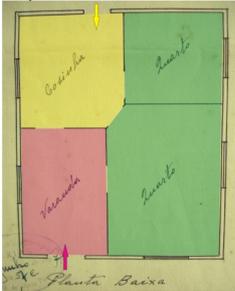

Legenda

- Acesso social
- Acesso serviço
- Setor Social
- Setor Interno
- Setor Serviço
- Sobreposição

tipo 301
 Modelo 30.1.3.

Casa Lourenço Cercatto
 Rua Caxias do Sul
 Construção: Antônio Corazza
 1937



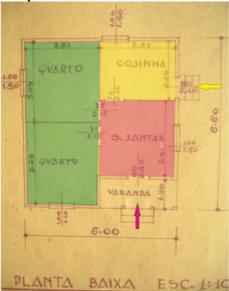


Legenda

- Acesso social
- Acesso serviço
- Setor Social
- Setor Interno
- Setor Serviço
- Sobreposição

tipo 302
 Modelo 30.2.8.

Casa Stefano Alberti
 Caxias do Sul
 Construção: Fontana e Antônio Pasquali
 1938

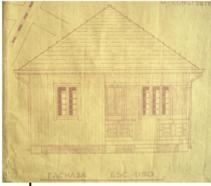



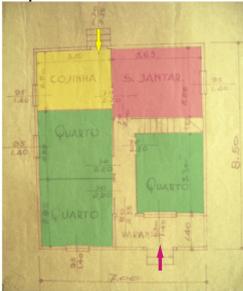
Legenda

- Acesso social
- Acesso serviço
- Setor Social
- Setor Interno
- Setor Serviço
- Sobreposição

tipo 302
 Modelo 30.2.6.

Casa Anísio de Araújo Braga
 Rua Teixeira Mendes
 Construção: João Viel e Alfonso Pasquali
 1938





Legenda

- Acesso social
- Acesso serviço
- Setor Social
- Setor Interno
- Setor Serviço
- Sobreposição

tipo 301
 Modelo 30.1.4.

Casa Iberle e Bellini
Caxias do Sul
Construção: 1940

FACHADA

PLANTA BAIXA

tipo 109
Modelo 40.2.13.

Casa Dulio Ceremia
Rua Dr. Montaury
Construção: Angelo Segalla e Filhos
1940

FACHADA

PLANTA BAIXA

tipo 109
Modelo 40.2.1.

Casa José Antônio Nunes
Rua Venâncio Aires
Construção: Sylvio Toigo
1942

FACHADA ESC. 1:50

PLANTA BAIXA ESC. 1:10

tipo 109
Modelo 40.2.9.

Casa Alcides Luiz Ledrizz
Rua Visconde de Pelotas
Construção: Alfonso Pasquali
1943

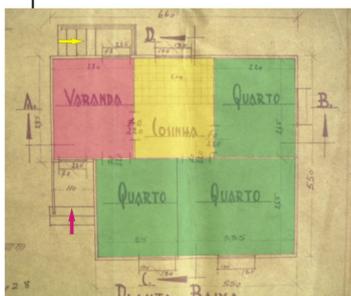
FACHADA ESC. 1:50

PLANTA BAIXA

tipo 109
Modelo 40.2.8.



Casa Nestor Sambaquiz
Rua 13 de Maio / Plácido de Castro
Construção: Segalla & Cia
1946

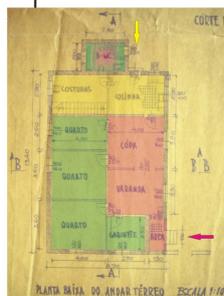


- Legenda
- Acesso social
 - Acesso serviço
 - Setor Social
 - Setor Interno
 - Setor Serviço
 - Sobreposição

lipo 109
Modelo 40.2.12.



Casa Francisco Pacarin
Rua José Jaconi
Construção: Segalla & Cia
1946

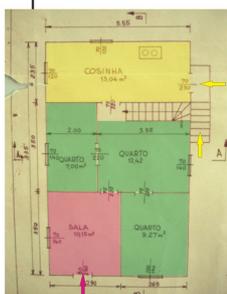


- Legenda
- Acesso social
 - Acesso serviço
 - Setor Social
 - Setor Interno
 - Setor Serviço
 - Sobreposição

lipo 109
Modelo 40.2.2.



Casa João Bernardo de Salles
Vila Operária - Zona do Burgo
Construção: Michelon
1946

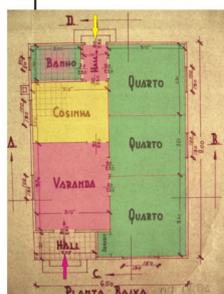


- Legenda
- Acesso social
 - Acesso serviço
 - Setor Social
 - Setor Interno
 - Setor Serviço
 - Sobreposição

lipo 109
Modelo 40.2.10.



Chalets Lino Pagnon
Rua Os 18 do Forte
Construção: Segalla
1947



- Legenda
- Acesso social
 - Acesso serviço
 - Setor Social
 - Setor Interno
 - Setor Serviço
 - Sobreposição

lipo 109
Modelo 40.2.6.



Casa Avelino Perquer
Rua Flores da Cunha
Construção: Segalla & Cia
1947

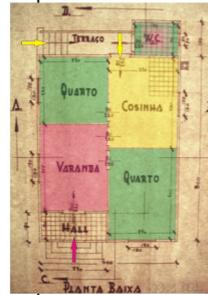


Legenda
 - Acesso social
 - Acesso serviço
 - Setor Social
 - Setor Interno
 - Setor Serviço
 - Sobreposição

lipo 109
Modelo 40.2.5.



Casa Ari Inácio Santo
Rua 13 de Maio
Construção: Segalla & Cia
1947



Legenda
 - Acesso social
 - Acesso serviço
 - Setor Social
 - Setor Interno
 - Setor Serviço
 - Sobreposição

lipo 109
Modelo 40.2.4.



Casa Arago Antônio Padilha
Rua 13 de Maio
Construção: Segalla & Cia
1947

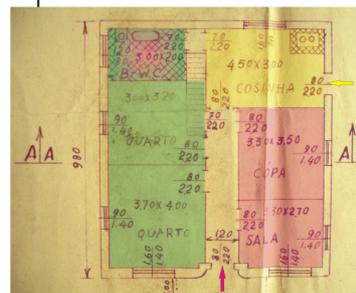


Legenda
 - Acesso social
 - Acesso serviço
 - Setor Social
 - Setor Interno
 - Setor Serviço
 - Sobreposição

lipo 109
Modelo 40.2.3.



Casa Inocente Abel Antoniazzi
Rua 20 de Setembro
Construção: Angelo Giordano
1947

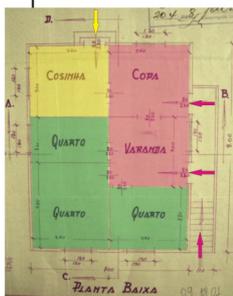


Legenda
 - Acesso social
 - Acesso serviço
 - Setor Social
 - Setor Interno
 - Setor Serviço
 - Sobreposição

lipo 101
Modelo 40.1.1.



Casa Zalmiro Renosto
Rua Venâncio Aires
Construção: Frederico Segallia
1948

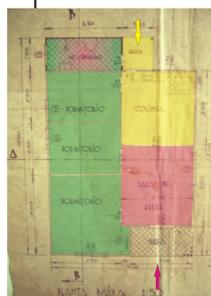


Legenda
 - Acesso social
 - Acesso serviço
 - Setor Social
 - Setor Interno
 - Setor Serviço
 - Sobreposição

lipo 109
Modelo 40.2.11.



Casa José Marchetto
Avenida Brasil
Construção: Caelano Fochesato
1949

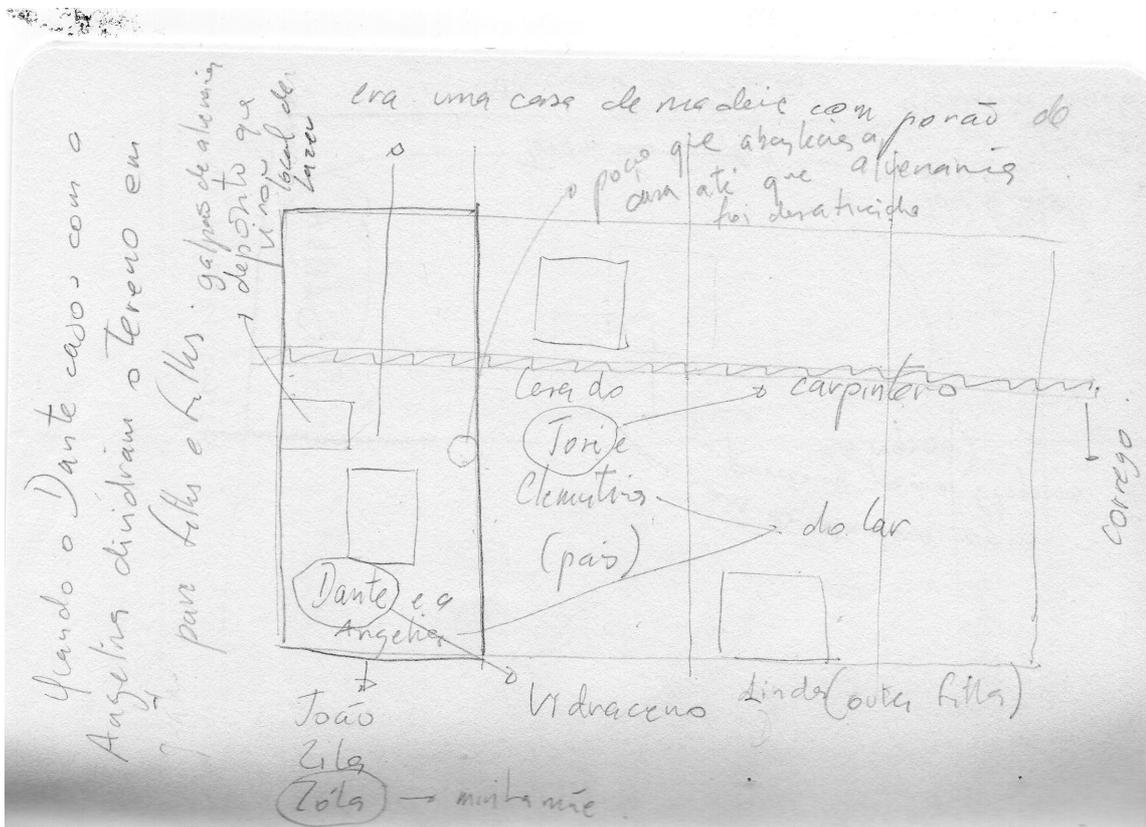
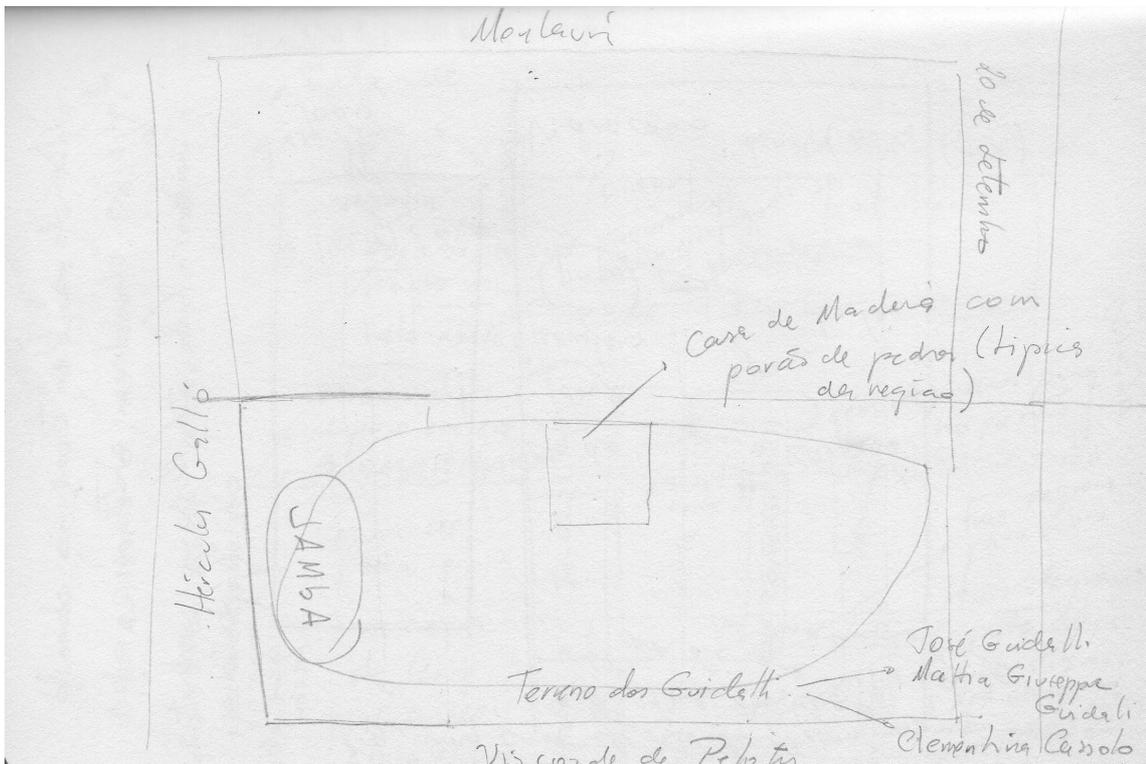


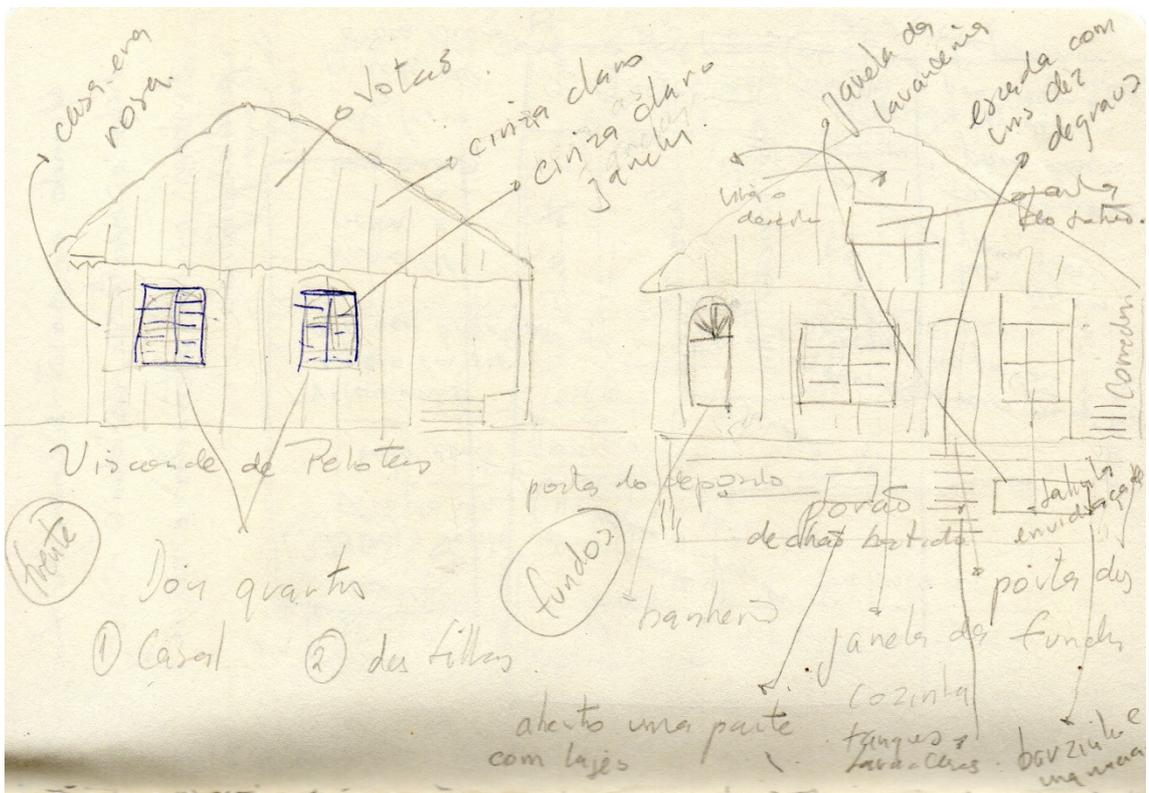
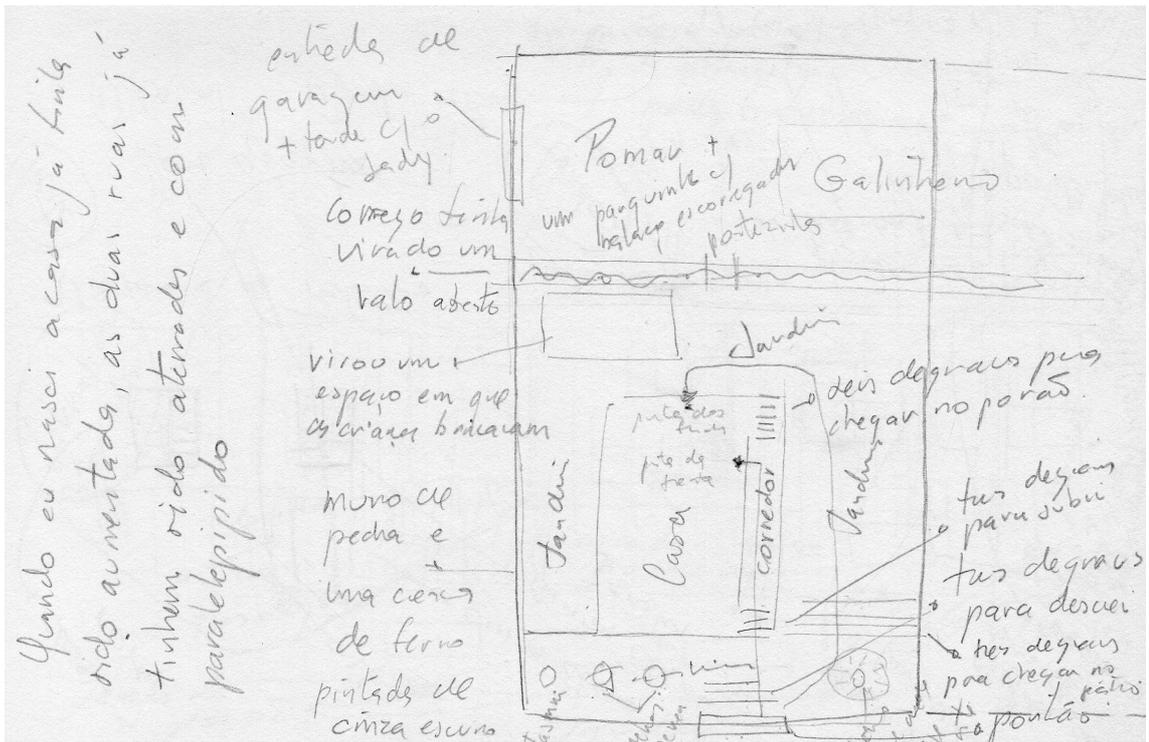
Legenda
 - Acesso social
 - Acesso serviço
 - Setor Social
 - Setor Interno
 - Setor Serviço
 - Sobreposição

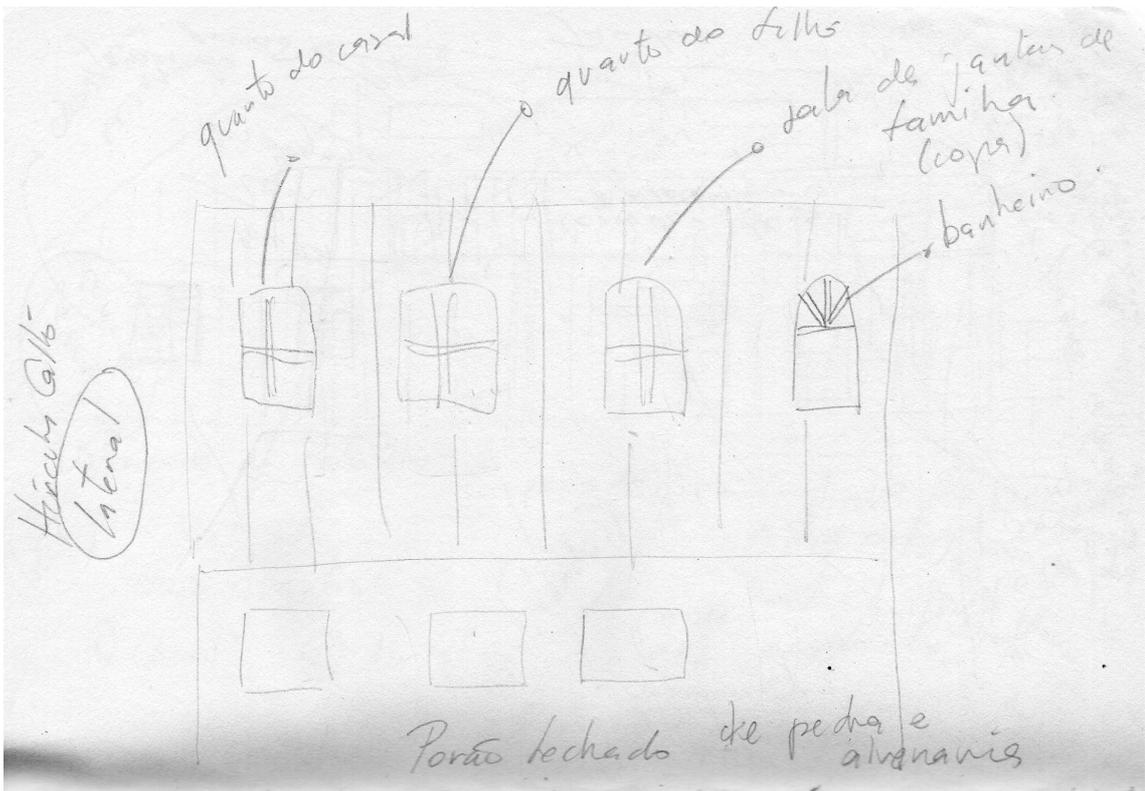
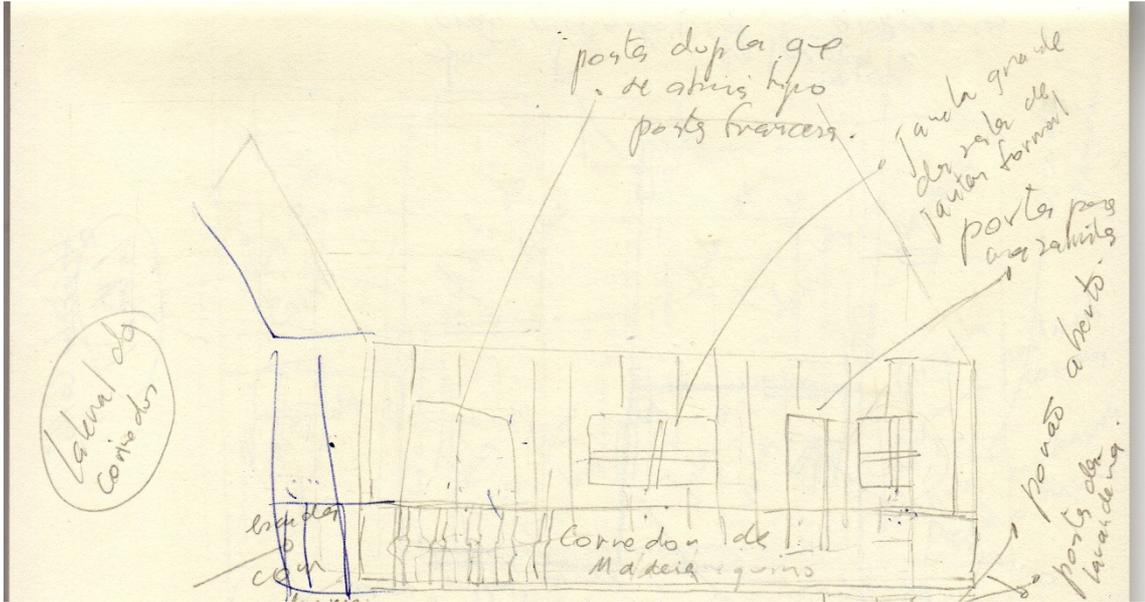
lipo 109
Modelo 40.2.7.

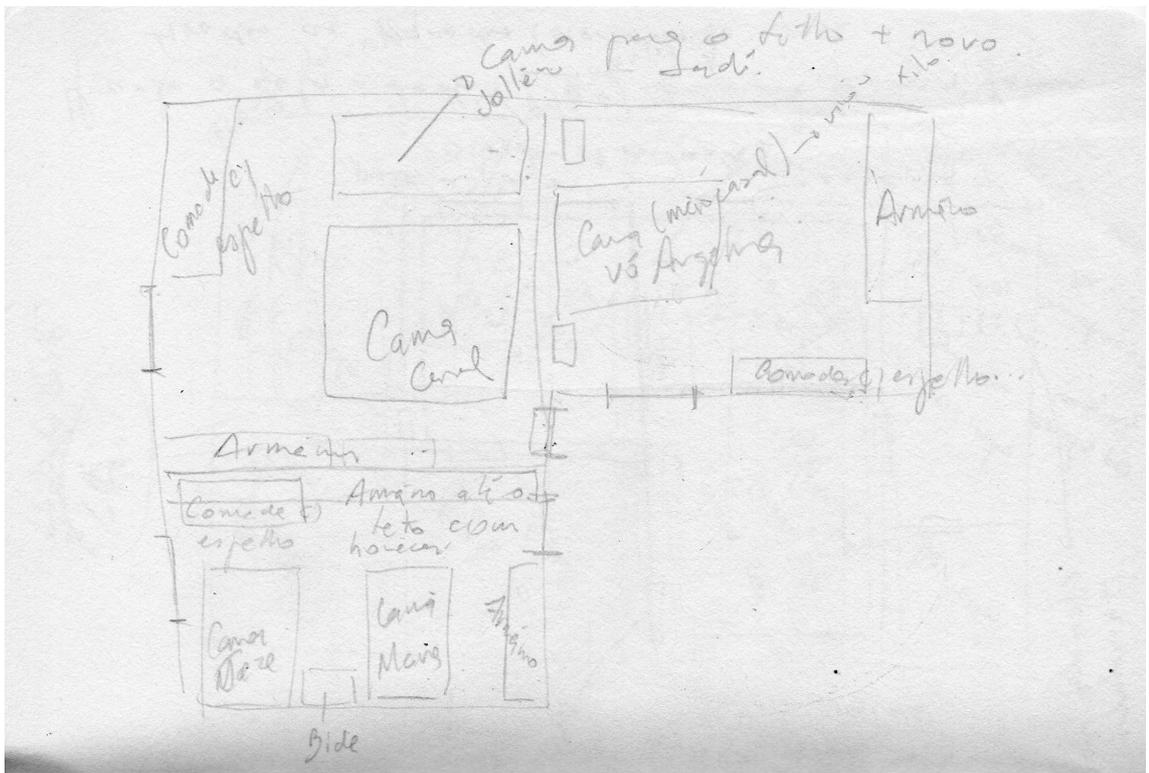
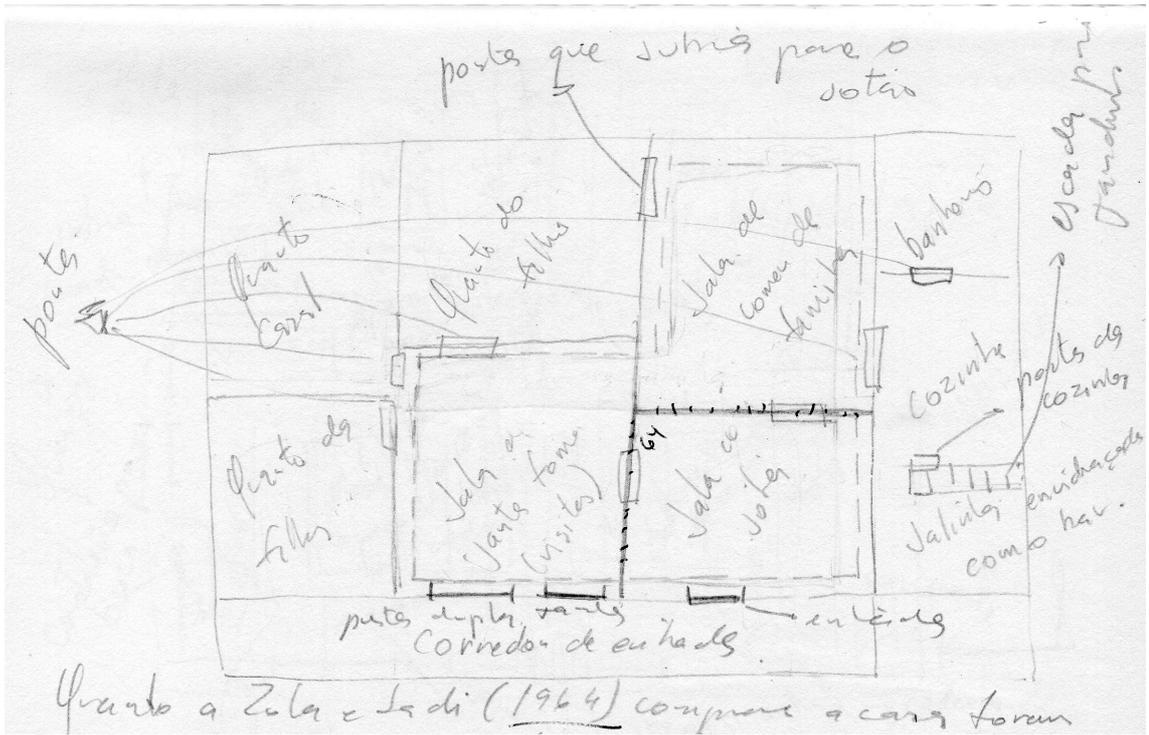
ANEXO C – DESENHOS MARA DE CARLI DOS SANTOS

Fonte: Acervo Pesquisa



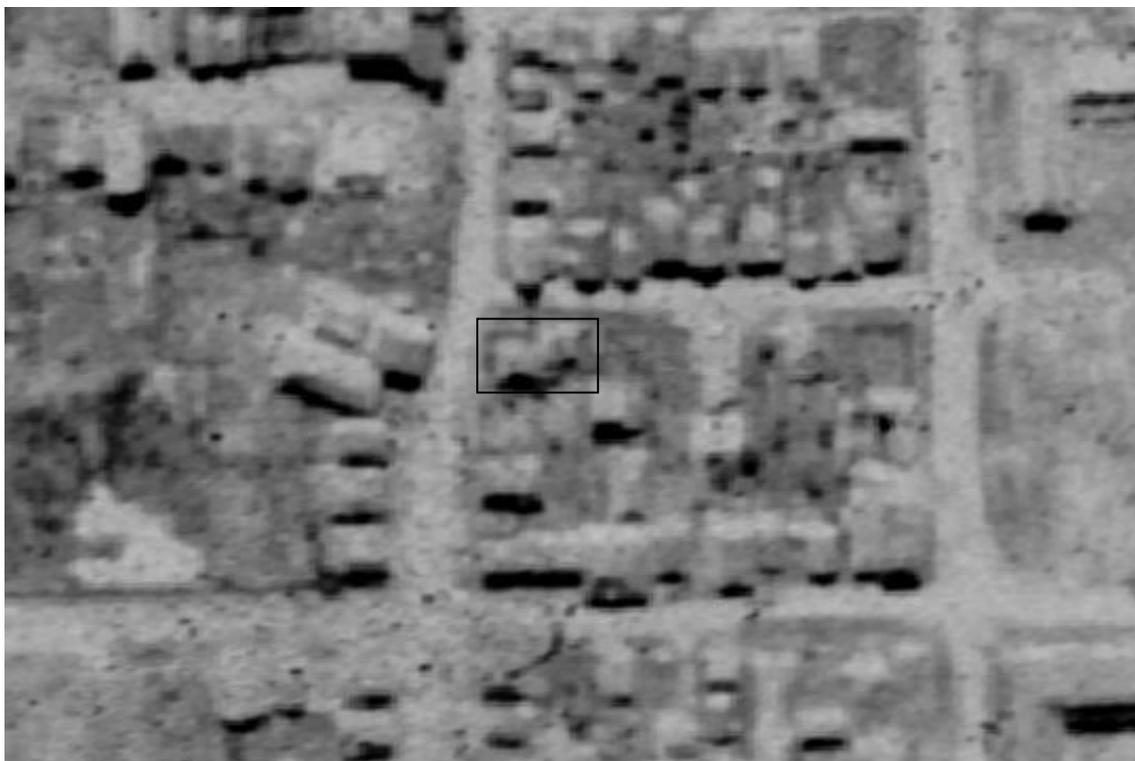






ANEXO D – IMAGEM AEROFOTOGRAMÉTRICA DE 1955

Fonte: <https://geopublico.caxias.rs.gov.br/geocaxias/inicio>



 Localização do lote